Conferences on

_STATE FRAGILITY

Pandemia, Vacinação e Solidariedade:
Implicações nos Países Frágeis

**Pandemics, Vaccination and Solidarity:
Implications in Fragile Countries**

2021

Conferences on

_STATE FRAGILITY

Pandemia, Vacinação e Solidariedade:
Implicações nos Países Frágeis

**Pandemics, Vaccination and Solidarity:
Implications in Fragile Countries**

2021

Clube de Lisboa

GLOBAL CHALLENGES

g7+

GOODBYE CONFLICT, WELCOME DEVELOPMENT

Conferences on
_STATE FRAGILITY

_ ÍNDICE _*CONTENTS*

PARTE 1 /PART 1:

_ RELATÓRIO SÍNTESE _*SYNTHESIS REPORT* PAG_**07**

OS IMPACTOS DA COVID-19 EM CONTEXTOS FRÁGEIS PAG**8**
_ *THE IMPACTS OF COVID-19 IN FRAGILE CONTEXTS*

O PAPEL DO APOIO INTERNACIONAL NA RUTURA DO CICLO DE FRAGILIDADE PAG**15**
_ *THE ROLE OF INTERNATIONAL SUPPORT IN BREAKING THE FRAGILITY CYCLE*

*E AGORA?* PERSPETIVAS DE RECUPERAÇÃO PAG**21**
_ *WHAT NOW? RECOVERY PROSPECTS*

DESAFIOS À VACINAÇÃO E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PAG**33**
_ *VACCINATION CHALLENGES AND INTERNATIONAL COOPERATION*

#statefragility

Conferences on

_STATE FRAGILITY

PARTE 2 /PART 2:

_ PAINÉIS DE DEBATE_*DISCUSSION PANELS* PAG_**47**

_ABERTURA _*OPENING* PAG_**48**

_SESSÃO ESPECIAL:
SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL
PARA COM OS PAÍSES FRÁGEIS PAG_**57**
_*SPECIAL SESSION:*
INTERNATIONAL SOLIDARITY
TOWARDS FRAGILE COUNTRIES

_GEOPOLÍTICA
E DIPLOMACIA DA PANDEMIA PAG_**69**
_*GEOPOLITCS*
AND DIPLOMACY OF THE PANDEMIC

_IMPACTOS ECONÓMICOS
DA PANDEMIA NOS PAÍSES FRÁGEIS PAG_**83**
_*ECONOMIC IMPACTS*
OF THE PANDEMIC IN FRAGILE COUNTRIES

_IMPLICAÇÕES DA PANDEMIA
E DA VACINAÇÃO NOS SISTEMAS
DE SAÚDE PÚBLICA NOS PAÍSES FRÁGEIS PAG_**97**
_*IMPLICATIONS OF PANDEMICS AND*
VACCINATION ON THE PUBLIC HEALTH
SYSTEMS OF FRAGILE COUNTRIES

_ENCERRAMENTO _*CLOSING* PAG_**118**

_ Programa da conferência _Conference programme PAG_**129**

_ Informação adicional _Additional information PAG_**134**

#statefragility

© Darshan Gavali, Unsplash, 2021.

Conferences on

_STATE FRAGILITY

1

_ RELATÓRIO SÍNTESE

_ SYNTHESIS REPORT

#statefragility

OS IMPACTOS DA COVID-19 EM CONTEXTOS FRÁGEIS

A pandemia de COVID-19 tem afetado os países em situação de fragilidade e vulnerabilidade de forma séria e desproporcional, **com efeitos imediatos, duradouros e multiplicadores no agravamento da pobreza e das desigualdades** e na reversão dos ganhos de desenvolvimento conquistados para milhões de pessoas em países pobres. Ainda que os impactos tenham sido sentidos em todo o mundo, os países e populações que já estavam a ficar para trás irão retroceder ainda mais e um número estimado adicional de 150 milhões de pessoas passarão a viver em situação de pobreza extrema, especialmente em contextos frágeis.

Verifica-se, nos últimos anos, uma correspondência crescente entre fragilidade e pobreza (50% das pessoas mais pobres do mundo viverão em Estados frágeis até 2030) e entre fragilidade e conflito (76% dos Estados frágeis são atualmente afetados por conflitos, em comparação com 61% em 2010), sendo provável que se assista ao agravamento destas tendências em resultado deste choque sistémico, o qual evidencia a importância de ter especial atenção à fragilidade dos Estados.

THE IMPACTS OF COVID-19 IN FRAGILE CONTEXTS

The COVID-19 pandemic is affecting countries in fragile and vulnerable situations in a serious and disproportionate way, with **immediate, long-lasting and multiplier effects in aggravating poverty and inequalities** and reversing development gains for millions in poor countries. While the impacts have been felt everywhere, countries and populations that were already behind will fall even further and an estimated additional 150 million people will be pushed into extreme poverty, particularly in fragile contexts.

We have witnessed in recent years a growing match between fragility and poverty (50% of the world's poorest people will live in fragile countries in 2030) and conflict (76% of fragile countries are currently conflict-affected countries compared to 61% in 2010) and these trends are likely to be exacerbated by the consequences of this systemic shock, which further demonstrates the importance of addressing state fragility.

With the world's media focused on the pandemic, other important issues have been even more overlooked but did

Com o enfoque dos media mundiais na pandemia, outros assuntos importantes têm sido ainda mais ignorados, sem terem deixado de existir. A crise climática continua a produzir consequências devastadoras em especial para os países vulneráveis, as crises humanitárias prolongadas e emergentes comprometem as perspetivas de desenvolvimento, e as dinâmicas de vários conflitos violentos em curso não se alteraram com a COVID-19 – tendo o apelo do Secretário-Geral das Nações Unidas para um cessar-fogo mundial sido amplamente ignorado. Torna-se cada vez mais claro que não será possível progredir nos objetivos globais com que o mundo se comprometeu nas Nações Unidas sem abordar o problema da fragilidade dos Estados.

A COVID-19 está a **agravar as causas multidimensionais da fragilidade**, em contextos onde a capacidade de resposta a choques externos e as condições para enfrentar múltiplas crises são, na maioria das vezes, inexistentes. No curto prazo, isto tem sido particularmente evidente nas dificuldades encontradas pelos sistemas de saúde, já enfraquecidos e detendo escassos recursos antes da pandemia (tanto em condições de infraestruturas e de equipamentos, como em recursos humanos e financeiros), assim como na implementação efetiva de medidas sanitárias (como o distanciamento social e os confinamentos) em contextos de pobreza e de conflito, devido a sistemas de saneamento inadequados, habitação deficiente e condições de trabalho precárias. Os grupos sociais previamente desfavorecidos ou alvo de desigualdades foram particularmente afetados pela pandemia, como as mulheres, cuja probabilidade de perder o emprego era já mais elevada, especialmente em

not cease to exist. The climate crisis continues to have damaging consequences particularly in vulnerable countries, protracted and emerging humanitarian crises hinder development prospects, and the dynamics of several ongoing armed conflicts did not change because of COVID-19 – with the appeal of the UN Secretary-General to a global cease fire being largely disregarded. It is now clearer than ever that we will not be able to progress on the global goals that the world signed up to at the United Nations unless we address the problems of state fragility.

COVID-19 is mainly **exacerbating the multidimensional causes of fragility**, in contexts where the capacity to respond to external shocks and the conditions to tackle multiple crises are generally lacking. In the short-term, this has been particularly evident in the difficulties experienced by health systems that were already weakened and under-resourced before the pandemic (both in equipment/infrastructural conditions, as well as in financial and human resources), as well as in effectively implementing sanitary measures (such as social distancing or lockdowns) within contexts of poverty or conflict, due to inadequate water and sanitation, poor housing and precarious work conditions. Social groups already disadvantaged or affected by inequalities were particularly hit by the pandemics, such as women, who were much more likely to have lost their job, and notably in countries with insufficient social protection and large informal sectors. The combination of several indirect effects, including on health, education, food security and others, will certainly contribute to reinforcing vicious cycles of vulnerability.

"Esperávamos que o início da pandemia conduzisse à empatia e solidariedade e, desta forma, o pedido de cessar-fogo fosse respeitado. Antecipamos que a cooperação regional ganharia novas formas, baseadas na solidariedade humana e não em interesses políticos e económicos instituídos. A nossa esperança era que as nações ricas do mundo dessem as mãos para combater esta crise, deixando para trás as suas diferenças políticas. Mas para nosso desgosto, aconteceu o contrário."

– FRANCIS KAI KAI, Ministro do Planeamento e Desenvolvimento Económico da Serra Leoa e copresidente do International Dialogue on Peacebuilding and Statebuilding

"We had expected that the onset of the pandemic would induce empathy and solidarity and, therefore, the call for ceasefire would be respected. We had anticipated that regional cooperation would take new forms where it would rest on humane solidarity rather than mere vested political and economic interests. Our hope was that the rich nations of the world join hands to curb this crisis while leaving behind political differences. But to our dismay, the opposite happened."

– FRANCIS KAI KAI, Minister of Planning and Economic Development of Sierra Leone, and Co-chair of the International Dialogue on Peacebuilding and Statebuilding

países com sistemas de proteção social insuficientes e com setores informais de grande dimensão. A combinação de vários efeitos indiretos, incluindo na saúde, na educação, na segurança alimentar e outros, irá contribuir certamente para reforçar círculos viciosos de vulnerabilidade.

Além disso, assim como o vírus tem efeitos particularmente severos em sistemas imunitários mais fracos, também tem repercussões mais profundas em Estados com estruturas governativas mais frágeis e com insuficiências nas três funções basilares de um Estado: capacidade (ex. prestação de serviços básicos), autoridade (ex. salvaguardar o Estado de direito) e legitimidade. Anteriormente, os países mais pobres e frágeis já não dispunham de recursos para fazer frente a emergências sanitárias, careciam de informação (e capacidade estatística) para otimizar os poucos recursos que tinham da melhor forma possível, muitas vezes tinham dificuldade no fornecimento de serviços enquanto se debatiam com conflitos violentos, e alguns dos quais sem controlo sobre partes do seu território. Neste sentido, um estudo do German Development Institute (DIE), focado em África, demonstrou como as **fraquezas estruturais** sentidas pelos Países Menos Avançados (PMA), por países em situação de conflito e por Estados frágeis ampliaram os efeitos negativos da pandemia de COVID-19, influenciaram o tipo de respostas à pandemia e comprometeram as perspetivas de recuperação.

Furthermore, just as the virus has particularly severe effects on weaker immune systems, it has also deeper repercussions in states with weaker governance and deficiencies in one or more of three state core functions: capacity (e.g. in delivering basic services), authority (e.g. in enforcing rule of law) and legitimacy. Previously, fragile and poorer countries already lacked the resources to handle medical emergencies, lacked information (and statistical capacity) to channel the scarce resources they have in the best possible way, they often struggled to deliver services while suffering from violent conflict and, in some cases, not being able to control parts of their territory. Against this background, a study from the German Development Institute (DIE) focused on Africa, has highlighted how **structural weaknesses** experienced by Least Developed Countries, conflict-affected and fragile countries amplify the negative effects of the COVID-19 pandemic, influence the type of state responses to coping with the crisis, and also hinder recovery prospects.

Ao nível geopolítico, qual será a configuração do mundo após a COVID-19? Atualmente, estamos a assistir a mudanças de política externa, a uma redução e contestação do papel de algumas organizações internacionais, bem como a estratégias de diplomacia para a saúde que têm vindo a alterar as narrativas de amigos e inimigos no mundo. Se, por um lado, a globalização criou as condições para que a pandemia se disseminasse globalmente, por outro lado esta situação tem afetado a própria globalização e contribuído para o **aumento da polarização**, no qual o poder global pode tornar-se bastante heterogéneo. O futuro do desenvolvimento sustentável e do financiamento ao desenvolvido está em risco, num contexto onde a **incerteza e a volatilidade** se tornaram características proeminentes do sistema internacional.

At the geopolitical level, what will the world look like after COVID-19? We are currently witnessing shifts in foreign policies, a reduced and contested role of some international organisations, as well as health diplomacy strategies changing the narratives of friends and enemies in the world. While globalisation created the conditions for a widespread pandemic, this in turn is also affecting globalisation and contributing to **increasing polarisation**, in which global power may become quite disparate. The future of sustainable development and development financing is in danger, within a context where **uncertainty and volatility** have become prominent features of the international system.

A PANDEMIA TEM EFEITOS DESPROPORCIONAIS NOS PAÍSES MAIS POBRES E EM CONTEXTOS FRÁGEIS...

+ 150 milhões DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE POBREZA EXTREMA DEVIDO À COVID-19

EM 57 PAÍSES CLASSIFICADOS COMO FRÁGEIS:

2 EM CADA 5 PESSOAS
ESTÃO DESTINADAS A VIVER EM SITUAÇÃO DE POBREZA EXTREMA

2X MAIS ELEVADO DO QUE NA MÉDIA DOS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO

AUMENTO DAS DESIGUALDADES DENTRO E ENTRE PAÍSES

PIORES IMPACTOS ECONÓMICOS EM PAÍSES DEPENDENTES DO SETOR DO TURISMO E DE RECURSOS

DAS PESSOAS MAIS POBRES DO MUNDO
(QUE VIVEM COM MENOS DE $2 USD POR DIA)
VIVERÃO EM PAÍSES FRÁGEIS EM 2030.

THE PANDEMIC IS HAVING DISPROPORTIONATE EFECTS ON POORER COUNTRIES AND FRAGILE CONTEXTS...

+ 150 million PEOPLE WERE PUSHED INTO EXTREME POVERTY DUE TO COVID-19

IN 57 COUNTRIES CLASSIFIED AS FRAGILE

2 IN 5 PEOPLE
ARE SET TO FALL INTO EXTREME POVERTY

THIS IS 2X HIGHER THAN
IN THE GROUP OF DEVELOPING COUNTRIES

THERE ARE WIDENING INEQUALITES
WITHIN AND BETWEEN COUNTRIES

THE WORST ECONOMIC IMPACTS ARE ON TOURISM-DEPENDENT AND RESOURCE-DEPENDENT COUNTRIES

OF THE WORLD'S POOREST PEOPLE
(LIVING WITH LESS THAN USD$2 /DAY)
WILL LIVE IN FRAGILE COUNTRIES BY 2030

Fontes/Sources: Intervenções dos oradores/Speakers Interventions; OECD "States of Fragility Report 2020"; UNDP, "Coronavirus vs. Inequality", 2020; World Bank, "COVID-19 to Add as Many as 150 Million Extreme Poor by 2021", 07.10.2020.

© Forest Simon, Unsplash, 2020.

Conferences on

_STATE FRAGILITY

_ O PAPEL DO APOIO INTERNACIONAL NA RUTURA DO CICLO DE FRAGILIDADE

_ THE ROLE OF INTERNATIONAL SUPPORT IN BREAKING THE FRAGILITY CYCLE

#statefragility

O PAPEL DO APOIO INTERNACIONAL NA RUTURA DO CICLO DE FRAGILIDADE

THE ROLE OF INTERNATIONAL SUPPORT IN BREAKING THE FRAGILITY CYCLE

O facto de muito poucos países terem conseguido recuperar de uma condição de fragilidade – Timor-Leste foi um dos poucos países recentemente retirados da lista da OCDE – reflete a durabilidade das suas causas e efeitos, ainda que alguns países tenham conseguido evitar ou prevenir a fragilidade (p. ex. Singapura) e outros tenham alcançado progressos notáveis na recuperação e crescimento económico (p. ex. o Ruanda). Dar resposta à fragilidade dos Estados não é tarefa fácil, **uma vez que as causas são normalmente múltiplas e reforçam-se mutuamente.** Em contextos como a Somália, por exemplo, verifica-se uma combinação entre conflito, corrupção, instituições fracas, uma noção muito ténue de legitimidade do Estado, níveis baixos de confiança da população relativamente ao governo, setores privados frágeis, escassas oportunidades de emprego, níveis altos de pobreza, entre outros fatores.

Estas interligações demonstram que a tentativa de identificar e responder a problemas isolados é insuficiente (são necessárias **abordagens integradas**) e que implementar modelos uniformizadas em realidades específicas é ineficaz (são necessárias **respostas adaptadas e específicas**). Neste sentido, é crucial ter em consideração o contexto e as dinâmicas específicas de cada país, de forma a antecipar possíveis impactos negativos e a promover respostas mais equilibradas e integradas – nomeadamente, existem vários exemplos em que alcançar a paz e promover a democracia, quando não se traduz na melhoria das condições de vida, se revela ineficaz para romper ciclos de fragilidade.

The fact that very few countries have been able to recover from fragility - Timor-Leste being one of the few recently taken from the OECD list - illustrates its protracted causes and effects, but some countries also may have avoided or prevented fragility (e.g. Singapore) and others have managed to make commendable progress on reconciliation and economic growth (e.g. Rwanda). Addressing state fragility is not an easy task, as the **causes are usually multiple and mutually reinforcing**. In contexts such as Somalia, for instance, there is a combination of conflict, corruption, weak institutions, a very weak sense of state legitimacy, low levels of public trust in the government, weak private sectors and scarce employment opportunities, high levels of poverty, amongst other factors.

These interlinkages show that trying to identify and deal with isolated issues is insufficient (**integrated approaches** are required) and implementing one-size-fits-all approaches to specific realities is ineffective (**tailored and adapted responses** are needed). Therefore, taking into consideration the specific context and dynamics of each country is crucial, in order to anticipate possible harmful impacts and promote more balanced and integrated responses – for instance, there are several examples in which achieving peace or promoting democracy, when not translated in the improvement of living conditions, has little sustained effects in breaking the fragility cycle.

> *"Muitas das abordagens que foram prosseguidas no passado falharam. Em alguns casos, não funcionaram porque não abordamos as questões que realmente estão a dificultar o progresso dos países frágeis."*
>
> – DAVID CAMERON, Presidente do Council on State Fragility

> *"Many of the approaches that have been taken in the past have failed. In some cases, they did not work because I think we have not addressed the issues that are really holding these countries back"*
>
> – DAVID CAMERON, Co-Chair of the Council on State Fragility

Vários relatórios e estudos – como o relatório da *Fragility Commission* intitulado *Escaping the Fragility Trap* – têm demonstrado que grande parte das abordagens à fragilidade dos Estados não tem resultado ou apresentam resultados que não podem ser sustentados. Então, o que deve ser feito de forma diferente?

Primeiro, **é necessário pragmatismo**: deveria reconhecer-se que em Estados frágeis com instituições débeis, problemas de corrupção, baixos níveis de confiança e legitimidade, e frequentemente em recuperação de situações de conflito, a tentativa de alcançar tudo ao mesmo tempo e de projetar ideias grandiosas sobre o que pode ser feito, se revela inútil.

Several analyses and inquiries – such as the Fragility Commission report on Escaping the Fragility Trap - have evidenced that most approaches to addressing state fragility have not worked or had results that could not be sustained. So, what should be done differently?

First, **pragmatism is needed**: it should be recognised that in fragile states with weak institutions, corruption issues, weak levels of trust and legitimacy, and often recovering from conflict, trying to achieve everything at the same time and having grandiose ideas about what can be done is not helpful.

Second, **it is crucial to focus on local priorities,** rather than handing down a set of international priorities, as has often been argued by several organisations such as the g7+. When there

Segundo, **é crucial o enfoque em prioridades locais**, em vez de aplicar um conjunto de prioridades internacionais - como aliás tem sido defendido por várias organizações como o g7+. Quando existe um governo que funciona e que apresenta uma visão clara sobre as prioridades do seu país, a aposta em formas de ajudar as autoridades nacionais a concretizar as suas agendas tem-se revelado muito mais eficaz do que impor agendas pensadas externamente. Terceiro, e relacionado com o ponto anterior, é essencial **o trabalho direto com os governos** sempre que possível, em vez de os contornar. Muitas das ações de apoio ao desenvolvimento, sendo bem-intencionadas, acabam por falhar porque enfraquecem os governos e as instituições que essas próprias intervenções pretendem ajudar.

Quarto, provavelmente uma das constatações mais controversas na investigação sobre cenários frágeis é que se devem **priorizar os esforços de reconciliação em vez de correr urgentemente para a realização de eleições** em situações de pós-conflito. Isto não significa que a eleição de um governo legítimo e democrático não seja necessária, mas indica que o tempo dispensado a resolver divisões internas, a promover a reconciliação e a fomentar acordos internos é por norma mais importante do que estabelecer um calendário eleitoral apertado sem abordar as questões da fragilidade - como normalmente fazem os países e organizações ocidentais que querem ajudar. Quando um país está fraturado em várias etnias, religiões ou nacionalidades, esta abordagem pode levar ao aumento destas tensões e/ou a situações de "winner-takes-all".

is a government in place that functions and has a clear vision about the country's priorities, finding ways of helping national authorities deliver their agenda has proven much more effective than imposing externally driven agendas. Third, and related to the previous point, it is vital to **work directly with the governments** whenever possible, rather than bypassing them. Many well-intentioned aid interventions fail because they end up undermining the governments and institutions that they are attempting to help.

Fourth, probably one of the most controversial findings in the research on fragile settings is that we should try to **prioritise reconciliation efforts rather than rushing towards elections** in post-conflict situations. This does not mean the election of a legitimate democratic government is not necessary, but time spent on tackling internal divisions, promoting reconciliation and fostering internal settlements is frequently more important than setting a tight election timetable without addressing any fragility issues - as often Western countries and organisations who want to help do. When a country is fractured around different ethnicities, religions or nationalities, this may lead to further tensions and/or to winner-takes-all situations.

Finally, **institution-building is vital** and should be strongly supported. It should be complemented with nation-building, i.e., the development of a sense of unity and a shared national story, therefore contributing to restoring the trust in governments and fostering public support to the longer-term decisions that governments need to make. Clear vision and leadership are also very important for the successful creation and implementation of a common plan by which all the different groups and regions of a country can buy-in.

Por fim, o **desenvolvimento institucional é vital** e deveria ser fortemente apoiado. Deveria ser complementado com processos de construção da nação, isto é, de formação de um sentimento de união e de pertença a uma história nacional comum, contribuindo assim para restaurar a confiança nos governos e para fomentar o apoio dos cidadãos a decisões de longo prazo que os governos têm de tomar. A existência de uma visão clara e liderança é também importante para o sucesso na definição e implementação de um plano comum, com o qual os diferentes grupos e regiões do país se possam identificar e comprometer.

Por vezes, ocorrem momentos específicos na vida de um país onde existe espaço para se fazer uma grande diferença e promover mudanças, devendo os parceiros internacionais estar prontos para aproveitar essas oportunidades, com base nas lições aprendidas e no trabalho conjunto com parceiros locais. Isto também significa que o enfoque deve estar **menos em relatórios e processos burocráticos, e mais em ações e resultados concretos,** especialmente no que respeita aos mais pobres e excluídos.

É necessário reconhecer que o investimento e disponibilização de assistência aos países mais pobres constitui, simultaneamente, um imperativo moral e um objetivo de interesse próprio – uma vez que as consequências da fragilidade se disseminam facilmente num mundo interconectado, sendo elas a deslocação em massa de pessoas, o terrorismo, ou outras. A pandemia é, sem dúvida, um **lembrete oportuno da nossa interligação e interdependência** num planeta partilhado, a vários níveis, que nos incentiva a agir numa perspetiva mais global.

Sometimes there are specific moments in the life of a country where there is a real opportunity to make a difference and promote change, and international partners should be ready to seize that opportunity by building on the lessons learned and working with local partners. This also means to **focus less on reports and bureaucratic procedures, and more on concrete action and results**, particularly on delivering for the poorest and most excluded.

One should be aware that investing and providing assistance to poorer countries is both a moral imperative and a self-interest driven goal - as the consequences of fragility are easily spread in an interconnected world, being the mass movement of people, terrorism or other concerns. The pandemic is undoubtedly a **timely reminder of our interconnectedness and interdependence** in a shared planet, at many levels, which prompt us to act on a more global basis.

© Melissa Jeanty, Unsplash, 2020.

Conferences on

_STATE FRAGILITY

_ *E AGORA?*
PERSPETIVAS DE RECUPERAÇÃO

_ *WHAT NOW?*
RECOVERY PROSPECTS

#statefragility

E AGORA? PERSPETIVAS DE RECUPERAÇÃO

WHAT NOW? RECOVERY PROSPECTS

As fraquezas estruturais dos países em situação de fragilidade ou conflito condicionam e atrasam a sua recuperação: têm as piores previsões de crescimento, são altamente dependentes de recursos externos, têm uma capacidade extremamente baixa de cobrança de receitas, dificuldades de acesso a cuidados de saúde e proteção social, capacidades institucionais fracas, assim como estruturas sociais que podem amplificar os efeitos da pandemia no aumento da pobreza e das desigualdades. Adicionalmente, uma fraca diversificação económica, baixa produtividade laboral, grandes desigualdades e setores informais significativos são elementos proeminentes na maioria das economias mais pobres, podendo prejudicar a sua recuperação. Estes desafios, porém, tornam ainda mais relevante a existência de um foco específico nos Estados frágeis.

Embora seja ainda prematuro avaliar os impactos económicos e sociais na sua totalidade, as projeções para a **África Subsariana** indicam que os piores impactos económicos serão sentidos em países propensos a conflitos, países que dependem grandemente do turismo e em economias dependentes de recursos naturais. Mesmo que o impacto no Produto Interno Bruto (PIB) seja menor do que nas economias dos países da OCDE, os desafios que se avizinham apontam para constrangimentos que atrasarão a recuperação africana. Ainda que uma boa gestão macroeconómica se tenha revelado bastante resiliente em alguns países (com efeitos positivos), a pandemia provocou a queda nas receitas dos Estados em mais de 10% e as políticas expansionistas conduziram a défices orçamentais e, consequentemente, ao agravamento da dívida.

Na **América Latina**, as projeções económicas do Banco Mundial revelam grandes disparidades entre os países, mas o país mais frágil da região (o Haiti) não terá uma grande contração do PIB (à volta de 3,3%) principalmente porque tem estado em recessão nos anos anteriores devido à instabilidade política. Os países da América Latina têm vulnerabilidades sociais prévias consideráveis e a pandemia tem provocado retrocessos nas conquistas sociais entretanto alcançadas, especialmente após o forte aumento das matérias-primas *(commodity boom)* no início dos anos 2000. Estes países são particularmente vulneráveis aos choques externos e alguns experienciaram recentemente choques múltiplos e cumulativos: São Vicente e as Granadinas, por exemplo, foi afetado nos últimos dois anos por furacões, por erupções vulcânicas e pela pandemia. Além disso, a América Latina é hoje a região mais endividada do mundo, o que compromete as suas perspetivas de recuperação.

Como foi mencionado nas secções anteriores, a pandemia reforçou ciclos de vulnerabilidade: a incerteza económica agrava tensões sociais e políticas e, por sua vez, o aprofundamento das clivagens sociais e das desigualdades também afeta as perspetivas das políticas económicas e a recuperação. Neste contexto, uma das constatações mais importantes decorrentes da análise empírica é que **a confiança e a coesão social contribuem fortemente para a resiliência das sociedades** face aos impactos da

Structural weaknesses of fragile and conflict-affected countries constrain and delay their recovery: they have the worst growth predictions, are highly dependent of external resources, have extremely low revenue collection capacities, limited access to healthcare and social protection, and weak institutional capacities, as well as social structures that potentially amplify the pandemic's effects on growing poverty and inequalities. Furthermore, weak economic diversification, low labour productivity, high inequalities and significant informal sectors are very prominent elements in most of the poorer economies and can play a significant role in hindering their recovery. These challenges, however, make it even more important to have a specific focus on fragile countries.

Although it is still early to fully assess economic and social impacts, projections for **Sub-Saharan Africa** indicate the worst economic impacts in conflict-prone countries, in countries focused on tourism, and resource-dependent economies. Even if the impact on Gross Domestic Product (GDP) may be lower than in OECD economies, the challenges ahead point out to existing constraints that will delay African recovery. Although sound macroeconomic management has proven to be very resilient in some countries (with some positive effects), the pandemic has caused state revenues to fall by more than 10% and expansionary fiscal policies have led to fiscal deficits, therefore rising debt levels.

In **Latin America**, the World Bank economic estimates are very uneven among countries, but the most fragile country of the region (Haiti) will not experience a very large GDP contraction (around 3.3%) mainly because it has already been in recession in previous years due to political instability. With previous considerable social vulnerabilities and inequalities, the pandemic is causing setbacks in social gains that Latin American countries were able to achieve especially after the commodities boom in the early 2000s. These countries are particularly vulnerable to external shocks and some countries have recently experienced multiple and cumulative ones: St. Vincent and the Grenadines, for instance, was affected over the last two years by several hurricanes, a volcanic eruption, as well as the pandemic. Furthermore, Latin America is now the most indebted region in the world, which hinders recovery prospects.

As mentioned in the previous sections, the pandemic has reinforced cycles of vulnerability: economic uncertainty aggravates social and political tensions, and in turn the deepening of social cleavages and inequalities also affect the prospects for economic policies and recovery. Within this context, one of the most important insights of empirical analysis is that **social trust and cohesion play a key role in a society's resilience** to the pandemic's impacts and hence in their recovery prospects. In the short-term, high inequalities and social tensions have generated more severe lockdown policies and restrictive measures, particularly in middle-income countries, while many Least Developed Countries showed higher levels of social cohesion and cooperation between social actors.

pandemia e, por conseguinte, têm efeito nas possibilidades de recuperação. A curto prazo, a existência de grandes desigualdades e tensões sociais têm gerado políticas de confinamento e medidas restritivas mais rigorosas, especialmente em países de rendimento médio, enquanto muitos dos PMA demonstraram níveis elevados de coesão social e de cooperação entre os atores sociais.

A coesão deriva de boas relações de confiança no seio das sociedades, e entre a sociedade e o Estado, incluindo de indivíduos que cooperam para o bem comum e coletivo. Se a recuperação social não estiver no centro das políticas e medidas futuras, poderão surgir tensões e agitação social em vários países devido às frustrações criadas pela pandemia. A perceção de exclusão que certos grupos sociais e étnicos sentem tem sido agravada por essas frustrações, as quais só poderão ser colmatadas através do investimento em programas centrados na pobreza aguda, na provisão do acesso a serviços básicos, e em abordar adequadamente as tensões sociais e problemas ligados aos conflitos.

Os recursos que são (e serão) disponibilizados por instituições internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), não se devem, portanto, centrar-se exclusivamente na dimensão económica, ignorando a **necessidade fundamental (e a oportunidade) de investimento na dimensão social.** Para além do risco de os novos recursos serem investidos principalmente em infraestruturas, em vez de uma aposta em setores sociais cruciais como a saúde e a educação, existe ainda o risco de estes recursos serem maioritariamente canalizados para países de rendimento médio, negligenciando os países frágeis e menos desenvolvidos, os quais são também os que estão em situação de maior necessidade.

Cohesion results from good trustful relations within a society, and between the society and the state, including from individuals cooperating for the collective and common good. If social recovery is not at the core of future policies and measures, tensions and unrest might rise in several countries due to the frustrations created by the pandemic. The perception of exclusion of certain social and ethnic groups was aggravated by those frustrations and I can only be resolved by investing in programs that address acute poverty, provide access to basic services and properly address social tensions and conflict-related issues.

The resources that are (and will be) made available by international institutions, such as the International Monetary Fund (IMF), should therefore not be almost exclusively focused on the economic dimension, as they seem to be, disregarding the **critical need (and opportunity) of investment in the social dimension**. In addition to the risk of new resources being mainly invested in infrastructures, rather than on critical social sectors such as health and education, they may be largely targeted to middle-income countries, disregarding least developed and fragile countries, the ones most in need.

Looking ahead, the diversification of economies, the creation of new jobs and future-oriented industries, the tax base enlargement and domestic resource mobilisation are some of the key elements for countries to be able to increase resilience, as well as to address political and social challenges in the future. Challenges will be particularly daunting in Africa, as urbanisation rises and population will grow to around 2.5 billion people in the next 30 years, therefore requiring considerable investments both in

Perspetivando o futuro, a diversificação da economia, a criação de novos postos de trabalho e de indústrias orientadas para o futuro, o alargamento da base tributária e a mobilização de recursos internos são alguns dos elementos-chave para os países aumentarem a sua resiliência, bem como para conseguirem responder aos futuros desafios políticos e sociais. Os desafios serão particularmente difíceis em África, com o aumento da e um crescimento populacional para cerca de 2,5 mil milhões de pessoas nos próximos 30 anos, exigindo, portanto, investimentos consideráveis quer em infraestruturas – nomeadamente nos setores da água e da energia – quer na chamada "economia de família" – saúde e educação -, bem como a aposta na produção local e em negócios de pequena escala que podem contribuir para a criação de emprego e para o reforço do tecido económico.

Contudo, as fraquezas estruturais dos países mais pobres e vulneráveis também se manifestam **na dificuldade de mobilização de recursos adicionais.** Os números são avassaladores: enquanto um país como o Japão conseguiu injetar rapidamente um estímulo na sua economia equivalente a 20% do seu PIB, a média em África é inferior a 2%. Além disso, o fator de risco em África é frequentemente sobrestimado pelos mercados e isto dificulta o seu acesso aos mercados de capitais, mesmo em períodos de elevada liquidez.

Muitas destas economias estão altamente expostas aos choques externos e a sua recuperação irá depender das projeções económicas globais, as quais são muito incertas dada a insegurança e volatilidade da situação, uma vez que a pandemia está longe de terminar. No entanto, **a resiliência das cadeias de valor globais não deve ser confundida com protecionismo.** A integração das economias nas

infrastructures – particularly water and energy – and in the so-called "economy of life" – health and education –, as well as focusing on local production and micro-business segments that can contribute to create new jobs and reinforce the economic fabric.

However, the structural weaknesses of poorer and vulnerable countries are also manifested in the **difficulty in mobilising additional resources**. The figures are overwhelming: while a country like Japan was able to rapidly inject a stimulus to its economy that represents 20% of its GDP, the average in Africa is less than 2%. Furthermore, the risk factor in Africa is frequently overrated by markets and this hinders access to capital markets, even in periods of high liquidity.

Many of these economies are very exposed to external shocks and their recovery will depend on the global economic prospects, which are very uncertain, given the insecurity and volatility of the situation, as the pandemic is far from being over. However, the **resilience of global value chains should not be confused with protectionism.** Integrating the economies into value chains may increase their vulnerabilities to shocks and amplify the impact of the pandemic in the short-term but being linked to these global chains can also help to bounce back and increase economic diversification in the medium/long-term, therefore making them more resilient to shocks. The focus should be on how to manage the integration in value chains and not how to close borders, take protectionist measures, renationalise industries or shorten supply chains. The new African Continental Free Trade Area (AfCFTA) seems a promising example of a way forward to strengthen economic integration within Africa

cadeias de valor pode aumentar a sua vulnerabilidade face aos choques e ampliar o impacto da pandemia no curto prazo, mas estar conectado a estas cadeias globais pode também ajudar a recuperar e promover a diversificação económica no médio/longo prazo, tornando-as mais resilientes aos choques. O foco deveria estar na forma como se gere a integração em cadeias de valor e não na forma como se fecham fronteiras, se tomam medidas protecionistas, se renacionalizam indústrias e se diminuem cadeias de abastecimento. A nova Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA) parece ser um exemplo promissor para fortalecer a integração económica em África e construir cadeias de valor regionais, melhorando desta forma a resposta a choques externos no futuro.

A crise sanitária da COVID-19 também oferece uma **oportunidade para levar a cabo transformações estruturais a nível político e económico** que já estavam há muito tempo nas agendas dos países pobres e dos decisores políticos internacionais. Neste quadro, importa refletir sobre o tipo de recuperação que deve ser promovida e apoiada. Para além da necessidade de curto prazo de responder aos desafios imediatos (como o acesso a vacinas), o mundo deveria ser capaz de olhar mais além, apostando numa recuperação que lance as bases para uma transformação inclusiva e sustentável. Os fluxos financeiros que estão a ser gerados no processo de recuperação devem, assim, contribuir para setores, tecnologias e indústrias limpas e de baixo carbono, orientadas para o futuro.

Há que ter em conta, porém, que tal pode ampliar as desigualdades estruturais entre países, uma vez que os maiores ganhos irão provavelmente beneficiar países com disponibilidade de recursos e/ou que conseguem aproveitá-

and build regional value chains, therefore ameliorating the response to external shocks in the future.

The COVID-19 health crisis also provides an **opportunity to undertake economic and political structural transformations** that have long been on the agendas of poorer countries and international policymakers. In this framework, we should also be thinking about what kind of recovery should be actively promoted and supported. Beyond the short-term need to address immediate challenges (such as access to vaccination), the world should be able to look ahead by investing in a recovery that provides the basis for inclusive and sustainable transformation. The financial flows being generated in the recovery process should therefore contribute to future-oriented, low carbon and clean industries, technologies and sectors.

One should bear in mind, however, that this can potentially widen structural inequalities between countries, as greater gains will likely benefit countries with available resources and/or that are able to make good use of them to rapidly invest in knowledge, innovations and future-oriented recovery. It is therefore of the utmost importance that (re)focusing on priorities that enable green and sustainable development is also linked to the promotion of universal social systems and to the strengthening of political institutions capable of providing public goods. This means, inter alia, a **necessary (re)focus on reaching the Sustainable Development Goals (SDGs),** for which global leadership and responsibility are key.

SDGs will not be possible to achieve without increased **coherence, coordination and resilience of development finance**. Nevertheless, the pandemic has left development finance on the verge of collapse, due to its impacts on trade,

Fontes /Sources: Intervenções dos oradores/Speakers Interventions; OECD, "COVID-19 spending helped to lift foreign aid to an all-time high in 2020 but more effort needed", 13.04.2021; DIE (German Development Institute).

los para investir rapidamente em conhecimento, inovação e numa recuperação orientada para o futuro. É, portanto, da maior importância que o (re)centramento em prioridades que possibilitem o desenvolvimento verde e sustentável esteja interligado com a promoção de sistemas sociais universais e o reforço de instituições políticas capazes de providenciar bens públicos. Isto significa, *inter* alia, a necessidade de **um redireccionamento com vista à prossecução dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**, para o qual a liderança e responsabilidade globais são peças chave.

Os ODS não serão atingidos sem um reforço **da coerência, da coordenação e da resiliência do financiamento ao desenvolvimento.** No entanto, a pandemia deixou o financiamento do desenvolvimento à beira do colapso devido aos seus impactos no comércio, no investimento, na dívida, nas questões orçamentais e tributárias, entre outras. O **défice no financiamento ao desenvolvimento está a aprofundar-se:** se considerarmos apenas a dimensão dos recursos necessários para implementar a agenda de saúde global, sem falar das agendas das alterações climáticas ou da erradicação da pobreza, rapidamente concluímos que as necessidades reais não serão atendidas por uma maior mobilização de recursos a curto prazo. Em poucos meses, devido à pandemia, o défice de financiamento dos países em desenvolvimento para atingir os ODS aumentou de $2,5 biliões USD para $3,7 biliões USD.

Enquanto os governos dos países de rendimento elevado já conseguiram mobilizar $16 biliões de USD para medidas de estímulo e recuperação económica, apenas 1% deste montante está a ser direcionado para apoiar os países em desenvolvimento através da ajuda ao desenvolvimento. Os fluxos da Ajuda Pública ao Desenvolvimento (APD) têm demonstrado grande resiliência mesmo em tempos incertos, mas os $8 mil milhões de USD adicionais registados em 2020 (correspondentes a um aumento de 3% da APD) é 2 mil vezes inferior aos montantes acima mencionados que foram mobilizados para a recuperação económica nos países desenvolvidos, o que é particularmente preocupante dado **o decréscimo das outras fontes principais de rendimento para os países em desenvolvimento** – comércio, investimento direto estrangeiro e remessas dos emigrantes – devido à pandemia. Ademais, mais de metade dos países em desenvolvimento já se encontravam numa situação de endividamento antes da pandemia, a qual está a agravar-se, existindo iniciativas de resposta assinaláveis mas insuficientes, uma vez que estas deveriam focar-se não apenas na suspensão de dívida, mas também na sua restruturação.

O objetivo internacional de afetar 0,7% do RNB à APD é uma promessa feita pelos países mais ricos aos países mais pobres que deve ser mantida e cumprida. Neste âmbito, os países frágeis não devem sair do radar do apoio da comunidade internacional, e as organizações de cooperação para o desenvolvimento devem **manter o enfoque em contextos estatais desafiantes,** de modo a evitar gerar os chamados "órfãos da ajuda", com consequências imprevisíveis para a segurança global e para as aspirações de desenvolvimento. A **previsibilidade do apoio e o envolvimento a longo-prazo** deve ser igualmente assegurado, para permitir alguma estabilidade e capacidade de planeamento.

investment, debt, fiscal and tax issues, among others. The **development financing gap is widening:** if we consider the scale of resources needed to implement the global health agenda alone, not to mention the agendas on climate change and poverty eradication, we easily conclude that the actual needs will not be met by rising resources' mobilisation in the short-term. In a few months, developing countries' funding gap to achieve the SDGs has widened at least from $USD2.5 trillion to $USD3.7 trillion due to COVID-19.

While governments of high-income countries were already able to mobilise $USD16 trillion for stimulus measures and their economic recovery, only 1% of this amount is being allocated to assist developing countries through development aid. Official Development Assistance (ODA) flows have proven to be resilient even in uncertain times, but the additional $USD8 billion registered in 2020 (corresponding to a 3% increase in ODA) is 2000x less than the above-mentioned amounts mobilised for the economic recovery in developed countries, which is particularly worrying given the **decrease in all other major flows of income for developing countries** - trade, foreign direct investment, and remittances – due to the pandemic. Furthermore, more than half of developing countries were already in a situation of indebtedness before the pandemic, which is now worsening, with noticeable but insufficient initiatives in response, as these should be focused not only on debt suspension but also on restructuring.

The 0.7% Gross National Income (GNI)/ODA international target is a promise made by wealthy nations to poorer countries that should be kept and fulfilled. Within this framework, fragile countries should not disappear from the radar of the international community's support, and development cooperation organisations need to **keep focusing on challenging state contexts**, in order not to generate the so-called "aid orphans", with unforeseeable consequences to the world's security and development aspirations. The **predictability of support and long-term engagement** must also be ensured to allow for some stability and planning capacity.

On the other hand, only a very small portion of ODA targeting fragile countries is being **allocated for peacebuilding and even less for conflict prevention**, notwithstanding the centrality of peace and security for development processes in these countries. An increasing part of aid resources to fragile countries is focused on responding to humanitarian and emergency needs, and there is still a noticeable confusion between crisis management (focusing on the symptoms) and approaching fragile contexts (which implies addressing the causes). Against this background, the "triple nexus" approach may promote greater coordination and interlinkages between humanitarian, development and peace actors/areas of action, among which there is still significant fragmentation, incoherence and competition.

Finally, while we have been speaking about global public goods within global governance for quite some time, the pandemic was a major reality check. Resilience to pandemics, climate action, conflict prevention or migration management are some of the issues that can only be addressed by increased cooperation and multilateralism, moving forward to **adequately protect, regulate and finance common goods**.

Por outro lado, apenas uma porção muito pequena da APD direcionada a países frágeis está a ser **alocada para a construção da paz e uma porção ainda menor para a prevenção de conflitos**, não obstante o papel central da paz e da segurança nos processos de desenvolvimento nestes países. Uma parte crescente dos recursos para a ajuda aos países frágeis concentra-se na resposta às necessidades humanitárias e de emergência, e ainda persiste uma confusão notória entre gestão de crises (focada nos sintomas) e abordagens aos contextos frágeis (que implica responder às causas). Neste sentido, a abordagem de "nexo triplo" (*triple nexus*) pode proporcionar melhor coordenação e interligações entre as dimensões e os atores das áreas humanitária, do desenvolvimento e da paz, entre os quais ainda existe grande fragmentação, incoerência e competição.

Por fim, ainda que estejamos a falar de bens comuns globais no âmbito da governação global há já algum tempo, a pandemia obrigou-nos a abrir os olhos para a realidade. A resiliência a pandemias, a ação climática, a prevenção de conflitos ou a gestão das migrações são alguns dos temas que apenas podem ser tratados através de maior cooperação e multilateralismo, avançando no sentido de uma **proteção, regulação e financiamento adequado dos bens comuns.**

> *"Não será possível atingir os ODS sem uma maior coerência, coordenação e resiliência do financiamento do desenvolvimento, abordando de forma adequada as questões da dívida, do acesso ao comércio, do investimento privado, da ajuda ao desenvolvimento e também a mobilização de recursos internos."*
>
> – JORGE MOREIRA DA SILVA, Diretor do Direção de Cooperação para o Desenvolvimento da OCDE

> *"There will be no possibility of achieving the SDGs without increased coherence, coordination and resilience of development finance, by adequately addressing issues of debt, trade access, private investment, development aid, and also domestic resources mobilisation."*
>
> – JORGE MOREIRA DA SILVA, Director of OECD Development Co-operation Directorate

© Lucio Patone, Unsplash, 2021.

Conferences on

_STATE FRAGILITY

_ DESAFIOS À VACINAÇÃO E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

_ VACCINATION CHALLENGES AND INTERNATIONAL COOPERATION

#statefragility

DESAFIOS À VACINAÇÃO E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

A solidariedade e cooperação globais constituem o único caminho para mitigar o impacto danoso e duradouro da COVID-19. Numa nota positiva, a pandemia parece ter estimulado a noção de interdependência entre os cidadãos (particularmente em países desenvolvidos), os quais estão a pressionar cada vez mais os seus governos para adotarem medidas mais efetivas, para garantir a sua segurança e responder adequadamente aos desafios mundiais. A **salvaguarda da saúde pública emergiu como uma causa comum que está agora presente nas preocupações de todos.** As crises globais geram, normalmente, mudanças na arquitetura mundial, e os líderes são chamados a reconhecer a necessidade de coordenação e de responder às aspirações das pessoas. Neste sentido, a iniciativa para Acelerar o Acesso às Ferramentas de combate à COVID-19 (ACT Accelerator) e o seu programa de acesso global às vacinas COVAX, bem como algumas medidas tomadas pelo G20 e pelo G7 devem ser destacadas, especialmente porque seria pouco provável que acontecessem anteriormente. No futuro, a pandemia poderá também contribuir para uma mudança de mentalidades nas parcerias para o desenvolvimento internacional, à medida que a pressão nos recursos/orçamentos tende a colocar maior enfoque na qualidade e na relevância de estabelecer parcerias eficazes.

VACCINATION CHALLENGES AND INTERNATIONAL COOPERATION

Global solidarity and cooperation are the only way to mitigate the grim and long-lasting impact of COVID-19. On a positive note, the pandemic seems to have spread the notion of interdependence among citizens (particularly in developed countries), who are increasingly pushing their governments to take more effective measures, to keep them safe and properly address this worldwide challenge. The **protection of public health has emerged as a global common cause that is present in everyone's concerns**. Global crises usually generate changes in the global architecture, and leaders are being prompted to be more aware of the need for coordination and to respond to people's aspirations. In this sense, the Access to COVID-19 Tools (ACT) Accelerator initiative and its global vaccine access programme COVAX, as well as some of the measures taken by the G20 and G7 are worth mentioning, particularly because they seemed unlikely to have happened before. In the future, the pandemic may also be a condition for changing mentalities in international development partnerships, as the pressure on resources/budgets will push for an increased focus on quality and for the relevance of building effective partnerships.

Para os países mais pobres e frágeis, esta é também uma chamada de atenção para as dependências existentes (não apenas de recursos financeiros, mas também de mentalidade), promovendo, assim, uma maior consciencialização sobre as suas responsabilidades, bem como sobre a necessidade de reforçar as suas capacidades de resposta e resiliência. Em África, a União Africana lançou uma iniciativa para melhorar as respostas conjuntas à pandemia e trabalhou com um sentido de urgência – tendo o Centro para o Controlo de Doenças (CCD) liderado o processo e provado a pertinência da sua existência -, e vários países estão a dar passos para aumentar as suas capacidades de produção de testes e vacinas (como o Senegal, o Gana e a Nigéria).

Apesar destes exemplos positivos, contudo, a maior parte das reações internacionais parecem comprovar o axioma "muito pouco, demasiado tarde", se considerarmos a magnitude da crise. **Tornou-se rapidamente evidente que não estávamos todos no mesmo barco, nomeadamente no que respeita ao acesso às vacinas.** Este tornou-se num assunto-chave para a resposta aos desafios presentes e futuros, tanto para países pobres/frágeis como para o resto do mundo, uma vez que a recuperação económica mundial depende largamente do controlo da pandemia ao nível global e da propagação de novas variantes/mutações do vírus. O mantra frequentemente invocado de que "ninguém está a salvo até que todos estejamos a salvo" não é um pensamento ilusório mas sim uma evidência científica. Tal também é válido para a recuperação económica, porque se a vacinação completa nos países em desenvolvimento for atingida apenas em 2024, a economia mundial irá perder cerca de $5 biliões de USD.

For poorer and fragile countries, it was also a wake-up call on existing dependencies (not only of financial resources but also in mindset), therefore promoting an increased awareness about their responsibilities, as well as on the need to reinforce their responsiveness and resilience. In Africa, the African Union launched an initiative to improve joint responses to the pandemic and worked with a sense of urgency – the Centre for Disease Control (CDC) led the process and has proven the need for such a body –, and several countries are taking steps to increase their capacities in producing tests and vaccines (as Senegal, Ghana, and Nigeria).

Despite some positive examples, however, most international reactions seem to suffer from the "too little, too late" axiom, if we consider the magnitude of the crisis. **It became rapidly clear that we were not all in the same boat, including on access to vaccines.** This has become a key issue in responding to present and future challenges, both for fragile/poor countries and worldwide, as global economic recovery largely depends on controlling the pandemic at a global scale and the spread of new virus variants/mutations. The frequently stated mantra of "no one is safe until everyone is safe" is not only wishful thinking but rather scientific evidence. This is also true for economic recovery: if full vaccination in developing countries is only achieved by 2024, the global economy will lose around $USD5 trillion.

Na prática, **as desigualdades são gritantes a este respeito.** Aproximadamente 80% das vacinas foram administradas em países de rendimento elevado; enquanto 70% dos adultos têm o esquema de vacinação completo no Reino Unido, nos países africanos a média é inferior a 2%. A competição pelas vacinas é feroz: quando a União Africana tentou comprar vacinas, estas já tinham sido adquiridas de forma preventiva pelos países e regiões desenvolvidas. Ainda que o "nacionalismo das vacinas" seja compreensível numa pandemia devido às pressões políticas e públicas, é atualmente evidente que os países ricos estão a monopolizar a distribuição das vacinas e a sua produção não é equitativamente distribuída. Como afirmou o Diretor-Geral da OMS, estas políticas de vacinação desiguais provam que o mundo está a enfrentar um "fracasso moral catastrófico". Com efeito, a vacinação de população jovem saudável em países ricos antes da vacinação de populações de risco e daqueles que trabalham na linha da frente nos países mais pobres é algo que pode ser classificado como uma falha moral que será paga com as vidas e os meios de subsistência destes países, derivando do erro – já cometido – de não abordar a vacinação numa perspetiva global e enquanto bem público global.

O controlo da pandemia nos países mais pobres implica progredir e corrigir rapidamente as disparidades significativas de vacinação, assegurar o acesso justo e equitativo às vacinas, promover informação transparente e combater a desinformação, bem como investir no reforço dos sistemas de saúde e das capacidades institucionais.

Seria possível **resolver as disparidades na distribuição de vacinas** através de um plano abrangente global que assegurasse simultaneamente a previsibilidade (com o planeamento do abastecimento) e a equitabilidade (distribuição com base nas necessidades), em que os esforços fossem partilhados de forma justa. No que concerne à partilha de vacinas, a responsabilidade não recai sobre a aliança GAVI e a COVAX, uma vez que estas e outras iniciativas são subfinanciadas, contando com a boa-vontade de doações e dependendo do cumprimento de promessas efetuadas. Por outro lado, as medidas anunciadas pelo G7 na Cimeira de Junho de 2021 podem traduzir uma noção de responsabilidade global, mas ficam aquém no que é necessário para responder à pandemia e acelerar o apoio aos países mais pobres. A magnitude das necessidades ultrapassa, em larga medida, o ritmo atual do apoio concedido (sem mencionar o tempo que é necessário para implementar essas medidas), verificando-se um grande desfasamento: as promessas consistem em fornecer mil milhões de doses aos países pobres, mas isto será suficiente para vacinar apenas 10% da população destes países, enquanto os países do G7 e da União Europeia (UE) possuem atualmente mais 2,5 mil milhões de doses do que o necessário para vacinar a totalidade das suas populações.

Ainda que não tenham sido assinados compromissos financeiros adicionais na Cimeira do G7, um documento recente do FMI concluiu que $50 mil milhões USD seriam suficientes para vacinar 40% das pessoas em países em desenvolvimento até ao final de 2021 e pelo menos 60% até à primeira metade de 2022, contribuindo, assim, para travar a pandemia no mundo em desenvolvimento, reduzindo infeções e perda de vidas e, por sua vez, acelerando a recuperação económica através da geração de $9 biliões de USD adicionais, para além dos benefícios consideráveis para a saúde e a vida das pessoas em todo o mundo. Isto

Nevertheless, **inequalities are striking in this regard**. Approximately 80% of vaccines have been administered in high-income countries and while around 70% of adults are fully vaccinated in the UK, in African countries the average is less than 2%. The competition over vaccines is fierce: when the African Union tried to buy vaccines, they had already been effectively and preventively purchased by developed countries and regions. Although vaccine nationalism may be understandable in a pandemic due to political and public pressures, it is now clear that wealthy countries are monopolising the delivery of vaccines and the production is not being adequately distributed. As stated by the WHO Director-General, these unequal vaccine policies mean the world is facing a "catastrophic moral failure". Indeed, the vaccination of healthy young people in wealthy countries before those most vulnerable to the virus and those on the front line of response in poor countries may be classified as a moral flaw that will be paid with lives and livelihoods in these countries, arising from the mistake – already made – of not approaching vaccination in a global perspective and as a global public good.

Controlling the pandemic in poorer countries implies moving forward and more quickly on closing the significant vaccine supply gap, ensuring fair and equitable access to vaccines, promoting transparent information and combating misinformation/disinformation, as well as investing in strengthening health systems and institutional capacities.

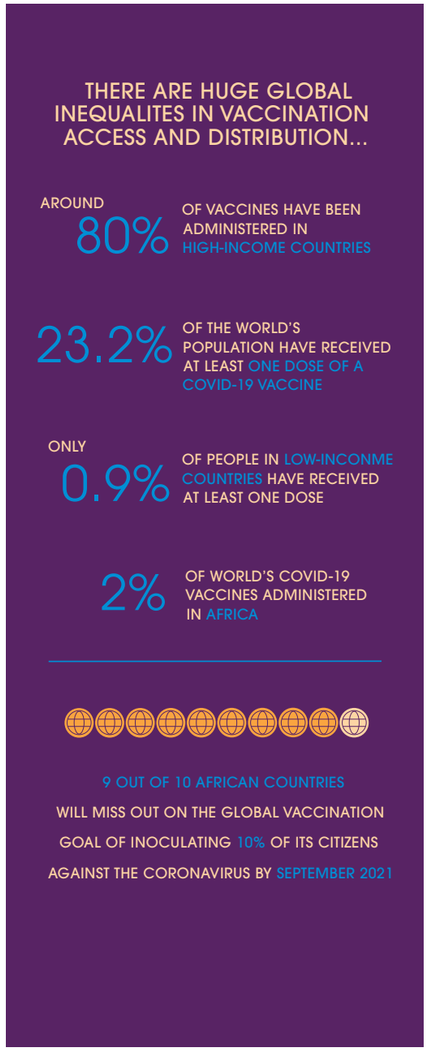
Closing the vaccine supply gap would be possible through a comprehensive global plan ensuring both predictability (plan the supply) and equitability (needs-based allocation), for which efforts must be shared fairly. Regarding vaccine sharing, GAVI alliance and COVAX should not be blamed, as this and other initiatives are sharply underfunded, relying on the goodwill of donations and the fulfilment of promises made. On the other hand, measures announced by the G7 in the June 2021 Summit may be significant in translating a sense of global responsibility, but they fall short of what is required to deal with the pandemic and to accelerate the support to poorer countries in this regard. The scale of needs largely surpasses the pace of current support (not to mention the time needed to implement such measures), with a huge gap between what is offered and what is required: pledges are now to provide around one billion doses to poor countries, but that is only enough to vaccinate 10% of the population in poor countries, while the G7 and European Union (EU) countries currently have 2.5 billion more doses than necessary to vaccinate their entire populations.

Although there were no additional financial commitments in the G7 summit, a recent IMF paper has concluded that $USD50 billion would be enough to vaccinate 40% of the people living in poor countries by the end of 2021 and at least 60% by the first half of 2022, therefore helping to curb the pandemic in the developing world, reducing infections and loss of lives, accelerating the economic recovery through the generation of additional $USD9 trillion in return, besides considerable benefits on people's health and lives around the world. This points to the issue of **political will** (to provide for resources), although that should be regarded as one of many elements of a complex, delicate and very unpredictable situation.

realça o problema da **vontade política** (para disponibilizar recursos), embora este seja apenas um fator num conjunto de elementos que constituem uma situação complexa, delicada e altamente imprevisível.

A cooperação é fulcral não apenas para a distribuição de vacinas, uma vez que os países mais pobres e frágeis não conseguem fazer face aos custos reais de **aplicação no terreno** (p. ex. o Sudão já teve de descartar vacinas porque não conseguiu administrá-las e a República Democrática do Congo devolveu um milhão de doses devido a falta de capacidade). A CARE International estima que por cada dólar investido em vacinas, são necessários $5 para levar essas vacinas às populações. Isto significa que o apoio internacional será vital para colmatar estes constrangimentos, nomeadamente na identificação e fomento de novas parcerias e abordagens para chegar até às comunidades, particularmente as mais vulneráveis e marginalizadas. Além disto, outras doenças (como o sarampo ou a febre amarela) e a imunização em geral são desafios consideráveis em cenários frágeis, onde existe uma grande lacuna na vacinação básica, que tem um impacto direto na mortalidade infantil e que foi agravada pela pandemia. Neste contexto, seria igualmente importante refletir sobre a forma como a imunização é prosseguida em muitos dos países frágeis e vulneráveis, nomeadamente tentando ir além dos parceiros humanitários tradicionais e identificando outros com vantagens comparativas para aplicar e potenciar novas abordagens.

Cooperation is key not only for distributing vaccines, because fragile and poorer countries are not able to meet the real costs of **delivery on the ground** (e.g. Sudan had already to discard vaccines because was not able to administer them, and the Democratic Republic of Congo returned one million doses due to lack of capacity). CARE International estimates that for every dollar invested in vaccines, $5 are needed to deliver those vaccines to populations. This means that international support will be vital to remedy these shortcomings, including by identifying and fostering new partnerships and approaches to reach communities, particularly the most vulnerable and marginalised. Furthermore, other diseases (such as measles or yellow fever) and immunisation, in general, are significant challenges in fragile settings, where there is also a very important gap on basic vaccination, that has a great impact on child mortality and has been aggravated by the pandemic. In this context, it would also be important to reflect on how immunisation is carried out in many fragile and vulnerable countries, to go beyond the traditional humanitarian partners and identify others with comparative advantages to deliver and scale up new approaches.



Nota/Note: Dados da vacinação em final de junho de 2021 / Vaccination data by end of June 2021. Fontes/Sources: Intervenções dos oradores/ Speakers Interventions; OMS/WHO, United Nations; UN News, "Nine in 10 African nations set to miss urgent COVID vaccination goal", 10.06.2021; WHO Director-General's opening remarks at the World Health Assembly, 24.05.2021.

A **produção de vacinas** constitui uma questão importante, uma vez que esta está concentrada num conjunto restrito de países (EUA, alguns países da UE, Índia, China e Rússia) e destes, apenas a UE e a China estão a exportar vacinas na prática (aproximadamente 400 milhões cada, até à data). Neste contexto, as opiniões dividem-se em relação ao **papel desempenhado pela UE** até ao momento. O apoio da UE aos mecanismos globais de partilha de vacinas, incluindo o compromisso afirmado em maio de 2021 de doar pelo menos 100 milhões de doses através da COVAX e de financiar a GAVI com €3,2 mil milhões EUR, assim como a provisão de mil milhões EUR para apoiar a produção de vacinas nos países africanos que já possuam instalações para a produção, constituem iniciativas louváveis, especialmente se considerarmos que a Europa era o continente mais afetado pela pandemia há cerca de um ano. A UE tem demonstrado também uma preocupação em demarcar-se da Rússia e da China no que respeita à "diplomacia das vacinas", uma vez que não concede tratamento preferencial para parceiros específicos e com contrapartidas, tais como a troca das doações/exportações de vacinas por empréstimos elevados, por acesso aos mercados e aos recursos naturais, ou ainda por apoio estratégico sobre questões políticas específicas. No entanto, é igualmente possível considerar-se que a mensagem de solidariedade chegou tarde e que as decisões para apoiar os parceiros da UE foram lentas e insuficientes. As posições dos Estados-membros da UE têm sido díspares, uma vez que a França está a apoiar bilateralmente África, e Portugal e Espanha acordaram em partilhar 5% das vacinas adquiridas, enquanto outros países europeus ainda aguardam para tomar uma decisão. Além disso, as medidas da UE para restringir temporariamente a exportação de vacinas, ou para impedir a suspensão das patentes a nível internacional estão a ser fortemente criticadas por redes da sociedade civil (como a CONCORD) e pelos países mais pobres.

Várias opiniões têm enfatizado a necessidade de tornar a cadeia de distribuição livre de monopólios, incluindo (mas não limitado a) o levantamento de patentes das vacinas. Alguns países frágeis apoiaram o apelo efetuado por um grupo alargado de países em desenvolvimento para a suspensão da *TRIPS* na OMC (acordo internacional sobre proteção dos direitos de propriedade intelectual relacionados com questões comerciais), mas a suspensão de patentes pode não ser uma questão assim tão linear por diversas razões. Alguns argumentam que o incentivo para as empresas continuarem a investir na investigação deve ser assegurado (sendo este maioritariamente o argumento da UE), enquanto outros percecionam o levantamento das patentes como uma medida necessária mas não suficiente, porque não resolve a questão do fornecimento/distribuição, uma vez que a suspensão de patentes é como a disponibilização dos ingredientes de uma receita, sem explicar o que deve ser feito exatamente para executar essa receita com sucesso. De qualquer forma, a pandemia veio demonstrar que a concentração excessiva da produção de vacinas em poucos países é um perigo, especialmente se tivermos em consideração a possibilidade de surgimento de novas pandemias- A possível suspensão de patentes deve ser complementada com a remoção de bloqueios à exportação de componentes das vacinas, com a **partilha de conhecimento e expertise, com transferência de tecnologia e outros apoios à produção de vacinas em países em desenvolvimento.**

Vaccines' production is a major issue, as it is concentrated in a few countries (USA, some EU countries, India, China and Russia) and from these, only China and the EU are exporting vaccines in practice (around 400 million each, to date). Within this context, opinions are divided on the **role played by the EU** so far. EU support to global vaccine-sharing mechanisms, including the pledge in May 2021 to donate at least 100 million doses through COVAX and the EUR 3.2 billion financing of GAVI, as well as the provision of EUR 1 billion to support vaccine production in African countries that already have production facilities, are commendable initiatives, particularly if we consider that Europe was the most hit continent by this pandemic one year ago. The EU is also keen to stress that its position differs from Russia and China on vaccine diplomacy, as it pursues no preferential treatment for specific partners and no trade-offs, such as exchanging vaccines donations/exports for expensive loans, access to markets and natural resources, or even other strategic support on specific political issues. However, one can also say that the solidarity message came along rather late and decisions to support EU partners were slow and insufficient. EU Member States' positions are also mixed, as France is bilaterally supporting Africa and Portugal and Spain have decided to share 5% of the purchased vaccines, while other European countries are still waiting to take action. In addition, EU decisions to temporarily restrict vaccines' exports, or to block the patents' waiver at the international level is being criticised by civil society groups (such as CONCORD) and by poorer countries.

Many opinions stress the need to turn the entire supply chain monopoly-free, including (but not limited to) the lifting of patents. Fragile countries have supported the pledge of a wide group of developing countries for a WTO TRIPS waiver, but patents' suspension may not be such a straightforward issue, for different reasons. Some argue that the incentive for companies to continue investing in research must be ensured (mainly the EU argument), while others perceive the lifting of patents as a necessary but not sufficient measure, because it does not solve the delivery/distribution issue, as suspending patents is like providing the information on the ingredients for a recipe, without explaining what should be done to successfully execute the recipe. In any case, the pandemic has shown that the high concentration of vaccine's production in few countries is a danger, especially if we consider the possibility of other forthcoming pandemics, and the possible waiver in patents must be complemented with the removal of export bans of vaccine components, **knowledge and expertise sharing, technology transfer and other support to vaccine production in developing countries**.

Sabemos agora que surgirão outras pandemias, e se queremos enfrentar futuras ameaças, temos de ser capazes de respostas melhores e mais rápidas, assim como assegurar que os mecanismos necessários estão em funcionamento. Nomeadamente, será necessário que cada país possa aumentar a sua capacidade de testagem e diagnóstico, bem como de sequenciar o genoma do vírus de forma a estudar e prever mutações. Isto pode ser alcançado através da criação de um **organismo de vigilância global** com a configuração de uma rede de organizações científicas que podem implementar "sistemas de radar" para sequenciar vírus e detetar novos agentes patogénicos, e através da partilha dessa informação de forma transparente, aberta e não politizada. Se tivermos a capacidade de prevenir e de responder rapidamente a questões emergentes, sabemos que conseguiremos melhorar a nossa resposta a vários níveis, mas isto só será possível se os recursos e conhecimentos técnicos forem partilhados, designadamente com países mais pobres.

A cooperação internacional será igualmente crucial para aproveitar a oportunidade de reconstruir melhor (*build back better*), especialmente apoiando **sistemas de saúde robustos e equitativos** por todo o mundo. Neste contexto, outros surtos de doenças infeciosas, em particular a experiência dos países da África Subsaariana com o ébola, a tuberculose e também com o VIH trouxeram-nos lições e exemplos importantes sobre qual o caminho a seguir, incluindo sobre a importância de melhorar a capacidade dos cuidados básicos de saúde, de investir em planos de saúde pública e programas de envolvimento comunitário, de assegurar boas condições de trabalho e proteção social para os trabalhadores no setor da saúde, e de colocar o enfoque em sistemas sólidos de abastecimento e distribuição.

It is now clear that there will be other pandemics, and if we want to face coming threats, we must respond better and faster, as well as making sure we have the necessary mechanisms in place for the future. Namely, it will be crucial that every country can increase their testing and diagnostics' capacity, as well as to sequence the genome of the virus to study and predict mutations. This could be achieved by creating a **global surveillance body**, set up as a network of scientific organisations that could implement a "radar system" to sequence viruses and detect new pathogens, and by sharing that information in a transparent, open and non-politicised way. If we have the capacity to prevent and to deal quickly with arising issues, we know we can improve the response provided at various levels, but this will only be possible if resources and expertise are shared, including with poorer countries.

International cooperation will also be key to seize the opportunity of building back better, particularly in supporting **robust and equitable health systems** around the world. In this context, other infectious disease outbreaks, and particularly the experience of Sub Saharan African countries with Ebola, tuberculosis, and even HIV have brought us important lessons and examples of the right paths to follow, including the importance of primary healthcare capacity, the investment on public health plans and community engagement programmes, the need to ensure good working conditions and social protection to health workers, and the focus on robust supply and delivery systems. We should capitalise on all the existing political attention on global health and focus on creating and improving resilient health systems that are capable of reaching (and working with) communities - which is the best way to prevent further health crises.

Deveríamos aproveitar a atual atenção política sobre a saúde global para nos focarmos na criação e melhoria de sistemas de saúde resilientes que sejam capazes de chegar (e trabalhar com) as comunidades – que constitui a melhor forma de prevenir futuras crises de saúde pública.

Por fim, a pandemia de COVID-19 veio tornar visível **a fragilidade dos sistemas e mecanismos globais** - um fenómeno que os países frágeis já conhecem há décadas -, uma vez que se tornou evidente que o mundo não está suficientemente equipado, nem a nível institucional nem a nível político, para prosseguir soluções rápidas para problemas globais urgentes. Esta fragilidade aponta para a necessidade urgente de reforçar **estruturas, instrumentos e mecanismos multilaterais,** uma vez que só o multilateralismo e a cooperação serão capazes de proporcionar soluções partilhadas e ajudar a ultrapassar qualquer desafio global comum (como a COVID-19 e os seus impactos de longa duração). Apesar de a Cimeira das Nações Unidas em setembro e a Cimeira do G20 em outubro de 2021 poderem ser momentos de avanço nestas questões, são necessárias mudanças nas condições para a governação global e a prossecução de uma cooperação mais sistemática.

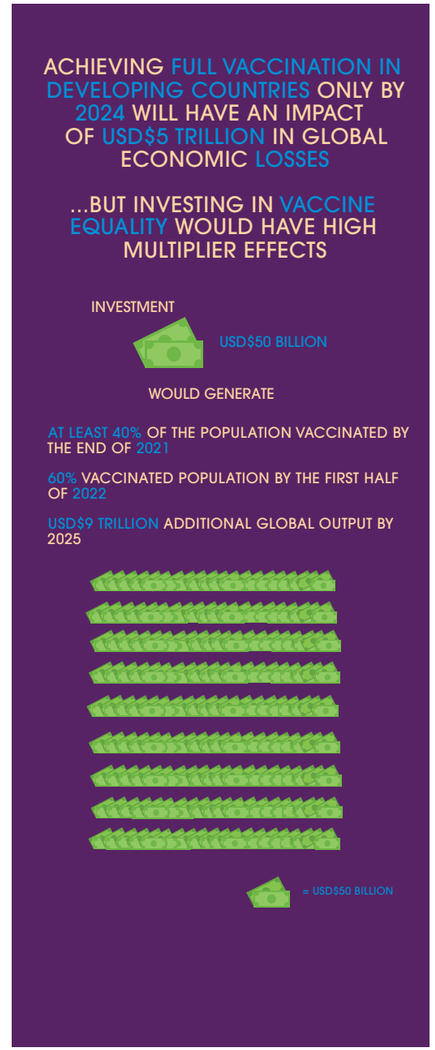
Finally, the COVID-19 pandemic has unveiled **the fragility in global systems and mechanisms**, a phenomenon the fragile countries have lived in for decades, as it has been proven that the world is not well equipped, either institutionally or politically, to pursue quick solutions in pressing global problems. This unleashed fragility points to the urgent need of reinforcing **multilateral structures, instruments and mechanisms,** since only multilateralism and cooperation will be able to provide for shared solutions and help to overcome any common global challenge (like COVID-19 and its long-lasting impacts). While the UN Summit in September and the G20 summit in October 2021 may be key moments to potentially move forward in this regard, changes in the conditions for global governance and more systematic cooperation are needed.

"Esta pandemia provou a necessidade de fortalecer e assegurar os recursos e instrumentos adequados às estruturas multilaterais que lidam com situações de desastre e coordenam mecanismos de alerta precoce sobre crises sanitárias à escala global. (...) Será agora possível equipar as Nações Unidas e as suas agências adjacentes com os meios e condições necessárias para alcançar uma regulação mundial mais eficaz na resposta às incertezas do futuro?"

– FRANCISCO SEIXAS DA COSTA, Presidente do Clube de Lisboa

"This pandemic has proven the need to strengthen and provide adequate resources and instruments to multilateral structures that deal with disaster situations and manage early warning mechanisms for health crises on a global scale. (...) Will it now be possible to equip the United Nations and surrounding agencies with the necessary means and conditions for better world regulation to deal with the uncertainties of the future?"

– FRANCISCO SEIXAS DA COSTA, President of Club of Lisbon



Fontes/Sources: Intervenções dos oradores/Speakers' interventions; IMF, "A Proposal to End the COVID-19 Pandemic", 19.05.2021.

© Jakayla Toney, Unsplash, 2020.

Conferences on

_STATE FRAGILITY

2

_ PAINÉIS DE DEBATE

_ DISCUSSION PANELS

#statefragility

ABERTURA

_ FRANCISCO SEIXAS **DA COSTA**

OPENING

_ PEEKA **HAVISTO**

_ JOÃO RIBEIRO **DE ALMEIDA**

_ HELDER **DA COSTA**

MODERADOR**MODERATOR**

PEKKA HAAVISTO congratulou os membros do g7+ por terem chamado a atenção do mundo para o grave impacto da pandemia de COVID-19 em Estados frágeis e comunidades vulneráveis. Rico ou pobre, grande ou pequeno, a pandemia inibe a capacidade de funcionamento do Estado e todos os países adotaram novas formas de trabalho para manter os negócios e a administração em funcionamento durante a pandemia. Mas para os Estados frágeis, a situação tem sido muito pior, com a falta de recursos para lidar com emergências médicas, a falta de informação para canalizar esses escassos recursos, a dificuldade de prestar serviços enquanto sofrem com conflitos violentos e/ou não conseguem controlar partes do seu território.

PEKKA HAAVISTO congratulated the g7+ members for having drawn the world's attention to the severe impact of the COVID-19 pandemic on fragile States and vulnerable communities. Rich or poor, big or small, the pandemic inhibits the State's ability to function, and all countries adopted new ways of working in order to keep the business of government and administration going during the pandemic. But for fragile States, the situation has been far worse, with the lack of resources to handle medical emergencies, the lack of information to channel those scarce resources, the struggle to deliver services while suffering from violent conflict and/or not being able to control parts of their territory.

Durante a pandemia, estes Estados viram sua capacidade de combater o vírus deteriorar-se ainda mais, pois os países com melhores recursos para combater a pandemia não conseguiram ajudar da maneira necessária e esperada. Isso não quer dizer que a Europa não esteja a contribuir para a luta contra a pandemia, já que a UE e os Estados membros são os maiores financiadores do Fundo COVAX. Há sinais positivos de que a quantidade de vacinas e outras ajudas médicas aumentarão ainda mais, com o aumento de novas linhas de produção, mas mais deve ser feito: obter mais ajuda, mais rapidamente, e coordenar com os destinatários de forma mais abrangente, mais detalhada e mais eficiente.

JOÃO RIBEIRO DE ALMEIDA destacou o papel do g7+ como voz coletiva nos processos de negociação com os parceiros internacionais, para garantir que aqueles que enfrentam situações de conflito e/ou outros tipos de fragilidade não sejam colocados numa posição desigual no contexto das negociações multilaterais e relações bilaterais. Salientou ainda que o apoio a países em situação de fragilidade tem sido uma das principais prioridades da cooperação portuguesa, tanto a nível bilateral como multilateral. Portugal apoiou o g7+ na obtenção do estatuto de observador junto das Nações Unidas, o que foi alcançado em 2019, e apoiou ainda o apelo do Secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, para um cessar-fogo global, com o objetivo de combater de forma mais eficaz a pandemia.

A pandemia não é exclusivamente uma crise sanitária, mas também uma crise social, económica, humanitária e de direitos humanos, que põe em causa muito do que foi alcançado no quadro da Agenda de Desenvolvimento Sustentável. A convergência de esforços a nível político, científico e financeiro permitiu o desenvolvimento de vacinas a uma velocidade nunca testemunhada, o que é um fator de esperança, embora ainda seja um bem escasso. Mais do que nunca, a importância do multilateralismo é inegável, e a comunidade internacional deve escolher o caminho da convergência, colaboração e solidariedade para garantir a vacinação à escala global, devendo as vacinas ser tratadas como um bem público global, acessível e a custos comportáveis para todos.

Por fim, contextos de fragilidade requerem ações mais efetivas noutras áreas. É imperativo que os atores do nexo de ajuda humanitária, desenvolvimento e paz trabalhem para fortalecer a coordenação, coerência e complementaridade de suas ações nesses contextos particulares. Devemos ser proativos, e o combate à pandemia deve ser prioridade, mas sem descurar o combate às desigualdades, a resposta à catástrofe climática, às divisões sociais e à corrupção. A resposta à crise deve ser um esforço global de todos e contribuir para fortalecer o contrato social nos países mais frágeis, indo além do apoio de curto prazo, nomeadamente promovendo o acesso aos serviços públicos de forma mais efetiva e inclusiva, fortalecendo a confiança nas instituições e a coesão social, contribuindo assim também para a prevenção de conflitos.

HELDER DA COSTA destacou que os modelos de parceria e de integração regionais e globais capacitaram os seres humanos para conter catástrofes de forma mais eficaz e eficiente do que anteriormente. No entanto, os países afetados por conflitos, como os do g7+, são os mais afetados pelas suas consequências diretas e indiretas, imediatas e de longo prazo, pois a fragilidade institucional e económica e os conflitos prolongados e persistentes tornam esses países propensos a um impacto mais adverso de tais crises.

During the pandemic, these States have seen their ability to counteract the virus further erode, as the countries with better resources to fight the pandemic have not been able to help in the way that was needed and indeed hoped for. This is not to say that Europe is not helping in the fight against the pandemic, as the EU and the member States are the single biggest source of funds for the COVAX Facility. There are positive signs that the number of vaccines and other medical help will further increase, with the ramping up of new lines of production, but more should be done: get in more help more quickly and coordinate with the recipients more widely, more thoroughly and more efficiently.

JOÃO RIBEIRO DE ALMEIDA highlighted the role of the g7+ as a collective voice in the negotiation processes with international partners, to ensure that those who face situations of conflict and/or other types of fragility are not in an unequal position in the context of multilateral and bilateral relations. He also noted that support for countries in situations of fragility has been one of the main priorities of Portuguese cooperation, both bilaterally and multilaterally. Portugal supported the g7+ in obtaining observer status with the United Nations, which was achieved in 2019, and supported the United Nations Secretary-General António Guterres' call for a global ceasefire, with the aim of more effectively combating the pandemic.

The pandemic is not exclusively a health crisis, but also a social, economic, humanitarian and human rights crisis, which calls into question much of what has been achieved in the framework of the Sustainable Development Agenda. The convergence of efforts at the political, scientific and financial levels has allowed the development of vaccines at a speed never seen before, which is a factor of hope, although these are still a scarce commodity. More than ever, the importance of multilateralism is undeniable. The international community must choose the path of convergence, collaboration and solidarity to guarantee vaccination on a global scale, and vaccines must be treated as a global public good, accessible and affordable for all.

Finally, contexts of fragility require more effective action in other areas. It is imperative that the actors in the humanitarian aid, development and peace nexus work to strengthen the coordination, coherence and complementarity of their actions in these specific contexts. We must be proactive, and the fight against the pandemic must be the focus, but without neglecting the fight against inequalities, climate catastrophe, social divisions and corruption. The response to the crisis must be a global effort by all and contribute to strengthening the social contract in the most fragile countries, going beyond short-term support, including access to public services in a more effective and inclusive way, strengthening trust in institutions and promoting social cohesion, thus also contributing to conflict prevention.

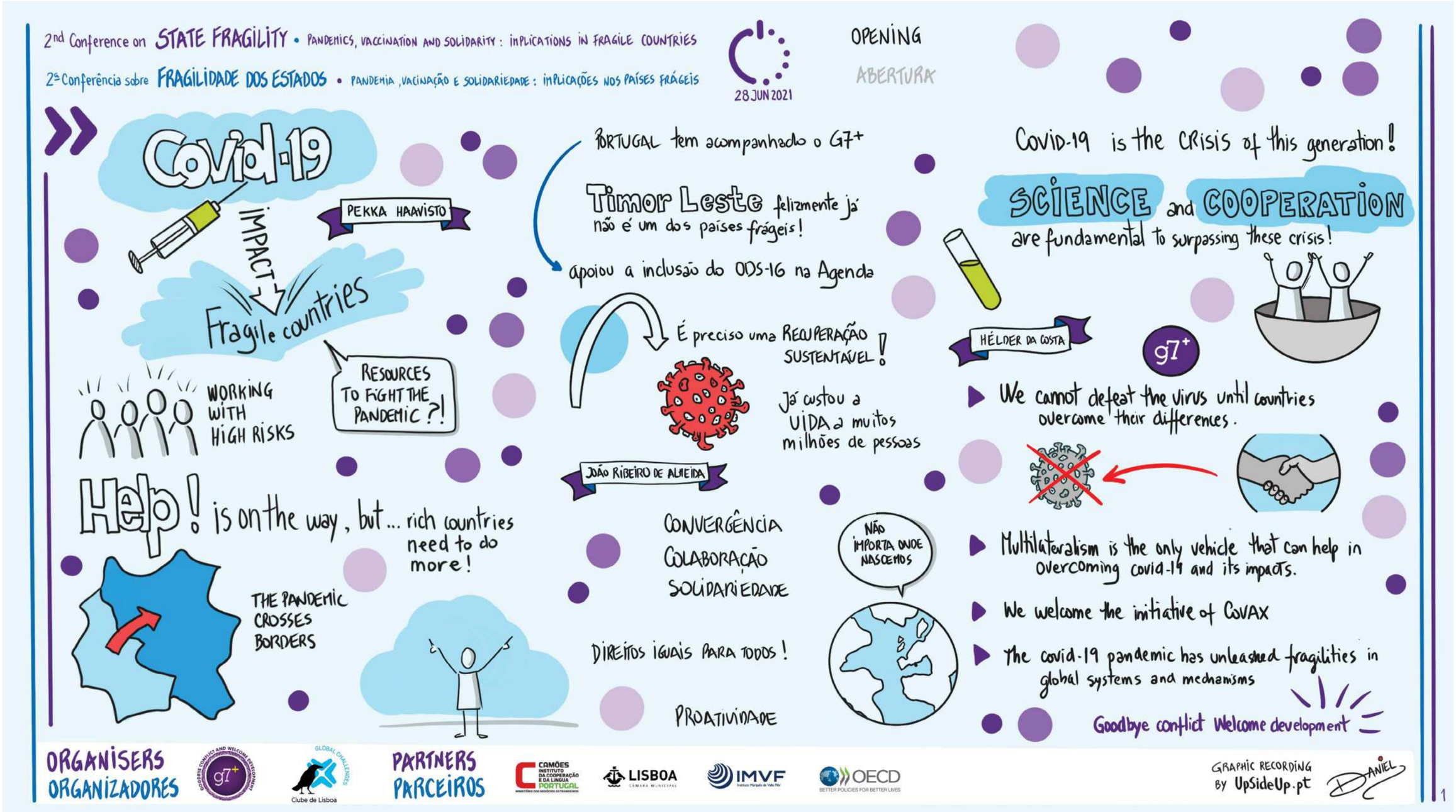
HELDER DA COSTA pointed out that regional, global integration and partnership models have empowered humans to curb catastrophes more effectively and efficiently than before. However, conflict-affected countries such as those in the g7+, are the worst impacted by its immediate and long-term direct and indirect consequences, as institutional and economic fragility and long-lasting ongoing conflicts make these countries prone to an adverse impact of such crises.

Na resposta global à pandemia, várias questões devem ser abordadas com urgência. Primeiro, o mundo deve usar todas as vias diplomáticas para prosseguir um cessar-fogo global e promover a reconciliação, sendo que as Nações Unidas devem estabelecer um conselho de alto nível para facilitar o diálogo e a reconciliação. Em segundo lugar, o multilateralismo é o único canal que pode ajudar a superar qualquer desafio, como a COVID-19 e seu impacto duradouro. O g7+ apela às Nações Unidas para que assumam a liderança na resposta global e insta organizações regionais como a União Europeia, União Africana e a ASEAN a cooperar e adotar políticas regionais para superar os impactos da COVID-19. Terceiro, o mundo precisa de um programa de vacinação com oferta disponível; para isso, os países produtores de vacinas devem levantar as patentes de produção de vacinas, agilizando a tão necessária vacinação do mundo. Finalmente, existe uma necessidade reforçada de ajudar a superar a fragilidade dos Estados, já que os países frágeis dependem de assistência externa há décadas. Esta é a altura de usar a assistência para a prossecução da estabilidade e autossuficiência nesses países – o que exigirá a adoção de uma mudança de paradigma na forma como a ajuda é gerida.

In the global response to the pandemic, several issues should urgently be addressed. First, the world needs to use all tracks of diplomacy to pursue global cease fire and reconciliation, and the United Nations should establish a high-level council to facilitate dialogue and reconciliation. Second, multilateralism is the only vehicle that can help in overcoming any challenge such as COVID-19 and its long-lasting impact. The g7+ calls upon the United Nations to take the lead in the global response and urges regional organisations such as the European Union, African Union, ASEAN to cooperate and adopt regional policies to overcome the impacts of COVID-19. Third, the world needs a vaccination programme with available supply; for that, vaccine producing countries should waive the patents on vaccines production, speeding the much-needed vaccination of the world. Finally, there is a reinforced need to help overcoming state fragility, as fragile countries are relying on foreign assistance for decades. Now is the time to use the assistance in pursuit stability and self-reliance in these countries - and this will require adopting a paradigm shift in the way assistance is managed.

_VEJA O VÍDEO DA SESSÃO DE ABERTURA

_WATCH THE VIDEO OF THE OPENING SESSION


2nd Conference on STATE FRAGILITY • PANDEMICS, VACCINATION AND SOLIDARITY: IMPLICATIONS IN FRAGILE COUNTRIES
2ª Conferência sobre FRAGILIDADE DOS ESTADOS • PANDEMIA, VACINAÇÃO E SOLIDARIEDADE: IMPLICAÇÕES NOS PAÍSES FRÁGEIS
28 JUN 2021
OPENING
ABERTURA
Covid-19
IMPACT
Fragile countries
PEKKA HAAVISTO
WORKING WITH HIGH RISKS
RESOURCES TO FIGHT THE PANDEMIC?!
Help! is on the way, but... rich countries need to do more!
THE PANDEMIC CROSSES BORDERS
PORTUGAL tem acompanhado o G7+
Timor Leste felizmente já não é um dos países frágeis!
apoiou a inclusão do ODS-16 na Agenda
É preciso uma RECUPERAÇÃO SUSTENTÁVEL!
Já custou a VIDA a muitos milhões de pessoas
JOÃO RIBEIRO DE ALMEIDA
CONVERGÊNCIA
COLABORAÇÃO
SOLIDARIEDADE
DIREITOS IGUAIS PARA TODOS!
PROATIVIDADE
Covid-19 is the crisis of this generation!
SCIENCE and COOPERATION are fundamental to surpassing these crisis!
HÉLDER DA COSTA
g7+
We cannot defeat the virus until countries overcome their differences.
NÃO IMPORTA ONDE NASCEMOS
Multilateralism is the only vehicle that can help in overcoming covid-19 and its impacts.
We welcome the initiative of COVAX
The covid-19 pandemic has unleashed fragilities in global systems and mechanisms
Goodbye conflict Welcome development
ORGANISERS
ORGANIZADORES
PARTNERS
PARCEIROS
GRAPHIC RECORDING BY UpSideUp.pt
DANIEL

© UN Photo, UN735272, 2019.

Conferences on

_STATE FRAGILITY

_ SESSÃO ESPECIAL: SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL PARA COM OS PAÍSES FRÁGEIS

_ SPECIAL SESSION: INTERNATIONAL SOLIDARITY TOWARDS FRAGILE COUNTRIES

#statefragility

SESSÃO ESPECIAL: SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL PARA COM OS PAÍSES FRÁGEIS

SPECIAL SESSION: INTERNATIONAL SOLIDARITY TOWARDS FRAGILE COUNTRIES

_ DAVID **CAMERON**

_ LUÍSA **MEIRELES**

MODERADORA**MODERATOR**

DAVID CAMERON enfatizou a extrema importância de abordar a fragilidade dos Estados, pois até 2030 é provável que 50% das pessoas mais pobres do mundo vivam em Estados frágeis. Tal é ainda mais relevante no contexto atual, porque tudo o que um país precisa para combater uma pandemia - recursos, confiança nas instituições e no governo, instituições fortes e capazes de fornecer equipamentos de proteção individual ou vacinas ou responder aos desafios de saúde pública - tendem a não estar presente na maioria dos Estados frágeis.

Os Estados que eram frágeis e já não conseguiam combater os fatores de pobreza e vulnerabilidade foram ainda mais prejudicados por esta pandemia. O que pode ser feito no apoio ao combate à Covid-19? A curto prazo, trata-se de entregar os recursos, partilhar as vacinas, entregar essas vacinas por meio de COVAX e outros métodos aos países mais pobres e frágeis do mundo. A curto e médio prazo, trata-se de ter um plano detalhado de quem vai dar o quê, a quem e quando. A longo prazo, trata-se de produzir vacinas em mais países fora da Europa e dos EUA. É necessário implementar um plano para partilhar adequadamente a tecnologia, a experiência e as patentes, em centros de produção distribuídos, para que exista uma forma muito mais robusta e resiliente de produzir e distribuir vacinas.

A questão da fragilidade do Estado é complexa, pois não se verifica uma causa única e imediata para se ser um Estado frágil, ou seja, tende a um conjunto de múltiplas questões, cada uma das quais reforça a outra. No caso da Somália, por exemplo, a combinação de conflitos, corrupção, instituições fracas, um sentido muito fraco de legitimidade do Estado, níveis muito baixos de confiança dos cidadãos no governo, com setores privados bastante fracos, empresas em número

DAVID CAMERON stressed the utmost importance of addressing state fragility, as by 2030 it is likely that 50% of the world's poorest people will live in fragile States. This is even more relevant in the current context, because all the things that a country needs to fight a pandemic - resources, trust in institutions and government, strong institutions capable of delivering personal protective equipment or vaccines or address public health issues - tend not to be present in most of fragile States.

States that were fragile and were already failing to tackle poverty and vulnerability have been further disadvantaged by this pandemic. What can be done to support the fight against the Covid-19? In the short term, it is about delivering the resources, sharing the vaccines, delivering those vaccines through COVAX and other methods to the poorest and most fragile countries in the world. In the short to medium term, it is about having a detailed plan of who is going to give what to whom and by when. In the long-term plan, is about producing vaccines in more countries outside Europe and the USA. There needs to be a plan for properly sharing the technology, the expertise, and the patents into distributed centres of production so that there is a far more robust and resilient way of producing and distributing vaccines.

The issue of state fragility is complex, as there is no one proximate cause of being a fragile state; it tends to be a whole set of issues, each of which reinforces the other. Take Somalia, for instance, the combination of conflict, corruption, weak institutions, a very weak sense of state legitimacy, very low levels of trust that people have for government, with quite weak private sectors, not enough firms employing enough people, as well as high levels of poverty – all of

insuficiente que não geram empregos suficientes, bem como elevados níveis de pobreza – tudo isto contribui para tornar este país um Estado frágil. O que se encontra na Somália constitui o exemplo paradigmático de como abordar a fragilidade do Estado é crucial para combater a pobreza global. Não adianta tentar identificar e lidar com apenas uma das questões: removendo o conflito, ainda haveria a falta de capacidade; mudando as instituições fracas, ainda haveria corrupção, e assim por diante.

O que deve ser feito de forma diferente pela comunidade internacional no combate à fragilidade dos Estados? Concentração nas prioridades locais, não em prioridades internacionais. Trabalhar com governos e não em torno deles. Permitir tempo para se recuperar antes de realizar eleições (o que é controverso). Se um país está dividido entre diferentes grupos étnicos ou diferentes nacionalidades que estão a recuperar de conflitos, existe a necessidade de ter um governo democrático eleito legítimo. No entanto, correr rapidamente para esse objetivo não ajuda, pois acaba por fortalecer as fissuras entre os diferentes grupos étnicos ou nacionalidades, em vez de reconciliar os diferentes elementos de um país e criar um plano ao qual todos possam aderir antes de realmente avançar para essa eleição.

Se existir uma situação em que um governo só consegue governar uma parte do país, a primeira coisa, e mais importante, é tentar alcançar alguma forma de reconciliação nacional. Há exemplos de Estados extremamente frágeis ou com elementos de fragilidade onde houve uma tentativa real de tentar chegar a um acordo e onde foi possível que diferentes partes do país aderissem a um plano comum.

this makes it a fragile State. What is found in Somalia is the example of why addressing State fragility is crucial to tackle global poverty. There is no good in trying to identify and deal with only one issue: removing the conflict, there would still be the weak capacities; by changing the weak institutions, there would still be the corruption.

What should be done differently by the international community in tackling state fragility? Focusing on local priorities, not international priorities. Working with governments rather than around them. Allowing time to recover before holding elections (which is controversial take). If a country is fractured between different ethnic groups or different nationalities that have been recovering from conflict, there is a want of having a legitimate elected democratic government. However, rushing towards it doesn't help as it focuses on strengthening the fissures between the different ethnic groups or nationalities rather than reconciling the different elements of a country and creating a plan by which all can buy into before actually moving to that election.

If there is a situation where a government is ruling over only part of the country, the first and most important thing is to try to achieve some form of national reconciliation. There are examples of States that are extremely fragile or have elements of fragility where there has been a real attempt to try and achieve a settlement, where different parts of the country will buy into a common plan.

No caso do Líbano, um país em um estado muito frágil, passando por grandes dificuldades atualmente, houve uma tentativa, através da divisão dos vários papéis do Estado - o presidente, o presidente da Câmara dos Comuns, o presidente do Parlamento, as diferentes etnias e grupos religiosos - de delinear e aderir a um plano comum sobre a forma como o país deve ser governado. O Afeganistão, por outro lado, constituiu um erro: foi um erro agir tão rapidamente em 2001, foi um erro não tentar incluir na governação daquele país, senão os próprios Talibã, pelo menos elementos que representassem adequadamente a população Pashtun do sul daquele país.

A reconciliação nacional é sempre muito difícil. Mas se um governo de um país está a prosseguir uma tentativa de sair da fragilidade, está a tentar fazer a sua economia crescer, é muito mais provável que tenha sucesso se for ajudado a cumprir sua agenda, em vez de impor uma agenda decidida por pessoas de fora.

Por exemplo, uma organização doadora disse efetivamente ao Sudão do Sul "nós realmente não podemos ajudá-lo, até que sejam anunciados os seus planos para combater as alterações climáticas". Naturalmente, as alterações climáticas são uma questão crucial, mas não são claramente a prioridade mais importante daquele país. A prioridade mais importante é ter um governo que funcione, ter todos os diferentes elementos étnicos e religiosos a trabalhar em conjunto e então tentar construir os elementos da economia e da segurança para que as pessoas possam realmente ter o básico. Em seguida, podemos então equacionar questões como as alterações climáticas.

In the case of Lebanon, a country in a very fragile state, suffering currently great difficulties, there was an attempt, through the division of the various roles of state - the President, the speaker of the Commons, the speaker of the Parliament, the different ethnicities and religious groups - to buy-in to a common plan for how the whole country should be governed. Afghanistan, on the other hand, was a mistake: it was a mistake to move so quickly in 2001, it was a mistake not to try and include in the governance of that country, if not the Taliban themselves, then at least elements that properly represented the southern Pashtun population of that country.

National reconciliation is always very difficult. But if a government of a country is trying to exit fragility, it is trying to grow its economy, is far more likely to succeed if it is helped to deliver its agenda rather than imposing on it an agenda decided by those from the outside.

As an example, there was a donor organisation that was effectively saying to South Sudan "we really can't help you, until you have announced your plans to combat climate change". Of course, climate change is a crucial issue, but combating climate change is not the most important priority of that country. The most important priority is to have a government that functions, to have all the different ethnic and religious elements working together and then try to build the elements of the economy and security so that people can have the basics. Then we can get on to issues like climate change.

Relativamente à resposta à pandemia de COVID-19 em termos de acesso a vacinas, David Cameron considerou que o quadro atual é extremamente dececionante.

A COVAX está a fazer o que pode com os recursos que tem. Foi feito um conjunto de promessas sobre a entrega de vacinas na África e não conseguiram cumpri-las. Por que razão? Porque os países ricos monopolizam a distribuição de vacinas e a produção não está a ser distribuída de forma adequada. Os produtores de vacinas e os governos dos países mais ricos devem trabalhar com as empresas farmacêuticas em todo o mundo em desenvolvimento e garantir que a capacidade de produção de vacinas seja muito mais disseminada. Existem empresas farmacêuticas na África do Sul, no Ruanda e noutras partes do mundo onde existem Estados frágeis, capazes de fabricar vacinas. Este deve ser o enfoque a longo prazo: ter um sistema muito mais resiliente e distribuído para produzir e licenciar vacinas, incluindo o aumento da produção nesses outros países.

Em relação à resistência verificada na partilha de tecnologia para produzir vacinas, seria errado encarar isso como a expressão de uma divisão entre as grandes empresas farmacêuticas com intenções malévolas, por um lado, e os doadores bem-intencionados, por outro. A suspensão de patentes parece uma medida boa, mas não significa necessariamente que mais vacinas serão entregues. A implementação de plano para trabalhar com as empresas farmacêuticas de forma a ter uma capacidade de produção muito mais distribuída, no futuro, conduziria a um resultado mais bem-sucedido do que simplesmente argumentar pela suspensão de patentes. As empresas farmacêuticas são perfeitamente capazes de fazer escolhas morais, se forem abordadas de maneira prática e sensata pela comunidade internacional e pelos governos para ajudar a realizar esses propósitos.

Recentemente, verificam-se alguns sinais positivos no apoio internacional à vacinação, nomeadamente alguns elementos que saem das discussões do G7, exprimindo um sentido de responsabilidade global. Como é o caso da promessa dos EUA, por exemplo, de comprar e doar 500 milhões de doses de vacinas e de atingir mil milhões até ao meio do ano. O problema, porém, é que a escala do que é necessário é muito maior do que isso. Esse número é suficiente apenas para vacinar 10% da população dos países mais pobres do mundo, pelo que se verifica uma enorme lacuna entre o que o G7 ofereceu e o que é necessário. Há uma urgência real de tentar reunir os países do G7, outros doadores e outros membros da COVAX e tentar chegar a um acordo sobre um plano realmente elaborado e eficaz que defina quem vai receber o quê, e quando, nos próximos meses.

Questionado sobre o trabalho desenvolvido pelo Council on State Fragility, David Cameron destacou a sua abordagem muito prática. O Conselho reúne pessoas que dirigiram Estados frágeis - como Ellen Johnson-Sirleaf da Libéria e Donald Kaberuka com sua experiência em Ruanda - e um conjunto de pessoas que trabalharam no setor do desenvolvimento a nível muito prático, em países como lémen, Paquistão e vários países africanos. Também trabalha com investigadores da academia para explorar opiniões e visões sobre o que pode funcionar. O Conselho fez uma série de sugestões sobre como aumentar a produção de vacinas, como potencializar a COVAX e ter uma produção

Regarding the response to the COVID-19 pandemic in terms of access to vaccines, David Cameron considered that the current picture is extremely disappointing.

COVAX is doing what they can with the resources that they have. A set of promises about delivering vaccines to Africa was made, but they haven't been able to deliver on them. Why? Because wealthy countries monopolize the delivery of vaccines, and the production is not being adequately distributed. Vaccine producers and wealthy governments need to work with pharmaceutical businesses throughout the developing world and make sure that the capacity for producing vaccines is far more widely spread. There are pharmaceutical companies in South Africa, in Rwanda, and in other parts of the world where there are fragile States capable of manufacturing vaccines. That is what the focus needs to be for the longer term: having a far more resilient and distributed system for producing and licensing vaccines, including boosting production in these other countries.

Regarding the resistance of sharing technology to produce vaccines, it would be wrong to see this as the sort of evil pharmaceutical big business companies on the one hand and well-meaning donors on the other hand. Suspension of patents sounds good, but it does not necessarily mean that more vaccines will be delivered. A plan to work with the pharmaceutical companies to have a far more distributed production capability in future would lead to a more successful outcome than simply arguing for the suspension of patents. Pharmaceutical companies are perfectly capable of making moral choices if they are approached in a practical and sensible way by the international community and governments to help make that happen.

Recently, there are some positive signs on the international support to vaccination, namely some good elements coming out of the G7, with a sense of global responsibility. There was the promise from the USA, for instance, to buy and donate 500 million vaccine doses, and reaching a billion by the middle of the year. The problem, though, is the scale of what is required is so much greater than that. That figure is only enough to vaccinate 10% of the population in the poorest countries of the world, so there is a huge gap between what the G7 offered and what is required. There is a real urgency of trying to bring together countries of the G7, other donors and other members of COVAX and try to agree on an actual worked out plan for who is going to get what and when over the next months.

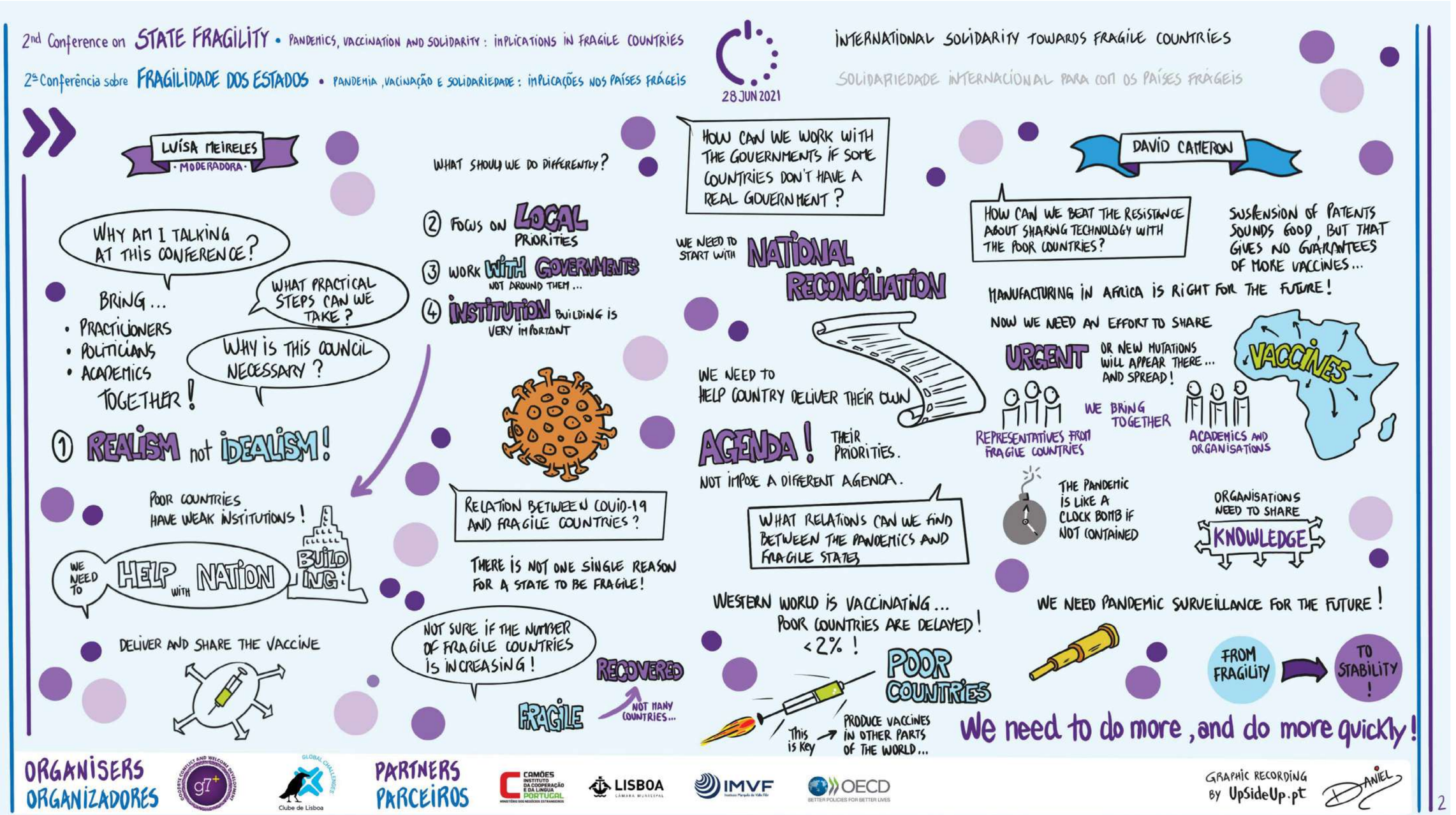
Asked about the work developed by the Council on State Fragility, David Cameron highlighted its very practical approach. The Council brings together people who have run fragile States- as Ellen Johnson-Sirleaf from Liberia and Donald Kaberuka with his experience in Rwanda – and a set of people who have worked in development at a very practical level in countries like Yemen, Pakistan and in several African countries. It also works with academic researchers to expand opinions and views about what might work. The Council made a series of suggestions about how vaccine's production should be increased, about how COVAX could be boosted and to have a better distributed production, but it also meets regularly to discuss individual issues to push for and does research on what can work in several sectors. There are sessions with individual countries to work out what the international community could do to help in a more adequate and effective way. It is particularly focused

mais bem distribuída, mas também se reúne regularmente para discutir questões específicas a serem impulsionadas e faz pesquisas sobre o que pode funcionar em vários setores. Existem sessões com países individuais para descobrir o que a comunidade internacional pode fazer para ajudar da forma mais adequada e eficaz. Está particularmente focado em questões de fragilidade do Estado como: quais são os elementos dessa fragilidade, como ajudar a resolvê-los, como ajudar a trabalhar em situações específicas? O retorno pode ser escasso e as metas difíceis de atingir, mas é um trabalho de vital importância tentar mudar a forma como o desenvolvimento é implementado.

on state fragility issues such as: what are the elements of that fragility, how to help solve them, how to help working in specific situations? The returns might be low, and it might be difficult to meet targets, but it is vitally important work to trying to change the way development is implemented.

_VEJA O VÍDEO DESTA SESSÃO

_WATCH THE VIDEO OF THIS SESSION


2nd Conference on STATE FRAGILITY • PANDEMICS, VACCINATION AND SOLIDARITY: IMPLICATIONS IN FRAGILE COUNTRIES
2ª Conferência sobre FRAGILIDADE DOS ESTADOS • PANDEMIA, VACINAÇÃO E SOLIDARIEDADE: IMPLICAÇÕES NOS PAÍSES FRÁGEIS
28 JUN 2021
INTERNATIONAL SOLIDARITY TOWARDS FRAGILE COUNTRIES
SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL PARA COM OS PAÍSES FRÁGEIS
LUÍSA MEIRELES
· MODERADORA ·
WHY AM I TALKING AT THIS CONFERENCE?
BRING...
• PRACTICIONERS
• POLITICIANS
• ACADEMICS
TOGETHER!
WHAT PRACTICAL STEPS CAN WE TAKE?
WHY IS THIS COUNCIL NECESSARY?
① REALISM not IDEALISM!
POOR COUNTRIES HAVE WEAK INSTITUTIONS!
WE NEED TO HELP WITH NATION BUILDING!
DELIVER AND SHARE THE VACCINE
WHAT SHOULD WE DO DIFFERENTLY?
② FOCUS ON LOCAL PRIORITIES
③ WORK WITH GOVERNMENTS NOT AROUND THEM...
④ INSTITUTION BUILDING IS VERY IMPORTANT
RELATION BETWEEN COVID-19 AND FRAGILE COUNTRIES?
THERE IS NOT ONE SINGLE REASON FOR A STATE TO BE FRAGILE!
NOT SURE IF THE NUMBER OF FRAGILE COUNTRIES IS INCREASING!
FRAGILE
RECOVERED
NOT MANY COUNTRIES...
HOW CAN WE WORK WITH THE GOVERNMENTS IF SOME COUNTRIES DON'T HAVE A REAL GOVERNMENT?
WE NEED TO START WITH NATIONAL RECONCILIATION
WE NEED TO HELP COUNTRY DELIVER THEIR OWN AGENDA! THEIR PRIORITIES.
NOT IMPOSE A DIFFERENT AGENDA.
WHAT RELATIONS CAN WE FIND BETWEEN THE PANDEMICS AND FRAGILE STATES
WESTERN WORLD IS VACCINATING... POOR COUNTRIES ARE DELAYED!
<2%!
POOR COUNTRIES
This is Key
PRODUCE VACCINES IN OTHER PARTS OF THE WORLD...
DAVID CAMERON
HOW CAN WE BEAT THE RESISTANCE ABOUT SHARING TECHNOLOGY WITH THE POOR COUNTRIES?
SUSPENSION OF PATENTS SOUNDS GOOD, BUT THAT GIVES NO GUARANTEES OF MORE VACCINES...
MANUFACTURING IN AFRICA IS RIGHT FOR THE FUTURE!
NOW WE NEED AN EFFORT TO SHARE
URGENT
OR NEW MUTATIONS WILL APPEAR THERE... AND SPREAD!
VACCINES
WE BRING TOGETHER
REPRESENTATIVES FROM FRAGILE COUNTRIES
ACADEMICS AND ORGANISATIONS
THE PANDEMIC IS LIKE A CLOCK BOMB IF NOT CONTAINED
ORGANISATIONS NEED TO SHARE KNOWLEDGE
WE NEED PANDEMIC SURVEILLANCE FOR THE FUTURE!
FROM FRAGILITY
TO STABILITY!
We need to do more, and do more quickly!
ORGANISERS
ORGANIZADORES
g7+
Clube de Lisboa
PARTNERS
PARCEIROS
CAMÕES INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA PORTUGAL
LISBOA CÂMARA MUNICIPAL
IMVF
OECD
BETTER POLICIES FOR BETTER LIVES
GRAPHIC RECORDING BY UpSideUp.pt
DANIEL
2

© Hennie Stander, Unsplash, 2021.

Conferences on

_STATE FRAGILITY

_ GEOPOLÍTICA E DIPLOMACIA DA PANDEMIA

_ GEOPOLITICS AND DIPLOMACY OF THE PANDEMICS

#statefragility

GEOPOLÍTICA E DIPLOMACIA DA PANDEMIA

GEOPOLITICS AND DIPLOMACY OF THE PANDEMICS

_ XANANA **GUSMÃO**

_ JORGE MOREIRA **DA SILVA**

_ WAHIDULLAH **WAISSI**

_ BÁRBARA **REIS**

MODERADORA**MODERATOR**

Os oradores abordaram as mudanças na geopolítica e na diplomacia durante a pandemia. **XANANA GUSMÃO** sublinhou que nada mudou de especial em termos de fragilidade ou de pobreza, mas a mudança mais relevante e concreta foi o agravamento da situação de grande crise nos países frágeis. **JORGE MOREIRA DA SILVA** concordou que esta pandemia afetou de uma forma absolutamente desigual e desproporcional os países em desenvolvimento e, em especial, os países em contexto de fragilidade.

Speakers addressed some of the changes in geopolitics and diplomacy during the pandemic. **XANANA GUSMÃO** underlined that nothing in particular had changed in terms of fragility or poverty, but the most relevant and concrete change was the worsening of the great crisis situation in fragile countries. **JORGE MOREIRA DA SILVA** agreed that this pandemic has affected in an absolutely unequal and disproportionate way developing countries and, particularly countries in a fragility context.

Nesse contexto, verificaram-se quatro vagas sucessivas de desigualdade e de pobreza geradas por esta pandemia. A primeira vaga foi a falta de condições dos países mais frágeis para a testagem, para o distanciamento social, para a primeira fase da pandemia em que era necessário ter oxigénio e unidades de cuidados intensivos. Falar de distanciamento social em cidades sobredimensionadas ou sobre ocupadas, sem condições de salubridade, em que nem sequer há água potável, em que não é possível operacionalizar o ensino à distância ou o teletrabalho, é quase ficção científica.

A segunda vaga de assimetrias está ligada à pobreza e desigualdades. As desigualdades dentro dos países e entre países agravaram-se de forma muito significativa. Por exemplo, nos contextos de fragilidade, duas em cada cinco pessoas ficaram em situação de pobreza extrema, o que representa o dobro do que acontece nos restantes países em desenvolvimento. Em 2020, o comércio externo diminuiu cerca de 8%, as remessas dos emigrantes, que são uma fonte essencial para os países mais pobres, decresceram 20%, e o investimento direto estrangeiro caiu 13%. Houve uma quebra no turismo de 70% a nível global, o que afeta especialmente os pequenos Estados insulares, cujo sector representa 20% do Produto Interno Bruto (PIB). O único fluxo financeiro que foi constante – e este é um sinal positivo, mas insuficiente – foi a Ajuda Pública ao Desenvolvimento, que aumentou 3,5%.

Houve ainda uma terceira vaga de desigualdade, que consiste no acesso desigual à vacinação, e uma quarta, que diz respeito à recuperação económica.

In this context, there were four successive waves of inequality and poverty generated by this pandemic. The first wave was linked to the lack of conditions in most fragile countries for testing, for social distancing and for the first phase of the pandemic in general, in which it was necessary to have oxygen and intensive care units. Talking about social distancing in oversized or over-populated cities, with weak sanitary conditions, where there is not even drinking water, where it is not possible to implement distance learning or teleworking, is almost science fiction.

The second wave of asymmetries is linked to poverty and inequalities. Inequalities within and between countries have worsened significantly. Namely, in contexts of fragility, two out of five people were left in extreme poverty, twice as much as in other developing countries. In 2020, foreign trade declined by around 8%, remittances from emigrants, which are an essential financial source for the poorest countries, dropped by 20%, and foreign direct investment dropped by 13%. There was a 70% drop in tourism globally, especially affecting small island states, whose sector represents 20% of the Gross Domestic Product (GDP). The only financial flow that was constant – and this is a positive sign, but insufficient – was Official Development Assistance, which increased by 3.5%.

There was also a third wave of inequality, regarding unequal access to vaccination, and a fourth, which concerns economic recovery.

Também se registaram elementos positivos, como uma noção mais clara da interdependência entre todos os países. Todos os cidadãos percebem que não é possível lidar com um problema global de uma forma meramente nacional. Ao haver atrasos na vacinação dos países mais pobres, falha-se do ponto de vista ético e do ponto de vista moral, mas está-se também a ser absolutamente irracional do ponto de vista económico, porque não é possível uma recuperação da economia global enquanto não houver vacinação nos países em desenvolvimento.

A arquitetura global está a mexer. Isso percebe-se com a criação da COVAX que, da noite para o dia, juntou quase 200 países, ou com o ACT-Accelerator, que mobilizou esforços de vários países para a testagem, para as infraestruturas de saúde, para a vacinação. O próprio G20 e o G7 começaram a tomar medidas que, há uns anos, não teriam sido possíveis. O G20, por exemplo, numa semana, avançou para a suspensão do serviço da dívida aos países mais pobres.

Assim, por um lado, a crise do coronavírus provou que, num mundo altamente interdependente, garantir a saúde pública não é apenas um interesse nacional, mas também uma causa global comum. No entanto, por outro lado, a COVID-19 já contribuiu para uma maior deterioração geopolítica global, como salientado por **WAHIDULLAH WAISSI**, já que acelerou a tendência negativa em curso, em direção a um mundo mais polarizado e fragmentado.

Nevertheless, some positive elements should be noted, such as a clearer notion of the interdependence between all countries. All citizens understood that it is not possible to deal with a global problem in a purely national way. When there are delays in vaccinating the poorest countries, we fail from an ethical and moral point of view, but we are also being irrational from an economic point of view, because a recovery of the global economy would not possible while there is no vaccination in developing countries.

The global architecture is moving. This can be seen with the creation of COVAX, which, overnight, brought together almost 200 countries, or with the ACT-Accelerator, which mobilised efforts from several countries for testing, health infrastructure, vaccination. The G20 and the G7 themselves have begun to take measures that would not have been possible a few years ago. The G20, for example, in one week, moved towards suspending debt service to the poorest countries.

So, on the one hand, the coronavirus crisis has proved that, in a highly interdependent world, ensuring public health is not just a national interest, but also a common global cause. However, on the other hand, COVID-19 has already contributed to further global geopolitical deterioration, as highlighted by **WAHIDULLAH WAISSI**, as it has accelerated the ongoing negative trend towards a more polarised and fragmented world.

Neste contexto, as vacinas têm sido usadas como ferramenta para avançar objetivos geopolíticos, enquanto expressão de competições de estratégia no mundo e de muitas outras questões em torno da diplomacia global. Vários, senão a maioria, dos países afetados por conflitos têm significado geográfico (geopolítico, geoestratégico, geoeconómico), sendo esse o principal responsável por seus conflitos existentes e, portanto, pela fragilidade. Como exemplo, o Afeganistão está na encruzilhada da civilização há décadas ou séculos, na encruzilhada do comércio e das grandes potências, numa luta pela hegemonia. Grandes potências têm usado as ideologias como instrumento para avançar nas suas respetivas esferas de influência e mesmo a crise atual no país é resultado das lutas geopolíticas entre as potências regionais e globais.

In this context, vaccines have been used as a tool to advance geopolitical goals, as an expression of strategy competitions in the world and many other issues around global diplomacy. Several, if not most, conflict-affected countries have geographic (geopolitical, geostrategic, geoeconomic) significance, with this being primarily responsible for their existing conflicts and therefore fragility. As an example, Afghanistan has been at the crossroads of civilisation for decades or centuries, at the crossroads of trade and great powers, in a struggle for hegemony. Great powers have used ideologies as a tool to advance in their respective spheres of influence and even the current crisis in the country is the result of geopolitical struggles between regional and global powers.

A Covid-19 veio acrescentar camadas de complexidade à crise: o Afeganistão só conseguiu fornecer vacinas a menos de 2% de sua população. A falta de abastecimento contribui para maiores desigualdades e também para a escalada da insegurança no Afeganistão, a qual por sua vez é também causa da escassez e falta de acesso a unidades de saúde, bem como de tantos outros problemas decorrentes dos conflitos. O agravamento recente do conflito muda as prioridades, porque sem alguma estabilidade não é possível avançar noutras prioridades como a prestação de serviços básicos às populações. Esse agravamento do conflito originou uma grande onda de deslocamento da população, bem como um aumento do número de assassinatos perpetrados pelos Talibãs contra os médicos, enfermeiros e pessoal de saúde.

Covid-19 added layers of complexity to the crisis: Afghanistan was only able to provide vaccines to less than 2% of its population. The lack of supplies contributes to greater inequalities and also to the escalation of insecurity in the country, which in turn is also the cause of scarcity and lack of access to health facilities, as well as many other problems arising from conflicts. The recent worsening of the conflict changes priorities, because without some stability it is not possible to progress in other priorities such as the provision of basic services to populations. This escalation of the conflict led to a large wave of population displacement, as well as an increase in the number of killings perpetrated by the Taliban against doctors, nurses and health personnel.

Os oradores abordaram, igualmente, a configuração do futuro das parcerias Norte-Sul e o papel dos doadores no apoio aos países em situação de fragilidade.

Speakers also addressed the shape of the future of North-South partnerships and the role of donors in supporting countries in situations of fragility.

XANANA GUSMÃO relembrou que a prevenção e a resolução de conflitos são elementos distintos. Na resolução de conflitos existem problemas internos que não foram tomados em conta. Quando se fala em fragilidade, fala-se de fragilidade política em termos de construção de Estados, mas há também a fragilidade relativa à economia. É nesse sentido que deve existir uma conjugação de esforços para perceber a realidade intrínseca de cada país e adequar a ajuda a cada contexto específico. Além disso, é necessário que os apoios se foquem menos nos procedimentos burocráticos e mais em ações concretas e resultados, particularmente em benefício das populações mais pobres e vulneráveis.

XANANA GUSMÃO recalled that conflict prevention and resolution are distinct elements. In conflict resolution, there are internal problems that have not been properly considered. When we talk about fragility, we talk about political fragility in terms of statebuilding, but there is also fragility linked to economic issues. A combination of efforts to understand the intrinsic reality of each country and adapt aid to each specific context should therefore be the focus. Furthermore, support needs to focus less on bureaucratic procedures and more on concrete actions and results, particularly for the benefit of the poorest and most vulnerable populations.

WAHIDULLAH WAISSI sublinhou os efeitos da pandemia na desaceleração da globalização, o que contribuirá, simultaneamente, para a multipolarização. As potências globais, se a pandemia não terminar em breve, podem tornar-se bastante díspares e isso contribuirá para a falta de cooperação em diferentes camadas, uma vez que as questões internas são mais importantes do que as restantes, em termos de diplomacia internacional. A diplomacia da saúde também é importante nesse contexto, pois mudou as narrativas de "inimigos" e "amigos" no mundo, motivando uma reorganização das alianças e da competição global. Além disso, a pandemia tornou evidente o papel reduzido de algumas organizações internacionais, que anteriormente tinham um papel de maior destaque em termos de governança global e globalização. A paz e a segurança internacionais estão especialmente ameaçadas durante esta pandemia, bem como o futuro do desenvolvimento sustentável, que está em perigo, já que existem outras prioridades e não se sabe por quanto tempo os países mais ricos continuarão a apoiar os países em situação de fragilidade ou os países

WAHIDULLAH WAISSI highlighted the effects of the pandemic on the slowdown of globalisation, which will, at the same time, contribute to multipolarisation. Global powers, if the pandemic does not end soon, could become quite disparate and this will contribute to the lack of cooperation at different layers, as domestic issues are more important than the rest, in terms of international diplomacy. Health diplomacy is also important in this context, as it has changed the narratives of "enemies" and "friends" in the world, motivating a reorganisation of alliances and global competition. In addition, the pandemic has made evident the weak role of some international organisations, which previously had a more prominent role in global governance and globalisation. International peace and security are especially threatened during this pandemic, as well as the future of sustainable development, which is in jeopardy, as other priorities are in place, and it is not known how long the richest countries will continue supporting countries in situations of fragility or developing countries in need of assistance. Multilateralism can be a good solution if there really is a will and effective and concrete cooperation.

em desenvolvimento que necessitam de assistência. O multilateralismo pode ser uma boa solução se realmente existir vontade e uma cooperação efetiva e concreta.

JORGE MOREIRA DA SILVA considerou que, com a resposta à pandemia, a mobilização de recursos pode originar uma pressão para os responsáveis políticos e países doadores gastarem recursos e fazerem-no rapidamente. E gastar rapidamente não significa, infelizmente, gastar nos países mais frágeis, não significa gastar nos contextos de investimento mais arriscados, não significa gastar nos setores sociais como a saúde e educação. Verifica-se um risco de se investir essencialmente em infraestrutura, que é o setor onde o setor privado tem mais interesse, bem como nos países de rendimento médio, e não nos países menos desenvolvidos ou em contextos de fragilidade. Nesse sentido, sabendo que a lógica tem de ser do impacto, só há uma forma de o conseguir: aumentar as parcerias. Tem de haver uma relação mais transparente, mais cooperante no diálogo entre os doadores e os países em desenvolvimento. É evidente que os contribuintes dos países doadores, assim como os cidadãos dos países em desenvolvimento, querem ver resultados das políticas.

A questão dos conflitos merece uma ponderação e preocupação especial. Tem-se verificado uma correlação cada vez mais forte entre fragilidade e conflitos. Em 2010, 61% dos países frágeis viviam conflitos, hoje são 76%. Os conflitos não diminuíram durante a pandemia, sendo importante não confundirmos a realidade com aquilo que é visível, nomeadamente o que é veiculado pela comunicação social, onde a preocupação com os conflitos foi meramente substituída pela preocupação pela pandemia. Verifica-se um risco de 13 países entrarem em situação de conflito nos próximos dois anos, de acordo com alguns estudos. Da mesma forma, existe uma correlação entre insegurança alimentar e fragilidade – nomeadamente, o Iémen vive hoje uma situação trágica de conflito, em que uma em cada cinco crianças sofrem de má nutrição e de subnutrição.

Em relação aos conflitos, é importante referir a agenda da prevenção. Há que deixar de confundir as respostas à fragilidade com as políticas e instrumentos de resposta/gestão de crises. Isto é, há que olhar além dos mecanismos de resposta urgente, abordando as causas profundas da fragilidade. É positivo que uma grande parte da ajuda pública ao desenvolvimento seja dirigida aos 57 países em contexto de fragilidade, tendo sido alocados 76 mil milhões de dólares à ajuda ao desenvolvimento para os países frágeis, mas só 2% deste valor é direcionado para a prevenção de conflitos e só 10% se destina à construção da paz. Por outras palavras, mais ajuda ao desenvolvimento foi afetada a países em contextos de fragilidade, mas esta consiste essencialmente em ajuda humanitária e emergência, e não ajuda para prevenção da crise e ajuda ao desenvolvimento.

Uma dimensão importante da coordenação é o chamado nexo entre ajuda humanitária, ajuda ao desenvolvimento e paz. Pela primeira vez, os países doadores serão avaliados sobre a coordenação entre ajuda humanitária, ajuda ao desenvolvimento e construção e manutenção da paz, o que irá obrigar a uma maior coordenação no planeamento e no terreno, com potenciais efeitos positivos no apoio que é prestado aos países frágeis.

Ressaltou-se ainda a importância dos bens públicos globais, sendo um tema que há muito se fala no contexto multilateral. Lidar com pandemias, com emergências climáticas, com a

JORGE MOREIRA DA SILVA considered that, with the response to the pandemic, the mobilisation of resources can create pressure for policymakers and donor countries to spend and do it quickly. And spending quickly does not, unfortunately, mean spending in the most fragile countries, it does not mean spending in the riskiest investment contexts, it does not mean spending on social sectors such as health and education. There is a risk of investing essentially in infrastructure, which is the sector where the private sector is most interested, as well as in middle-income countries, and not in least developed countries or in fragile contexts. In this sense, knowing that the logic has to be focused on impact, there is only one way to achieve it: increase partnerships. A more transparent, more cooperative relationship in the dialogue between donors and developing countries should be built. It is clear that taxpayers in donor countries, as well as citizens in developing countries, want to see policy results.

The issue of conflicts deserves special consideration and concern. There has been an increasingly strong correlation between fragility and conflict. In 2010, 61% of fragile countries were experiencing conflict, today this figure rose to 76%. Conflicts did not decrease during the pandemic, and it is important not to confuse reality with what is visible, namely what is conveyed by the media, where concern for conflicts was merely replaced by concern for the pandemic. There is a risk of 13 countries entering a conflict situation in the next two years, according to some studies. Likewise, there is a correlation between food insecurity and fragility – namely, Yemen is currently experiencing a tragic situation of conflict, with one in five children suffering from malnutrition and hunger.

In relation to conflicts, it is important to mention the prevention agenda. We must stop confusing responses to fragility with crisis response/management policies and instruments. That is, it is necessary to look beyond urgent response mechanisms, addressing the root causes of fragility. It is positive that a large part of official development assistance is directed to the 57 countries in a context of fragility, with USD 76 billion being allocated to development assistance for fragile countries, but only 2% of this amount is directed to the prevention of conflicts and only 10% is used to peacebuilding. In other words, more development assistance has been allocated to countries in contexts of fragility, but essentially humanitarian and emergency assistance, not crisis prevention and development assistance.

An important dimension of coordination is the so-called nexus between humanitarian aid, development aid and peace. For the first time, donor countries will be assessed on coordination between humanitarian aid, development assistance and peacebuilding and peacekeeping, which will require greater coordination in planning and on the ground, with potential positive effects on the quality of the support provided to fragile countries.

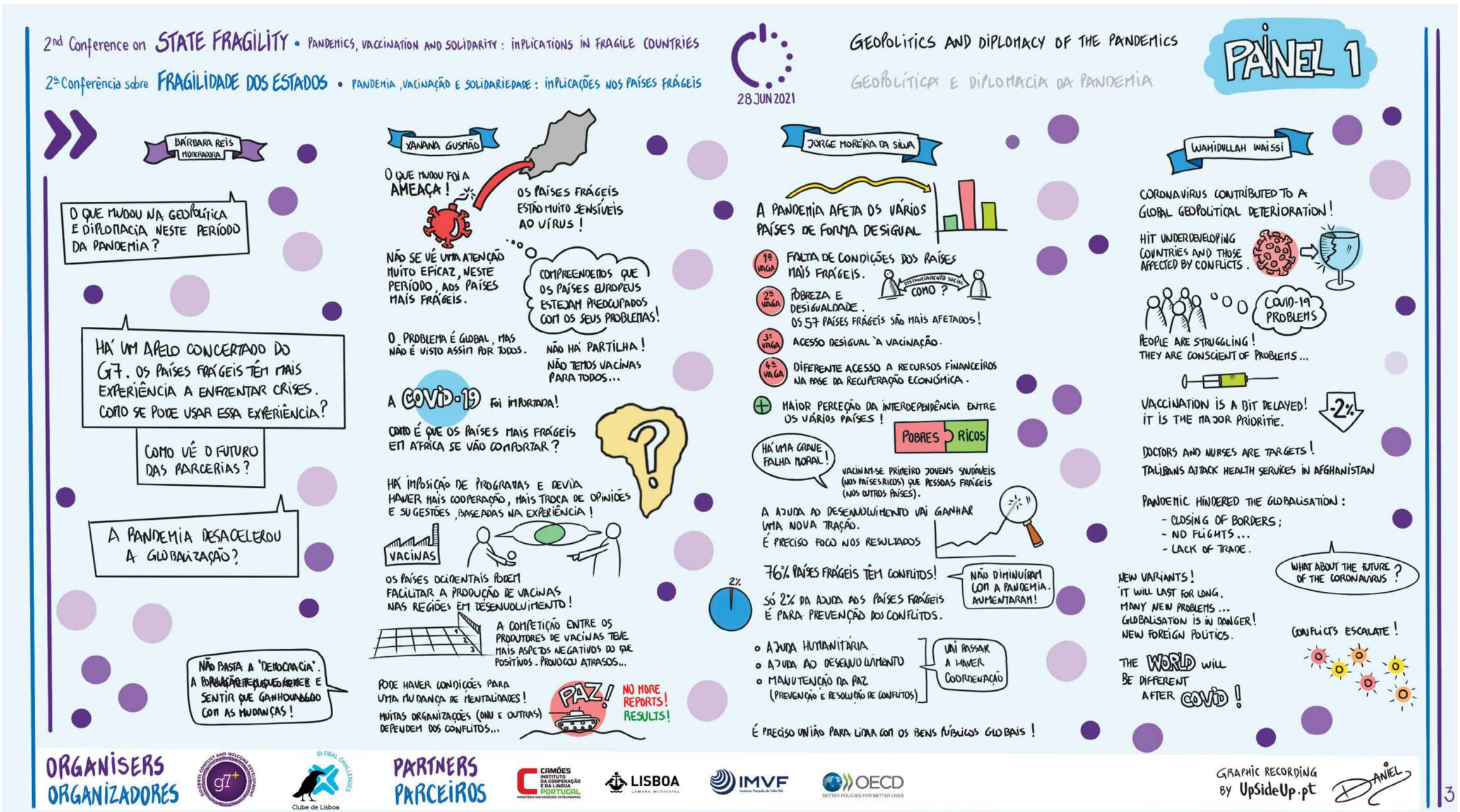
The importance of global public goods was also highlighted, being a topic that has been talked about for a long time in the multilateral context. Dealing with pandemics, with climate emergencies, with conflict prevention, with refugee crisis management, with cyberterrorism, and other issues that are common concerns, must be managed in a jointly manner. We must have an agenda to strengthen multilateralism that addresses this idea of protecting, regulating and financing global public goods, which include, for example, the

prevenção de conflitos, com a gestão de crises de refugiados, com o ciberterrorismo, e outras questões que são comuns, devem ser geridas de uma forma comum. Há que passar a ter uma agenda de reforço do multilateralismo que aborde esta ideia de proteger, regular e financiar os bens públicos globais, onde se inclui, por exemplo, a floresta tropical e o oceano. Como se viu com esta pandemia, não existe forma de lidar, gerir e responder aos desafios dos bens públicos globais com respostas meramente nacionais. Alguns protagonistas têm confundido resiliência das cadeias de valor globais com protecionismo. É verdade que esta pandemia mostrou que algumas cadeias de valor globais não são resilientes e houve interrupção do funcionamento. Mas a resposta passa por mais coordenação entre países e mais eficiência, não passa por reindustrialização local, não passa por relocalização, não passa por protecionismo, o que, na prática, prejudicaria os países em desenvolvimento. Este é um momento em não se pode hesitar quanto à globalização e ao multilateralismo.

rainforest and the ocean. As seen with this pandemic, there is no way to deal, manage and respond to the challenges of global public goods with purely national responses. Some actors have confused resilience of global value chains with protectionism. It is true that this pandemic has shown that some global value chains are not resilient and have been disrupted. But the answer involves more coordination between countries and more efficiency, it does not involve local re-industrialisation, relocation or protectionism, which in practice would harm developing countries. This is a time when there can be no hesitation in terms of globalisation and multilateralism.

_VEJA O VÍDEO
DESTE PAINEL

_WATCH
THE VIDEO
OF THIS PANEL


2nd Conference on STATE FRAGILITY • PANDEMICS, VACCINATION AND SOLIDARITY: IMPLICATIONS IN FRAGILE COUNTRIES
2ª Conferência sobre FRAGILIDADE DOS ESTADOS • PANDEMIA, VACINAÇÃO E SOLIDARIEDADE: IMPLICAÇÕES NOS PAÍSES FRÁGEIS
28 JUN 2021
GEOPOLITICS AND DIPLOMACY OF THE PANDEMICS
GEOPOLÍTICA E DIPLOMACIA DA PANDEMIA
PAINEL 1
BÁRBARA REIS
MODERADORA
O QUE MUDOU NA GEOPOLÍTICA E DIPLOMACIA NESTE PERÍODO DA PANDEMIA?
HÁ UM APELO CONCERTADO DO G7. OS PAÍSES FRÁGEIS TÊM MAIS EXPERIÊNCIA A ENFRENTAR CRISES. COMO SE PODE USAR ESSA EXPERIÊNCIA?
COMO VÊ O FUTURO DAS PARCERIAS?
A PANDEMIA DESACELEROU A GLOBALIZAÇÃO?
NÃO BASTA A 'DEMOCRACIA'. A POPULAÇÃO PRECISA DE SENTIR QUE GANHOU ALGO COM AS MUDANÇAS!
YANANA GUSMÃO
O QUE MUDOU FOI A AMEAÇA!
OS PAÍSES FRÁGEIS ESTÃO MUITO SENSÍVEIS AO VÍRUS!
NÃO SE VÊ UMA ATENÇÃO MUITO EFICAZ, NESTE PERÍODO, AOS PAÍSES MAIS FRÁGEIS.
COMPREENDEMOS QUE OS PAÍSES EUROPEUS ESTEJAM PREOCUPADOS COM OS SEUS PROBLEMAS!
O PROBLEMA É GLOBAL, MAS NÃO É VISTO ASSIM POR TODOS.
NÃO HÁ PARTILHA! NÃO TEMOS VACINAS PARA TODOS...
A COVID-19 FOI IMPORTADA!
COMO É QUE OS PAÍSES MAIS FRÁGEIS EM ÁFRICA SE VÃO COMPORTAR?
HÁ IMPOSIÇÃO DE PROGRAMAS E DEVIA HAVER MAIS COOPERAÇÃO, MAIS TROCA DE OPINIÕES E SUGESTÕES, BASEADAS NA EXPERIÊNCIA!
VACINAS
OS PAÍSES OCIDENTAIS PODEM FACILITAR A PRODUÇÃO DE VACINAS NAS REGIÕES EM DESENVOLVIMENTO!
A COMPETIÇÃO ENTRE OS PRODUTORES DE VACINAS TEVE MAIS ASPETOS NEGATIVOS DO QUE POSITIVOS. PROVOCOU ATRASOS...
PODE HAVER CONDIÇÕES PARA UMA MUDANÇA DE MENTALIDADES! MUITAS ORGANIZAÇÕES (ONU E OUTRAS) DEPENDEM DOS CONFLITOS...
PAZ!
NO MORE REPORTS! RESULTS!
JORGE MOREIRA DA SILVA
A PANDEMIA AFETA OS VÁRIOS PAÍSES DE FORMA DESIGUAL
1ª VAGA FALTA DE CONDIÇÕES DOS PAÍSES MAIS FRÁGEIS.
DISTANCIAMENTO SOCIAL COMO?
2ª VAGA POBREZA E DESIGUALDADE. OS 57 PAÍSES FRÁGEIS SÃO MAIS AFETADOS!
3ª VAGA ACESSO DESIGUAL À VACINAÇÃO.
4ª VAGA DIFERENTE ACESSO A RECURSOS FINANCEIROS NA FASE DA RECUPERAÇÃO ECONÓMICA.
MAIOR PERCEÇÃO DA INTERDEPENDÊNCIA ENTRE OS VÁRIOS PAÍSES!
POBRES RICOS
HÁ UMA GRAVE FALHA MORAL!
VACINAM-SE PRIMEIRO JOVENS SAUDÁVEIS (NOS PAÍSES RICOS) QUE PESSOAS FRÁGEIS (NOS OUTROS PAÍSES).
A AJUDA AO DESENVOLVIMENTO VAI GANHAR UMA NOVA TRAÇÃO. É PRECISO FOCO NOS RESULTADOS
76% PAÍSES FRÁGEIS TÊM CONFLITOS!
NÃO DIMINUÍRAM COM A PANDEMIA. AUMENTARAM!
2%
SÓ 2% DA AJUDA AOS PAÍSES FRÁGEIS É PARA PREVENÇÃO DOS CONFLITOS.
- AJUDA HUMANITÁRIA
- AJUDA AO DESENVOLVIMENTO
- MANUTENÇÃO DA PAZ (PREVENÇÃO E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS)
VAI PASSAR A HAVER COORDENAÇÃO
É PRECISO UNIÃO PARA LIDAR COM OS BENS PÚBLICOS GLOBAIS!
WAHIDULLAH WAISSI
CORONAVIRUS CONTRIBUTED TO A GLOBAL GEOPOLITICAL DETERIORATION!
HIT UNDERDEVELOPING COUNTRIES AND THOSE AFFECTED BY CONFLICTS.
COVID-19 PROBLEMS
PEOPLE ARE STRUGGLING! THEY ARE CONSCIENT OF PROBLEMS...
VACCINATION IS A BIT DELAYED! IT IS THE MAJOR PRIORITIE.
-2%
DOCTORS AND NURSES ARE TARGETS! TALIBANS ATTACK HEALTH SERVICES IN AFGHANISTAN
PANDEMIC HINDERED THE GLOBALISATION:
- CLOSING OF BORDERS;
- NO FLIGHTS...
- LACK OF TRADE.
WHAT ABOUT THE FUTURE OF THE CORONAVIRUS?
NEW VARIANTS! IT WILL LAST FOR LONG. MANY NEW PROBLEMS... GLOBALISATION IS IN DANGER! NEW FOREIGN POLITICS.
CONFLICTS ESCALATE!
THE WORLD WILL BE DIFFERENT AFTER COVID!
ORGANISERS
ORGANIZADORES
Clube de Lisboa
PARTNERS
PARCEIROS
CAMÕES INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA PORTUGAL
LISBOA CÂMARA MUNICIPAL
IMVF
OECD BETTER POLICIES FOR BETTER LIVES
GRAPHIC RECORDING BY UpSideUp.pt
DANIEL

© Kojo Kwarteng, Unsplash, 2021.

Conferences on

_STATE FRAGILITY

_ IMPACTOS ECONÓMICOS DA PANDEMIA NOS PAÍSES FRÁGEIS

_ ECONOMIC IMPACTS OF THE PANDEMIC IN FRAGILE COUNTRIES

#statefragility

IMPACTOS ECONÓMICOS DA PANDEMIA NOS PAÍSES FRÁGEIS

ECONOMIC IMPACTS OF THE PANDEMIC IN FRAGILE COUNTRIES

_ JORGE THOMPSON **ARAÚJO**

_ CLARA **BRANDI**

_ PAULO **GOMES**

_ RICARDO **ALEXANDRE**

MODERADOR**MODERATOR**

Os oradores abordaram alguns impactos da pandemia, particularmente a nível económico, nas várias regiões do mundo em desenvolvimento.

JORGE THOMPSON ARAÚJO relembrou que a América Latina e Caraíbas foi uma das regiões mais afetadas, com 32% das mortes cumulativas devidas à Covid-19 a ocorrerem nessa região, o que teve um impacto social e económico massivo na região inteira. A América Latina não é uma região que encaixe nas definições típicas de situação de fragilidade, porque muitos dos países são de renda média, mas em que existe um grau de fragilidade social muito grande, o qual foi exacerbado pela pandemia. O impacto económico foi significativo e o produto interno bruto regional contraiu 6,5% em 2020, que é a maior recessão registada na história da América Latina. No

Speakers addressed some impacts of the pandemic, particularly at an economic level, in the various regions of the developing world.

JORGE THOMPSON ARAÚJO recalled that Latin America and the Caribbean was one of the most affected regions, with 32% of cumulative deaths due to Covid-19 occurring in that region, which had a massive social and economic impact on the whole region. Latin America is not a region that fits the typical definitions of a fragile situation, because many of the countries are middle-income, but where there is a very high degree of social fragility that has been exacerbated by the pandemic. Economic impact was significant, and the regional gross domestic product contracted by 6.5% in 2020, which is the biggest recession recorded in Latin American history.

entanto, existe grande disparidade entre os países: Panamá e Barbados registaram uma contração do Produto Interno Bruto (PIB) de cerca de 18%, quase 10% na Argentina, 8% no México, 11% no Peru, e Brasil um pouco menos, na ordem dos 4%, e no país mais frágil, o Haiti, a contração foi de apenas 3,3% em 2020, mas sendo uma economia que já estava em recessão há vários anos devido à instabilidade política.

However, there is great disparity between countries: Panama and Barbados registered a contraction of the Gross Domestic Product (GDP) of about 18%, almost 10% in Argentina, 8% in Mexico, 11% in Peru, and Brazil a little less - around 4% - and in the most fragile country, Haiti, the contraction was only 3.3% in 2020, but being an economy that had already been in recession for several years due to political instability.

O progresso em ganhos sociais verificado nas décadas anteriores, durante o chamado boom das matérias-primas, onde milhões de pessoas saíram da pobreza, foi desfeito em pouco tempo, criando uma situação de preocupação para os decisores políticos da região. Além disso, a situação de fragilidade da América Latina acentuou-se com a crescente deterioração fiscal e o disparo da dívida pública – que cresceu em cerca de 10 pontos percentuais na região como um todo – tornando-a a região em desenvolvimento mais endividada.

The progress in social gains witnessed in previous decades, during the so-called commodity boom, where millions of people were lifted out of poverty, was wrecked in a short time, creating a situation of concern for policy makers in the region. Furthermore, Latin America's fragile situation was accentuated by the growing fiscal deterioration and the soaring public debt – which grew by around 10 percentage points in the region as a whole – making it the most indebted developing region.

CARLA BRANDI referiu que, em África, embora os impactos diretos no crescimento PIB possam ser menos severos em muitas economias africanas, em comparação com as economias da América Latina ou Caraíbas ou com os países da OCDE, são previsíveis grandes desafios económicos para muitos países nos próximos anos, devido a posições fiscais e externas fracas e níveis mais baixos de diversificação económica, causando maior vulnerabilidade a choques climáticos e outros desastres. Adicionalmente, as dificuldades de acesso às cadeias de abastecimento poderão também atrasar a recuperação económica africana.

Regarding Africa, **CARLA BRANDI** noted that although the direct impacts on GDP growth may be less severe in many African economies compared to Latin American and Caribbean economies or OECD countries, major economic challenges are foreseeable for many countries in the coming years, due to weak fiscal and external positions and lower levels of economic diversification, causing greater vulnerability to climate shocks and other disasters. Additionally, difficulties in accessing supply chains could also delay African economic recovery.

Os números reais para o ano de 2020 acabaram por ser menos graves do que projeções, sendo que o PIB africano contraiu mais de 2%. Ressaltam, contudo, diferenças significativas entre os diferentes tipos de países, com os piores resultados a serem registados em países com problemas de conflito, os quais são frequentemente países frágeis. Em 2020, os países dependentes do turismo sofreram substancialmente, enfrentando contrações do PIB de mais de 11%, bem como os países dependentes de recursos naturais, que registaram uma contração média do PIB de mais de 4,5%.

The real numbers for the year 2020 turned out to be less serious than projections, with African GDP contracting by more than 2%. However, there are significant differences between various types of countries, with the worst results being registered in conflict-affected countries, which are often fragile countries. In 2020, tourism-dependent countries suffered substantially, facing GDP contractions of more than 11%, as well as natural resource-dependent countries, which recorded an average GDP contraction of more than 4.5%.

Simultaneamente, também se podem identificar algumas lições positivas, nomeadamente a provada resiliência da situação macroeconómica das economias africanas e o facto de a boa gestão macroeconómica se ter mostrado capaz de controlar, por exemplo, os níveis de dívida em vários países. Por outro lado, verificou-se que a pandemia originou uma queda das receitas do Estado de mais de 10%, esperando-se que essa tendência continue. A expansão das políticas fiscais leva a défices fiscais crescentes, especialmente nos países menos avançados (PMA), mas também nos países de renda média e nas economias afetadas por conflitos, pelo que o desafio da dívida desempenha um papel muito importante em muitos países africanos (e não só) nos próximos anos.

At the same time, some positive lessons can also be identified, namely the proven resilience of the macroeconomic situation of African economies and the fact that good macroeconomic management has proved capable of controlling, for example, debt levels in several countries. On the other hand, it was found that the pandemic caused a drop in State revenues of more than 10%, and this trend is expected to continue. Expansion of fiscal policies leads to growing fiscal deficits, especially in Least Developed Countries (LDCs), but also in middle-income countries and conflict-affected economies, so the debt challenge plays a very important role in many African countries (and beyond) in the coming years.

Outro aspeto positivo, destacado por **PAULO GOMES**, foi o sentido de urgência com que África se mobilizou na luta contra a pandemia através de iniciativas conjuntas. A União Africana, através do seu Centro de Controlo e Prevenção de Doenças (CDC) lançou uma parceria público-privada com a AfroChampions para angariar fundos de resposta à pandemia, com o objetivo de reforçar e melhorar a capacidade de intervenção do setor da saúde. O movimento solidário que envolveu países africanos, empresas privadas, organizações não governamentais e africanos na diáspora conseguiu mobilizar mais de 70 milhões de dólares para

Another positive aspect, highlighted by **PAULO GOMES**, was the sense of urgency with which Africa mobilised itself in the fight against the pandemic through joint initiatives. The African Union, through its Centre for Disease Control and Prevention (CDC) launched a public-private partnership with AfroChampions to raise funds for the pandemic's response, with the aim of strengthening and improving the health sector's intervention capacity. The solidarity movement that engaged African countries, private companies, non-governmental organisations and Africans in the diaspora managed to mobilise more than 70 million dollars to support the countries. The action developed by the CDC shows that Africa needed an institution of this nature, which led the process with a small team in Addis Ababa but having

apoiar os países. A ação desenvolvida pelo CDC demostra que África precisava de uma instituição dessa natureza, que liderou o processo com uma equipa reduzida em Adis Abeba, mas tendo conseguido gerir uma cadeia de solidariedade e organizar com os países toda a cadeia logística para poder fornecer equipamentos de proteção pessoal e outros.

PAULO GOMES alertou também para a importância dos impactos em termos sociais. Apesar de ser ainda demasiado cedo para apurar convenientemente os impactos a nível social, é possível prever que esta recuperação será um desafio ainda maior que a económica. O vírus entrou num "sistema imunitário administrativo" já fraco e debilitado, no que aparentava ser um momento de viragem para muito países, resultando num acréscimo de tensão social e de falta de harmonia e confiança – elementos característicos de Estados Frágeis.

Perante os enormes desafios, o sistema internacional não prosseguiu uma resposta adequada e proporcional às necessidades de África. Ao passo que o Japão e os Estados Unidos foram capazes de implementar estímulos do seu PIB na ordem dos 20% para fazer face à crise, África mostrou-se capaz de fazer um estímulo de apenas 2%. Por um lado, os programas de recuperação e apoio devem ser adaptados ao tecido económico. Em África, existem entre 80 e 95 milhões de micro e pequenas empresas, cada uma com dois a dez empregados, muitas no setor informal, e que foram devastadas pelos efeitos da pandemia. A inexistência de um programa sistemático para ajudar a ressuscitar estas empresas resultará no seu desaparecimento, sendo que, em alguns países, parte está ainda a debater-se com aumentos de impostos. Por outro lado, é necessário ainda que o apoio a países frágeis não se dirija apenas a propósitos económicos, mas para respostas a nível social, existindo grande dúvida sobre a existência de fundos adequados e suficientes para apoiar estes países de forma previsível, garantida e regular.

CARLA BRANDI sublinhou os aspetos estruturais e as diferentes vertentes da fragilidade, que também têm influência nos impactos da pandemia e nas perspetivas de recuperação. Com base nas três funções centrais do Estado - capacidade, autoridade e legitimidade -, é possível distinguir vários tipos de fragilidade (como é possível consultar na base de dados *Constellations of State Fragility*), ajudando a entender quais os desafios específicos os países frágeis podem enfrentar. Assim, por exemplo, um país como o Brasil, de acordo com essa análise, luta principalmente contra a violência ou o crime, expondo uma autoridade estatal bastante baixa, enquanto outros, como o Gana, são principalmente caracterizados por fraca capacidade do Estado, levando, por exemplo, à deficiência nos serviços públicos básicos.

Outro aspeto determinante tem a ver com o grau de confiança e coesão social. Os impactos económicos não estão dissociados de aspetos como a pobreza e as desigualdades, sendo a coesão social um fator determinante na resiliência de uma sociedade a choques, como é esta pandemia, bem como no potencial de recuperação. A coesão social resulta de relações boas e de confiança dentro de uma sociedade e entre a sociedade e o Estado, mas também de indivíduos que cooperam juntos para um bem comum coletivo. Altas desigualdades e tensões sociais levaram a políticas de confinamento e restrições mais severas, com consequências negativas em muitos países de rendimento médio. Em

been able to manage a chain of solidarity and organise the entire logistics chain with countries, to provide protective equipment, personnel, and others.

PAULO GOMES also warned of the importance of social impacts. Although it is still too early to properly assess the impacts at a social level, it is possible to foresee that this recovery will be an even greater challenge than the economic one. The virus entered an already weak and weakened "administrative immune system", in what appeared to be a turning point for many countries, resulting in an increase of social tension and a lack of harmony and trust – characteristic elements of fragile States.

Faced with enormous challenges, the international system has not pursued an adequate and proportionate response to Africa's needs. While Japan and the United States were able to implement GDP stimulus around 20% to face the crisis, Africa was only able of a 2% stimulus. On the one hand, recovery and support programmes must be adapted to the economic fabric. In Africa, there are between 80 and 95 million micro and small enterprises, each with two to ten employees, many in the informal sector, which have been devastated by the pandemic's effects. The lack of a systematic programme to help revive these companies will result in their disappearance, and some countries are still struggling with tax increases. On the other hand, it is still necessary that support for fragile countries is not directed only to economic purposes, but to responses at social level, while there is great doubt about the existence of adequate and sufficient financing to support these countries in a predictable and regular way.

CARLA BRANDI highlighted the structural and the different aspects of fragility, which also influence the impacts and the recovery prospects. Based on the three core functions of the State - capacity, authority and legitimacy - it is possible to distinguish various types of fragility (as can be consulted in the *Constellations of State Fragility* database), helping to understand what specific challenges fragile countries may face. So, for example, according to this analysis, a country like Brazil mainly fights against violence or crime, with a rather low state authority, while others, like Ghana, are mainly characterised by weak state capacity, namely leading to the deficiency in basic public services.

Another determining aspect is the degree of trust and social cohesion. The economic impacts are not dissociated from aspects such as poverty and inequalities, with social cohesion being a determining factor in a society's resilience to shocks, such as this pandemic, as well as in the recovery potential. Social cohesion results from good and trusting relationships within a society and between society and the state, but also from individuals cooperating for a collective common good. High inequalities and social tensions have led to stricter confinement policies and restrictions, with negative consequences in many middle-income countries. In contrast, many least developed countries have higher levels of social cohesion and greater cooperation between different social actors. The underlying idea is that strong social cohesion in society can help overcome the pandemic more effectively and with lighter restrictions.

Speakers highlighted that recovery is an even greater challenge for conflict-affected countries with structural weaknesses. These have the worst growth forecasts, are

contraste, muitos países menos desenvolvidos apresentam, de facto, níveis mais altos de coesão social e maior cooperação entre os diferentes atores sociais. A ideia subjacente é que uma forte coesão social na sociedade pode ajudar a superar a pandemia de forma mais eficaz e com restrições mais leves.

Os oradores salientaram que a recuperação é um desafio ainda maior para países afetados por conflitos e com fragilidades estruturais. Estes registam as piores previsões de crescimento, estando consideravelmente dependentes de recursos naturais e dispondo de capacidades de cobrança de receitas extremamente baixas. Acresce a este cenário problemas associados a estruturas sociais ampliados pela pandemia, causando uma explosão nos níveis de pobreza e desigualdade, devido a fatores como insegurança alimentar, falta de capacidades institucionais e acesso limitado a cuidados de saúde e proteção social. Todos esses desafios tornam ainda mais importante um enfoque específico nos países frágeis.

Olhando para o futuro, é importante ter em mente não apenas o investimento na recuperação económica, mas também pensar com cuidado sobre como investir esse dinheiro e que tipo de recuperação deve ser promovida. Esta não é apenas uma tarefa nacional, mas uma tarefa global. A cooperação para o desenvolvimento e a ajuda ao desenvolvimento, mas também a cooperação mais estrutural entre os diferentes Estados, desempenham um papel fundamental, uma vez que há uma oportunidade para promover também uma transformação para a sustentabilidade. Em vez de investir em indústrias baseadas em combustíveis fósseis e em setores industrializados mais tradicionais, há uma oportunidade de investir em tecnologias e setores de baixo carbono orientados para o futuro, com enfoque numa transição verde. Todavia, será necessário um olhar atento, já que esta oportunidade poderá aumentar ainda mais desigualdades estruturais entre os países, na medida em que aqueles com mais recursos financeiros para investir agora em inovação e recuperação, provavelmente, retirarão maiores ganhos.

No caso africano, a dependência do exterior consiste não apenas numa dependência ligada aos recursos financeiros, mas também numa dependência "de mentalidade", como referiu **PAULO GOMES**. A pandemia veio alertar os países de que, numa situação limite, existe uma tendência de cada um resolver os seus problemas, pelo que se evidencia a necessidade de os Estados Africanos diminuírem a sua dependência de outros países (como os países europeus, EUA ou China). Alertou também para a necessidade de existirem prioridades internas bem definidas (a nível nacional, regional e continental) e de trabalho conjunto, aumentando a solidariedade entre os países africanos.

Neste âmbito, é ainda de salientar a importância do Acordo de Livre Comércio Continental Africano que, com implementação prevista até 2030, visa estabelecer políticas, atitudes e mecanismos para produzir e vender mais em África, procurando responder à necessidade de criar 20 milhões de empregos por ano. A Zona de Comércio Livre Continental Africana é uma ferramenta promissora no que concerne não só à integração económica entre países africanos, como à criação de cadeias de valor regionais e à ligação a cadeias de valor globais, como salientado por **CARLA BRANDI**.

As clivagens sociais desempenham um papel importante quer em África quer na América Latina, embora com características e efeitos diferenciados. Além de serem

heavily dependent on natural resources and have extremely low revenue collection capacities. In addition are the problems associated with social structures that have been amplified by the pandemic, causing an explosion in poverty and inequality, due to factors such as food insecurity, lack of institutional capacities and limited access to health care and social protection. All these challenges highlight the importance of a specific focus on fragile countries.

Looking ahead, it is important to consider that investing in economic recovery in not enough, but also thinking carefully about the quality - how to invest that money and what kind of recovery should be promoted. This is not just a national task, but a global endeavour. Development cooperation and assistance, but also more structural cooperation between States, play a key role, as there is an opportunity to also promote transformation towards sustainability. Instead of focusing on fossil fuel-based industries and more traditional industrialised sectors, there is an opportunity to invest in future-oriented low-carbon technologies and sectors, with a focus on a greener transition. However, some caution is also needed, as this opportunity could further increase structural inequalities between countries, because those with more financial resources to invest now in innovation and recovery are likely to reap the greatest gains.

In the African case, external dependence consists not only of a financial resources' dependence, but also a dependence "of mentality", as **PAULO GOMES** mentioned. The pandemic has alerted countries that, in an extreme situation, there is a tendency for each to solve their problems, which highlights the need for African States to reduce their dependence on external partners (such as European countries, USA or China). He also warned of the need for defined internal priorities (at national, regional and continental levels) and for joint work, increasing solidarity among African countries.

In this context, the importance of the African Continental Free Trade Agreement is worth mentioning, with implementation scheduled until 2030, that aims to establish policies, attitudes and mechanisms towards increased production and sales within Africa, seeking to match the need to create 20 million jobs per year. The African Continental Free Trade Area is a promising tool not only for economic integration between African countries, but also for the creation of regional value chains and the connection to global value chains, as highlighted by **CARLA BRANDI**.

Social cleavages play an important role in both Africa and Latin America, albeit with different characteristics and effects. In addition to being a problem in itself, linked to high levels of inequality, they also affect the quality of economic policy, as they end up being a kind of additional constraint that policy makers have to deal with, as mentioned by **JORGE THOMPSON ARAÚJO**. Before the pandemic, in 2019, there were several Latin American countries in the process of social unrest - namely Ecuador, Chile, Bolivia, Colombia - something that calmed down with the pandemic due to the redirection of people's concerns, but which re-emerged as the pandemic was internalised and restrictions eased. With high social divides and inequalities, with increasing social instability and in a situation where most governments have little fiscal space to be able to respond in the most appropriate way possible, the negative impacts of the pandemic can extend over time and over time and recovery turns out to be slower than desired.

um problema em si, ligado a níveis altos de desigualdade, afetam igualmente a qualidade da política económica, na medida em que acabam por ser uma espécie de restrição adicional com que os decisores políticos têm de lidar, como referido por **JORGE THOMPSON ARAÚJO**. Antes da pandemia, em 2019, houve vários países da América Latina em processo de ebulição social - nomeadamente o Equador, Chile, Bolívia, Colômbia – algo que acalmou com a pandemia devido ao redireccionamento das preocupações das pessoas, mas que ressurgiu à medida que a pandemia passou a ser internalizada e as restrições diminuíram. Com clivagens sociais e desigualdades muito altas, com o aumento da instabilidade social e numa situação em a maioria dos governos da região têm pouco espaço fiscal para poder responder da maneira mais adequada possível, os impactos negativos da pandemia podem estender-se no tempo e a recuperação acaba por ser mais lenta do que o desejado.

Por fim, os oradores resumiram os desafios mais prementes e imediatos para a recuperação da pandemia.

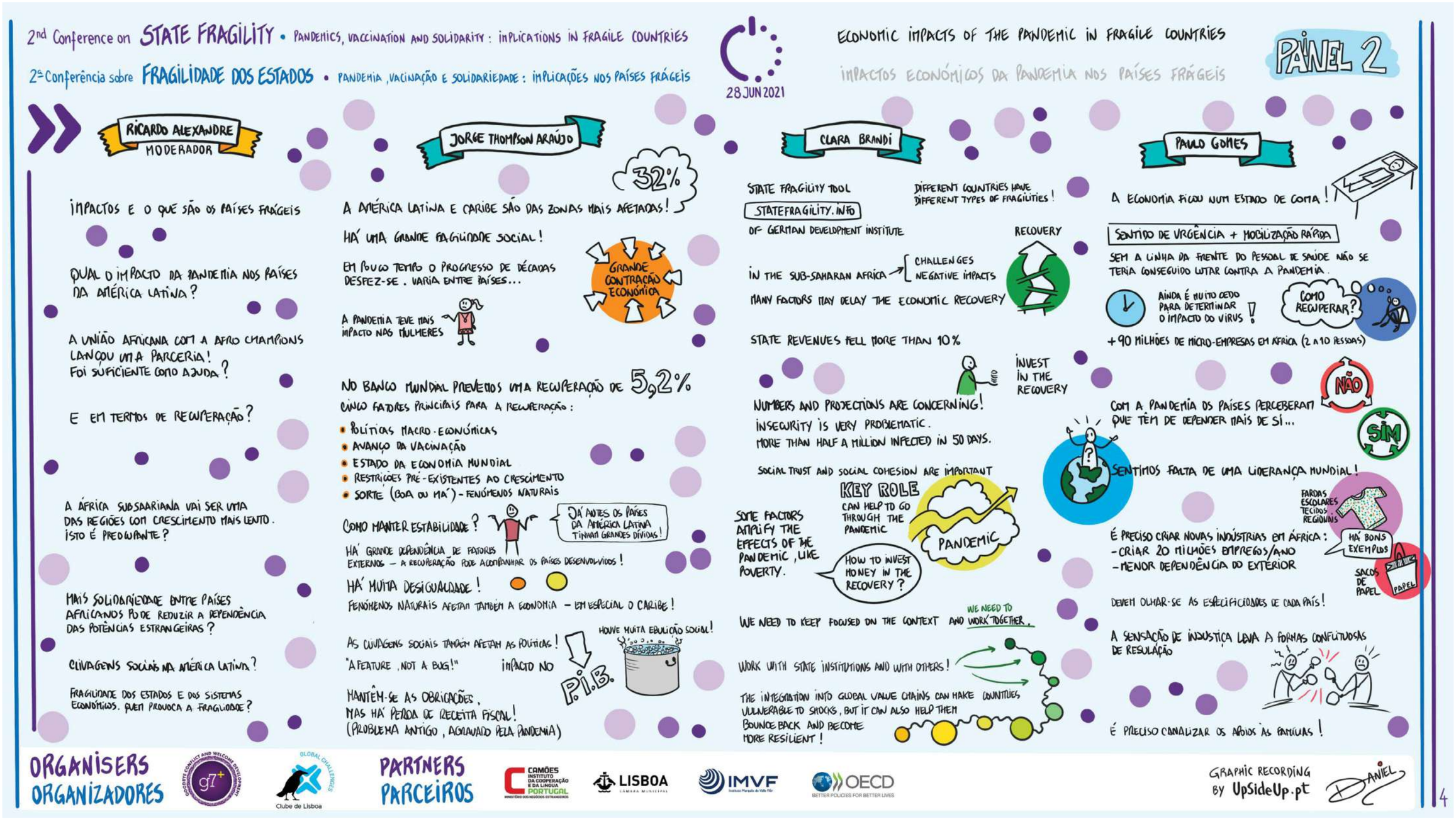
Sendo este um choque sem precedentes – simultaneamente do lado da oferta e da procura – e tendo em conta o surgimento de novas variantes COVID-19, para **JORGE THOMPSON ARAÚJO**, o maior desafio continua a ser a incerteza e a sua gestão. A este respeito, PAULO GOMES acrescentou a importância da velocidade da vacinação como forma de reduzir a incerteza, resultando em consequências positivas para o crescimento mundial, para o preço das matérias-primas e para os países que as produzem. Do ponto de vista económico, as prioridades deverão centrar-se em diversificar economias, criar empregos e indústrias orientadas para o futuro, manter os níveis de dívida geríveis, aumentar a base tributária e mobilizar recursos a nível nacional, de modo a possuir meios económicos para fazer face a desafios sociais e políticos. **CARLA BRANDI** acrescentou que a pandemia deve ser entendida uma janela de oportunidade para o desenvolvimento económico verde, inclusivo e ligado a sistemas sociais universais, criando simultaneamente instituições políticas inclusivas e capazes de contribuir para os bens comuns. Nesse sentido, é crucial combinar um enfoque nos desafios diretos e imediatos da pandemia, aumentando as taxas de vacinação e a produção de vacinas, com um pensamento de futuro e maior investimento na recuperação de longo prazo, promovendo um tipo de recuperação que ajude a alcançar as metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e respeite o Acordo de Paris, ou seja, que forneça a base para o desenvolvimento sustentável daqui para frente.

Finally, speakers summarised the most pressing and immediate challenges for recovery from the pandemic.

This being an unprecedented shock – both on the supply and demand side – and considering the emergence of new COVID-19 variants, for **JORGE THOMPSON ARAÚJO** the biggest challenge is uncertainty and its management. In this regard, PAULO GOMES added the importance of the vaccination rapidity as a way of reducing uncertainty, resulting in positive consequences for world growth, for the price of raw materials and for the countries that produce them. From an economic point of view, priorities should focus on diversifying economies, creating new jobs and future-oriented industries, keeping debt levels manageable, increasing the tax base and mobilising resources at the national level, in order to reach the economic means to address social and political challenges. **CARLA BRANDI** added that the pandemic must be understood as a window of opportunity for green, inclusive economic development linked to universal social systems, while creating inclusive political institutions capable of contributing to the common good. In this sense, it is crucial to combine a focus on the direct and immediate challenges of the pandemic, increasing vaccination rates and vaccine production, with forward thinking and greater investment in long-term recovery, by promoting a type of recovery that helps to achieve the Sustainable Development Goals and respects the Paris Agreement, i.e., that provides the basis for sustainable development.

_VEJA O VÍDEO
DESTE PAINEL

_WATCH
THE VIDEO
OF THIS PANEL


2nd Conference on STATE FRAGILITY • PANDEMICS, VACCINATION AND SOLIDARITY: IMPLICATIONS IN FRAGILE COUNTRIES
2ª Conferência sobre FRAGILIDADE DOS ESTADOS • PANDEMIA, VACINAÇÃO E SOLIDARIEDADE: IMPLICAÇÕES NOS PAÍSES FRÁGEIS
28 JUN 2021
ECONOMIC IMPACTS OF THE PANDEMIC IN FRAGILE COUNTRIES
IMPACTOS ECONÓMICOS DA PANDEMIA NOS PAÍSES FRÁGEIS
PAINEL 2
RICARDO ALEXANDRE
MODERADOR
JORGE THOMPSON ARAÚJO
CLARA BRANDI
PAULO GOMES
IMPACTOS E O QUE SÃO OS PAÍSES FRÁGEIS
QUAL O IMPACTO DA PANDEMIA NOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA?
A UNIÃO AFRICANA COM A AFRO CHAMPIONS LANÇOU UMA PARCERIA! FOI SUFICIENTE COMO AJUDA?
E EM TERMOS DE RECUPERAÇÃO?
A ÁFRICA SUBSAARIANA VAI SER UMA DAS REGIÕES COM CRESCIMENTO MAIS LENTO. ISTO É PREOCUPANTE?
MAIS SOLIDARIEDADE ENTRE PAÍSES AFRICANOS PODE REDUZIR A DEPENDÊNCIA DAS POTÊNCIAS ESTRANGEIRAS?
CLIVAGENS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA?
FRAGILIDADE DOS ESTADOS E DOS SISTEMAS ECONÓMICOS. QUEM PROVOCA A FRAGILIDADE?
A AMÉRICA LATINA E CARIBE SÃO DAS ZONAS MAIS AFETADAS!
32%
HÁ UMA GRANDE FRAGILIDADE SOCIAL!
EM POUCO TEMPO O PROGRESSO DE DÉCADAS DESFEZ-SE. VARIA ENTRE PAÍSES...
GRANDE CONTRAÇÃO ECONÓMICA
A PANDEMIA TEVE MAIS IMPACTO NAS MULHERES
NO BANCO MUNDIAL PREVEEM UMA RECUPERAÇÃO DE 5,2%
CINCO FATORES PRINCIPAIS PARA A RECUPERAÇÃO:
POLÍTICAS MACRO-ECONÓMICAS
AVANÇO DA VACINAÇÃO
ESTADO DA ECONOMIA MUNDIAL
RESTRIÇÕES PRÉ-EXISTENTES AO CRESCIMENTO
SORTE (BOA OU MÁ) - FENÓMENOS NATURAIS
COMO MANTER ESTABILIDADE?
JÁ ANTES OS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA TINHAM GRANDES DÍVIDAS!
HÁ GRANDE DEPENDÊNCIA DE FATORES EXTERNOS – A RECUPERAÇÃO PODE ACOMPANHAR OS PAÍSES DESENVOLVIDOS!
HÁ MUITA DESIGUALDADE!
FENÓMENOS NATURAIS AFETAM TAMBÉM A ECONOMIA – EM ESPECIAL O CARIBE!
AS CLIVAGENS SOCIAIS TAMBÉM AFETAM AS POLÍTICAS!
"A FEATURE, NOT A BUG!"
IMPACTO NO P.I.B.
HOUVE MUITA EBULIÇÃO SOCIAL!
MANTÊM-SE AS OBRIGAÇÕES, MAS HÁ PERDA DE RECEITA FISCAL! (PROBLEMA ANTIGO, AGRAVADO PELA PANDEMIA)
STATE FRAGILITY TOOL
STATEFRAGILITY.INFO
OF GERMAN DEVELOPMENT INSTITUTE
DIFFERENT COUNTRIES HAVE DIFFERENT TYPES OF FRAGILITIES!
IN THE SUB-SAHARAN AFRICA → CHALLENGES NEGATIVE IMPACTS
MANY FACTORS MAY DELAY THE ECONOMIC RECOVERY
RECOVERY
STATE REVENUES FELL MORE THAN 10%
INVEST IN THE RECOVERY
NUMBERS AND PROJECTIONS ARE CONCERNING!
INSECURITY IS VERY PROBLEMATIC.
MORE THAN HALF A MILLION INFECTED IN 50 DAYS.
SOCIAL TRUST AND SOCIAL COHESION ARE IMPORTANT
KEY ROLE
CAN HELP TO GO THROUGH THE PANDEMIC
SOME FACTORS AMPLIFY THE EFFECTS OF THE PANDEMIC, LIKE POVERTY.
PANDEMIC
HOW TO INVEST MONEY IN THE RECOVERY?
WE NEED TO KEEP FOCUSED ON THE CONTEXT
WE NEED TO WORK TOGETHER.
WORK WITH STATE INSTITUTIONS AND WITH OTHERS!
THE INTEGRATION INTO GLOBAL VALUE CHAINS CAN MAKE COUNTRIES VULNERABLE TO SHOCKS, BUT IT CAN ALSO HELP THEM BOUNCE BACK AND BECOME MORE RESILIENT!
A ECONOMIA FICOU NUM ESTADO DE COMA!
SENTIDO DE URGÊNCIA + MOBILIZAÇÃO RÁPIDA
SEM A LINHA DA FRENTE DO PESSOAL DE SAÚDE NÃO SE TERIA CONSEGUIDO LUTAR CONTRA A PANDEMIA.
AINDA É MUITO CEDO PARA DETERMINAR O IMPACTO DO VÍRUS!
COMO RECUPERAR?
+90 MILHÕES DE MICRO-EMPRESAS EM ÁFRICA (2 A 10 PESSOAS)
NÃO
SIM
COM A PANDEMIA OS PAÍSES PERCEBERAM QUE TÊM DE DEPENDER MAIS DE SI...
SENTIMOS FALTA DE UMA LIDERANÇA MUNDIAL!
É PRECISO CRIAR NOVAS INDÚSTRIAS EM ÁFRICA:
- CRIAR 20 MILHÕES EMPREGOS/ANO
- MENOR DEPENDÊNCIA DO EXTERIOR
FARDAS ESCOLARES TECIDOS REGIONAIS
HÁ BONS EXEMPLOS
SACOS DE PAPEL
PAPEL
DEVEM OLHAR-SE AS ESPECIFICIDADES DE CADA PAÍS!
A SENSAÇÃO DE INJUSTIÇA LEVA A FORMAS CONFLITUOSAS DE RESOLUÇÃO
É PRECISO CANALIZAR OS APOIOS ÀS FAMÍLIAS!
ORGANISERS
ORGANIZADORES
g7+
Clube de Lisboa
PARTNERS
PARCEIROS
CAMÕES INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA PORTUGAL
LISBOA CÂMARA MUNICIPAL
IMVF
OECD BETTER POLICIES FOR BETTER LIVES
GRAPHIC RECORDING BY UpSideUp.pt
DANIEL

© Hennie Stander, Unsplash, 2021.

Conferences on

_STATE FRAGILITY

_ IMPLICAÇÕES DA PANDEMIA E DA VACINAÇÃO NOS SISTEMAS DE SAÚDE PÚBLICA NOS PAÍSES FRÁGEIS

_ IMPLICATIONS OF PANDEMICS AND VACCINATION ON THE PUBLIC HEALTH SYSTEMS OF FRAGILE COUNTRIES

#statefragility

IMPLICAÇÕES DA PANDEMIA E DA VACINAÇÃO NOS SISTEMAS DE SAÚDE PÚBLICA NOS PAÍSES FRÁGEIS

IMPLICATIONS OF PANDEMICS AND VACCINATION ON THE PUBLIC HEALTH SYSTEMS OF FRAGILE COUNTRIES

_ OLIVIER **BAILLY**

_ ALEX **DE JONQUIÈRES**

_ CÉLINE **MIAS**

_ HELENA **TECEDEIRO**

MODERADORA**MODERATOR**

Neste painel, os oradores abordaram o processo de vacinação contra a COVID-19 nos países frágeis, debatendo especificamente se a vacinação global em todos os países estava garantida e como a solidariedade internacional estava a funcionar nesse contexto, e refletindo igualmente sobre como reforçar os sistemas de saúde nos países mais vulneráveis e as opções existentes para aumentar a produção de vacinas.

In this panel, speakers addressed COVID-19 vaccination in fragile countries, particularly debating whether global vaccination is guaranteed and how is global solidarity working on this regard, how to reinforce health systems in the most vulnerable countries and the options to increase vaccine production.

OLIVIER BAILLY começou por analisar o papel da UE no processo de vacinação global. Quando a Task-Force da UE para a Estratégia de Vacinas foi criada em janeiro de 2021, a principal questão que se colocava era que a China e a Rússia pareciam estar prontas para vacinar o mundo com as suas vacinas Sputnik, Sinopharma e Sinovac, enquanto parecia não existir ação concreta da UE para essa vacinação. No entanto, a UE era já o maior contribuinte para o mecanismo COVAX, o principal instrumento internacional para distribuir essas vacinas em todo o mundo. A UE decidiu igualmente rejeitar as abordagens russa e chinesa, que ultrapassam a diplomacia pelas vacinas e constituem uma espécie de mecanismo de troca, em que as doações ou exportações de vacinas têm tido como contrapartidas empréstimos muito caros, ou o acesso privilegiado a mercados e venda de recursos naturais, ou ainda para outras questões diplomáticas, como o não reconhecimento de Taiwan ou o reconhecimento da Crimeia como território russo.

O orador afirmou que a abordagem da UE se baseou não em prioridades estratégicas, mas sim numa verdadeira solidariedade, apoiando o esforço global de vacinação e defendendo que o mais importante era vacinar o maior número possível de pessoas, no maior número possível de países. Esse objetivo está a ser concretizado não apenas através da COVAX, mas também com exportações diretas, existindo um compromisso assumido pelo Conselho Europeu, no início de junho, de partilhar 100 milhões de doses de vacinas até ao final de 2021.

OLIVIER BAILLY started by analysing the EU role in global vaccination. When the EU Task Force on Vaccine Strategy was set up in January 2021, the main question was that China and Russia seemed to be ready to vaccinate the world with the Sputnik, Sinopharma and Sinovac vaccines, while there seemed to be no concrete action from the EU. Nevertheless, the EU was already the main contributor to the COVAX Facility, the main international instrument to distribute these vaccines around the world. The EU also decided to reject the bargaining of Russian and Chinese approaches, which go beyond vaccine diplomacy and are a sort of trading off to exchange vaccines' donations or exports for either very expensive loans, or privileged access to markets and selling natural resources, or for diplomatic elements like nonrecognition of Taiwan or recognition of Crimea as a Russian territory.

The speaker argued that the EU approach was based not on strategic prioritisation but in solidarity, by supporting the global vaccination effort and defending that the most important was to vaccinate as much people as possible, in as much countries as possible. This is being pursued not only through COVAX, but also with exports, as well as the commitment of sharing 100 million doses until the end of 2021, taken by the European Council in early June.

A nível bilateral, os timings foram diferentes, consoante a situação e estratégia de cada Estado membro da UE: enquanto países como a França iniciaram imediatamente as doações de vacinas para África através da iniciativa COVAX, e Portugal e Espanha anunciaram a doação de 5% das suas doses para países lusófonos e da América Latina, respetivamente, outros países da UE decidiram esperar que uma percentagem significativa da sua população estivesse vacinada antes de lançar o debate público sobre a solidariedade global nesta matéria.

ALEX DE JONQUIÈRES procurou explicar que todos os surtos e epidemias causam grandes perturbações não apenas nos sistemas de saúde, mas também nas comunidades afetadas. Embora estejamos a observar isso numa escala sem precedentes com a COVID-19, já tínhamos assistido várias vezes ao mesmo fenómeno com outras doenças, por exemplo com o Ébola, com o sarampo ou a febre amarela. Estamos focados principalmente na COVID-19, mas as ameaças de outras doenças igualmente propensas a provocarem surtos são também muito reais, num grande número de países, pelo que é crucial pensar na resiliência e na equidade dos sistemas de saúde.

Esta pandemia demonstrou não apenas como os surtos podem ser disruptivos para os sistemas de saúde, mas também como os sistemas de saúde são fundamentais para prevenir e controlar esses surtos. O que vimos e continuamos a ver, à medida que sofremos novas vagas e variantes de COVID-19, é que várias componentes dos sistemas de saúde e dos programas de imunização, em grande medida baseados em serviços de proximidade e no envio de profissionais de saúde para diferentes comunidades, estão a ser fortemente

Bilaterally, the timings were different according to the situation and strategy of each EU member state: while countries like France started immediately the donations to Africa through COVAX, and Portugal and Spain announced the donation of 5% of their doses to Lusophone countries and to Latin America, respectively, other EU countries decided to wait until having significant percentages of their population vaccinated before bringing the debate on global solidarity to the public opinion.

ALEX DE JONQUIÈRES explained how every outbreak and epidemics cause massive disruption not only to health systems but also to the communities affected. Although we are witnessing this at an unprecedented scale with COVID-19, we have seen it routinely with other diseases, from Ebola to measles to yellow fever. We are mainly focused on COVID-19 but the threats of other outbreak prone diseases remain very real in many countries, and it is crucial to think about the resilience and equity of health systems.

This pandemic has highlighted not just how disruptive outbreaks can be to health systems, but also how critical health systems are to preventing and controlling outbreaks. What we saw and continue to see as we experience new waves and variants, is that multiple different elements of health systems and of immunisation programmes, very much based in outreach services and in health workers going into communities, are being affected. Health workers were also diverted from the routine services they typically provide towards the COVID-19 response, and many were also getting sick, which simultaneously contributed to reducing health services' capacities in many countries. Supply chains were disrupted at domestic and international levels, and

afetados. Esses profissionais de saúde foram também desviados dos serviços que normalmente prestam, para a resposta à COVID-19, e muitos deles ficaram doentes, o que contribuiu para que, em muitos países, a capacidade de resposta dos serviços de saúde se fosse reduzindo. As cadeias de abastecimento foram interrompidas, quer a nível nacional quer internacional, e os confinamentos tornaram ainda mais complicado para os profissionais de saúde conseguirem chegar a todos os lugares, dificultando simultaneamente o acesso das comunidades locais aos serviços de saúde.

Todos estes fatores contribuíram para uma diminuição de 40% nas atividades de vacinação geral das populações durante a primeira vaga de COVID-19. No final de 2020, Bill Gates declarou que, em apenas 25 semanas, tínhamos perdido 25 anos de progresso na vacinação das populações no mundo. No entanto, existem boas perspetivas de uma recuperação rápida, na medida em que a imunização geral está a recuperar de forma significativa, nomeadamente em países como a Libéria, com os quais a GAVI (Vacine Alliance) está a trabalhar. Embora seja compreensível este enfoque atual na vacinação contra a COVID-19, tendo em conta as grandes desigualdades existentes nesse acesso, não devemos perder de vista também a equidade necessária noutros serviços de saúde e serviços de vacinação, pois estes são também essenciais para manter a imunidade global contra uma ampla gama de doenças. As vacinas provaram ser um dos mecanismos mais eficazes para prevenir ou responder a novos patógenos quando eles surgem, como estamos a ver com a COVID.

A vacinação é fundamental para reduzir a mortalidade infantil, mas mesmo antes da COVID-19, anualmente 20 milhões de crianças não estavam a ter acesso a vacinas básicas, sendo que 2/3 destas vivem abaixo da linha da pobreza e, frequentemente, em comunidades muito desfavorecidas e a que os sistemas de saúde não têm conseguido chegar. Estas são as comunidades e as crianças que devem ser abrangidas, se quisermos prevenir outros surtos e controlar pandemias.

Além disso, a vacinação é um dos primeiros serviços de saúde a chegar a muitas comunidades, o que significa que se os países tiverem serviços de imunização eficazes e de alta qualidade, isso pode ajudar a construir a confiança pública no sistema e nas instituições de saúde no seu todo. Tal também faz sentido do ponto de vista económico, pois estima-se que cada US dólar investido em vacinação gere 20 US dólares em benefícios económicos.

A COVID-19 está a realçar um problema que já existia - a enorme pressão sobre os sistemas de saúde - mas, porque nunca antes tivemos este nível de atenção relativamente aos cuidados de saúde primários e à importância na equidade na prestação desses serviços, temos simultaneamente a oportunidade de reconstruir ou configurar para melhor os sistemas de saúde. É necessário aproveitarmos esta atenção para reivindicar melhorias nos cuidados de saúde primários e nas estratégias de vacinação em geral. A GAVI está a construir uma plataforma com profissionais de saúde, cadeias de abastecimento e envolvimento das comunidades, com objetivo de tornar os países mais resilientes em futuros surtos, mas também para tornar os sistemas mais sólidos e estáveis, à medida que avançamos. A questão é: podemos garantir que vamos usar esta pandemia como uma oportunidade para acelerar o progresso na construção de sistemas de saúde resilientes, em vez de deixarmos que ela nos deite abaixo?

lockdowns made it hard for health workers to get to service delivery sites, but also for communities to come and seek for health services.

All these factors contributed to a decrease of 40% in general immunisation activities during the first wave of COVID-19, and in late 2020 Bill Gates declared that we had lost 25 years of progress on immunisation in just 25 weeks. There are however good prospects because immunisation has at least bounced back strongly, namely in countries with whom GAVI is working, such as Liberia. While it is understandable the current focus on COVID vaccination due to existing inequalities, we should not lose sight also of the equity in other health services and immunisation services, as they are key to maintain immunity against a wide range of diseases in many countries. Vaccines have proven to be one of the most effective mechanisms for preventing or responding to new pathogens when they emerge, as we are seeing with Covid.

Vaccination is key for reducing child mortality, but even before COVID, 20 million children every year weren't being reached by basic vaccines, with 2/3 of them living below the poverty line and often in very marginalised communities that are being missed by health systems. These are the communities and the children we need to reach if we want to prevent outbreaks and control pandemics.

Adding to this, immunisation is one of the first health services to reach many communities. If countries receive trusted and high-quality immunisation services this can help build public trust in the broader health system and institutions. This also makes sense from an economic perspective, as every US dollar invested in immunisation generates 20 US dollars in economic benefits.

COVID is shining a light on a problem that already existed - the huge strain on health systems -, but it simultaneously provides the opportunity to build back better, as never before we had this level of political focus on primary healthcare and the importance of equitable service delivery. We need to capitalise on this to push for improvements in primary healthcare and immunisation. GAVI is building a platform with health workers, supply chains and community engagement, to make countries more resilient to future outbreaks, but also make them wealthier and more stable as we move forward. The question is: can we ensure that we use this pandemic as an opportunity to accelerate progress in building resilient health systems, rather than something that really throws us down?

CÉLINE MIAS referiu que, para controlar a pandemia de COVID-19, é necessário que os líderes mundiais tomem ações globais no acesso mundial equitativo à vacina, realizando igualmente investimentos críticos para garantir uma entrega eficaz e urgente de vacinas a todos. Embora os líderes do G7 se tenham comprometido à partilha de, pelo menos, 870 milhões de doses até 2022 (com metade entregue até ao final de 2021) e apesar das 100 milhões de doses da UE, o ritmo é insuficiente, porque a doação de vacinas é urgentemente necessária agora, não ao longo do próximo ano. O conceito de que nenhum de nós está seguro até que todos estejamos seguros é fácil de entender, por isso é preciso mais ambição para atender à urgência do momento e fazer com que as vacinas cheguem efetivamente aos contextos mais frágeis.

Verifica-se uma lacuna significativa na oferta de vacinas contra a COVID-19, causada essencialmente pelo facto de os países ricos estarem a comprar em excesso e a acumular doses de forma massiva. Na UE, existem já doses suficientes para vacinar toda a população duas vezes. Segundo o New York Times Vaccines Tracker, 85% das doses foram administradas em países de rendimento alto e médio, enquanto apenas 0,3% foram administradas em países de rendimento baixo. Mantendo-se a atual tendência das taxas de vacinação, os países de rendimento baixo teriam de esperar 57 anos para que a sua população fosse totalmente vacinada.

A existência de um planeamento adequado é fundamental para garantir um acesso mais equitativo às vacinas em termos globais. Isso significa que o enfoque não deve estar apenas na partilha de vacinas, mas também em investir na preparação dos países para as distribuir e administrar, o que está ligado, mais uma vez, à questão dos países com sistemas de saúde cronicamente insuficientes e frágeis. Os doadores devem disponibilizar financiamento para cobrir os custos reais da inoculação no terreno, uma vez que os países de rendimentos médios e baixos, e especialmente os países mais frágeis, não poderão fazê-lo sozinhos. Um relatório recente da CARE International estima que para cada US dólar investido por um doador ou governo em doses da vacina, os países de rendimentos médios e baixos têm de investir $5 US dólares na sua distribuição. Assim, por exemplo, 76.000 vacinas no Malawi e no Sudão do Sul expiraram antes de os sistemas de saúde serem capazes de as administrar, enquanto a RDC teve de devolver mais de um milhão de doses, que não conseguiu administrar devido às vulnerabilidades do seu sistema de saúde.

Se considerarmos que as vacinas devem estar disponíveis para todos como um bem global comum, isso só será possível com uma transformação na forma como são produzidas. Tal implica que as empresas farmacêuticas permitam a produção de vacinas contra a COVID-19 o mais amplamente possível, partilhando o seu know-how sem patentes. No entanto, o levantamento de patentes é apenas uma parte da questão, pois toda a cadeia de abastecimento deve estar livre de monopólios para garantir esse acesso, incluindo a remoção de barreiras de exportação e importação, entre outras.

CÉLINE MIAS pointed out that if we want to control the COVID-19 pandemic, we really need world leaders to take global action on equitable global access to the vaccine, but also to make critical investments to ensure an effective and urgent delivery of vaccines to all. Although the G7 leaders committed to share at least 870 million doses over 2022 (with half delivered by the end of 2021) and the EU 100 million doses, the pace is insufficient, because sharing is urgently needed now, not over the course of next year. The concept that none of us is safe until we are all safe is quite easy to understand, so more ambition is needed to meet the urgency of the moment and to make vaccines reach the most fragile contexts.

There is a significant COVID-19 vaccine supply gap, which is mostly caused by rich countries who are massively over-buying and hoarding doses. In the EU, there are already enough doses to vaccinate all population twice. The New York Times Vaccines Tracker reported that 85% of shots have been administered in high and upper middle-income countries, and only 0.3% of doses have been administered in low-income countries. Following the current vaccination rates, low-income countries would be waiting 57 years for everyone to be fully vaccinated.

A proper planning is key to ensure more equitable vaccines access globally. This means not only focusing on vaccine sharing, but also investing in preparing countries to deliver and inoculate the vaccine, which take us back to the issue of countries with chronically under-resourced and fragile health systems. Donors need to provide funding to cover the genuine costs of delivery on the ground, since the low- and middle-income countries and especially fragile countries will not be able to do that themselves. A recent report by CARE International estimates that for every US dollar a donor or country government invests in vaccine doses, lower- and middle-income countries need to invest 5 US dollars in delivering the vaccine. So, for instance, 76.000 vaccines in Malawi and in South Sudan expired before health systems could deliver them, while DRC had to return over a million doses, which was unable to deliver due to its weak health system.

Vaccines should be available for all as a common global good, and this will only be possible with a transformation in how vaccines are produced. This implies that pharmaceutical corporations must allow the production of COVID-19 vaccines as widely as possible by sharing their knowledge free from patents. However, lifting patents is only one part of the issue, because the entire supply chain needs to be made monopoly free in order to ensure this access, including the elimination of export and import barriers, among others.

A este respeito, deveriam verificar-se maiores progressos nas discussões a nível da UE sobre a produção de vacinas. Os EUA manifestaram recentemente o seu apoio parcial à Organização Mundial do Comércio (OMC) na aprovação de uma proposta de suspensão de patentes, e alguns países da UE vieram igualmente apoiar essa proposta, como a Bélgica, Suécia, Dinamarca e Espanha. O Parlamento Europeu votou favoravelmente uma proposta que apela à Comissão Europeia (CE) para que apoie o levantamento de patentes e equipamentos médicos de combate à COVID-19, mas a proposta da CE continua a ser muito limitada.

Reforçando a opinião expressa pelos demais oradores, CÉLINE MIAS afirmou que a pandemia veio demonstrar a necessidade urgente de investir em sistemas de saúde pública robustos, bem financiados e dotados de recursos, bem como a necessidade de assegurar a sua acessibilidade. Tal significa que podemos usar a experiência da pandemia para ajudar a construir sistemas de saúde mais resilientes, universais e equitativos em todo o mundo.

Para esse fim, será necessário um maior apoio para os recursos humanos, particularmente aos profissionais de saúde de primeira linha, os quais são a base da prevenção eficaz e da entrega de vacinas, incluindo em questões como a conscientização das comunidades para a aceitação de vacinas e a abrangência de comunidades rurais e desfavorecidas. No entanto, os profissionais de saúde de primeira linha são normalmente negligenciados e cronicamente subfinanciados. Ao longo desta pandemia, trabalhadores de saúde de pelo menos 84 países entraram em greve devido a questões como salários injustos e precariedade das condições de trabalho, falta de equipamentos de proteção individual, entre outras.

In this regard, there should be more progress on the discussions at EU level about vaccine production. The US recently expressed its partial support for the World Trade Organisation (WTO) to approve a patent waiver proposal, and some EU countries have also supported this proposal, as Belgium, Sweden, Denmark, and Spain. The European Parliament has voted in favour of a proposal calling on the European Commission (EC) to support the lifting of patents for COVID-19 vaccines and medical equipment, but the EC proposal is extremely limited.

CÉLINE MIAS also reinforced the other speakers' opinion that the pandemic has pointed out the urgent need to invest in robust, well-funded and resourced public health systems and the need for them to be accessible to everyone. This means that we can use the experience of the pandemic to help building resilient and universal, equitable health systems around the world.

That would also imply more support to human resources, particularly frontline health workers, which are the linchpin of effective prevention and vaccines delivery, including issues such as building community awareness and vaccine acceptance, and reaching rural and underserved communities. And yet frontline health workers are routinely overlooked, and chronically underfunded. During this pandemic, health workers in at least 84 countries have gone on strike due to issues such as unfair pay and unsafe working conditions, lack of personal protective equipment, amongst others. There is also a gender gap, because although women make up a larger proportion of health workers in most countries, on average women healthcare workers earn 28% less than their male colleagues.

Verifica-se, também, uma disparidade de género, uma vez que as mulheres constituem uma proporção maior dos profissionais de saúde na maioria dos países, mas auferem, em média, salários 28% inferiores aos dos seus colegas do sexo masculino.

Por fim, as experiências de alguns países da África Subsaariana na gestão de outras doenças infeciosas como o Ébola, a tuberculose e mesmo o HIV foram destacadas como tendo sido úteis no combate à COVID-19, principalmente pela aplicação de lições aprendidas sobre o que funciona em contextos frágeis. Na Serra Leoa, por exemplo, os planos de emergência pré-existentes e as intervenções de saúde pública em programas de participação comunitária, bem como as equipas de pessoal médico de emergência e de profissionais de saúde já treinados foram rapidamente redirecionados para garantir uma resposta rápida à COVID-19. No Ruanda, 100% das doses de vacina recebidas através da COVAX foram ministradas em apenas algumas semanas, devido ao investimento em profissionais de saúde e em sistemas organizados de distribuição e inoculação. Daqui se conclui que o investimento em sistemas de saúde dá resultados e que os sistemas de saúde pública nos Estados frágeis precisam de apoio para serem atualizados e expandidos, designadamente através de financiamento internacional.

Finally, the experiences of some sub-Saharan African countries in managing other infectious diseases such as Ebola, tuberculosis and even HIV was also highlighted as having served in the fight against COVID-19, particularly because there are lessons learned about what works in fragile contexts. In Sierra Leone, for example, pre-existing emergency plans and public health interventions on community engagement programs, and also workforces of emergency medical personnel and trained healthcare workers were quickly redirected to ensure a fast response to COVID-19. In Rwanda, 100% of the vaccine doses received through COVAX were used in just a few weeks because the government have invested in healthcare workers and in robust delivery systems. The conclusion is that the investment in health systems can deliver, and public health systems in the most fragile States need support to be upgraded and expanded, with global financial support.

O **debate** evoluiu em torno do papel da UE na vacinação global contra a COVID-19, com diferentes perspetivas partilhadas.

OLIVIER BAILLY enfatizou que a UE não pode vacinar o mundo sozinha. Sendo o continente mais atingido por esta pandemia há um ano, com vários meses de confinamento e milhares de mortes todos os dias, a UE precisava de tomar a decisão de vacinar o continente europeu – isso era uma responsabilidade política, e os cidadãos europeus esperavam isso. Posteriormente, na UE foi possível desencadear uma mensagem de solidariedade global na opinião pública e foi lançado um esforço de solidariedade significativo, nomeadamente através da criação e financiamento da COVAX para distribuição de vacinas nos 92 países menos privilegiados do mundo, o financiamento de mil milhões de euros para a produção de vacinas em países africanos onde já existem instalações para a sua produção, o apoio à Espanha para a doação de 7,5 milhões de doses para a América Latina, etc. A solidariedade da UE deve, portanto, ser notada.

The **debate** evolved around the EU role in global vaccination against COVID-19, with different perspectives shared.

OLIVIER BAILLY emphasised that the EU cannot vaccinate the world alone. As the continent most hit by this pandemic a year ago, with several months of lockdown and thousands of deaths every day, the EU needed to take a decision to vaccinate the European continent - this was a political responsibility, and European citizens were expecting this. Afterwards, the EU was able to trigger the global solidarity message in the public opinion and launched a significant solidarity effort, including through the creation and financing of COVAX to distribute vaccines for the 92 less privileged countries in the world, 1 billion euros' financing for vaccine production in Africa in specific countries where vaccination production facilities already exist, the support to Spain to donate 7.5 million doses to Latin America, etc. The EU solidarity should be noted.

É igualmente necessário reconhecer que esta tarefa levará vários anos e que precisamos de um esforço global para acelerar o ritmo. Existem vários fatores a serem considerados (como a hesitação da população em ser vacinada, a situação das infraestruturas de saúde e dos profissionais de saúde nos diversos países, a capacidade de acesso à vacina pela COVAX ou através de outro canal, etc.) e opções a serem tomadas: devemos concentrar-nos em países com as mais baixas taxas de vacinação ou nos países mais atingidos pela pandemia, como o Brasil, ou países em África? Devemos centrar-nos nos países mais próximos das fronteiras da UE e que pretendem ter acesso ao Espaço Schengen (Balcãs Ocidentais, Parceria Oriental da UE, fronteiras sul do Mar Mediterrâneo)? Os Estados-Membros estão a debater tudo isto e leva tempo para chegar a compromissos e implementá-los, num processo decisório que é complexo.

CÉLINE MIAS e ALEX DE JONQUIÈRES consideraram que, embora possa existir uma perceção real de que a UE partilha as "sobras" das vacinas, essa não corresponde a uma análise totalmente justa.

Céline acrescentou que a UE deve ter uma postura mais ativa em demonstrar que não está apenas a doar essas vacinas remanescentes e, relativamente à abordagem, não limitar a questão da solidariedade à doação de vacinas após a vacinação da população europeia. A UE partilha valores em torno da solidariedade e do apoio a outros seres humanos no mundo, que poderiam ser mais bem orientados para garantir maior vontade política e apoio público. É necessária uma resposta planeada e global de solidariedade a nível mundial. E isso implica mais atenção com os países mais pobres e frágeis no reforço dos sistemas de saúde, na estratégia de saúde pública e no apoio aos profissionais de saúde que estão na linha de frente.

We also need to acknowledge that this task will take several years, and that we need a global effort to accelerate the pace. There are also factors to be considered (as vaccine hesitancy in the population, the situation of the health infrastructure and of health workers in the countries, the capacity to have access to vaccines through COVAX or from another way, etc.) and options to be made: should we focus on countries that have the lowest vaccination rates or in countries that were most hit by the pandemic, as Brazil, or African countries? Should we focus on countries that are closer to EU borders and that want to have access to the Schengen Area (Western Balkans, the Eastern Partnership, the southern borders of the Mediterranean Sea)? Member states are debating all this, and it takes time to reach and implement compromises, within a complex decision-making process.

CÉLINE MIAS and ALEX DE JONQUIÈRES considered that while there may be a perception of the EU mostly sharing leftovers, it is not a fully fair assessment.

Céline added that the EU should take a more active stance in demonstrating that it is not only donating vaccine leftovers and also, regarding the approach, not limiting the solidarity issue on vaccine donations after the European population is vaccinated. The EU has shared values around solidarity and supporting other human beings in the world, which could be better targeted to ensure greater political will and public support. What we should advocate for is a planned and global response of global solidarity. And that includes more support to the poorer and most fragile countries in reinforcing health systems, the public health strategy and frontline health workers.

ALEX DE JONQUIÈRES reforçou a ideia de que as vacinas são extremamente necessárias e urgentes, mas a realidade é que estamos num ambiente de oferta muito restrita, em que o fornecimento para os países mais pobres do mundo tem sido muito mais lento do que se esperava. Nesse contexto, a COVAX é a única solução global capaz de distribuir vacinas em muitos países, e que esta alocação deve ser conduzida segundo o critério de quem tem maior necessidade. As estimativas apontam para um rápido aumento no fornecimento de vacinas para países em todo mundo, que pode chegar a 400 milhões de doses por mês, disponíveis para países elegíveis para a distribuição da COVAX até ao final do ano. No entanto, o timing e a previsibilidade do fornecimento tornam-se cruciais neste contexto, porque não se trata apenas do número de doses recebidas pelos países, mas também da capacidade adicional dos sistemas de saúde para ministrar essas vacinas – e se um país só recebe vacinas quando elas se tornam disponíveis, não sabendo quantas doses (e quando) vai recebê-las, é impossível planear. Foi feito um apelo a todos os doadores que estão a doar doses para fornecerem uma calendarização sólida e urgente. Tendo em conta que a COVID-19 está longe de terminar, é preciso garantir que os recursos estão disponíveis e são investidos estrategicamente, de forma a assegurar que não existe apenas uma distribuição de doses da vacina, mas sim a construção de sistemas capazes de as implementar a longo prazo.

ALEX DE JONQUIÈRES reinforced the idea that these vaccines are critically needed, and they're critically needed now, while the reality is that we're in a very supply constrained environment, in which supply to the world's poorest countries has been much slower than anyone had hoped for. In this context, COVAX is the only global solution able to actually allocate doses across countries, and this should be driven by the criteria of who has greatest need. Estimations point out to a rapid increase in vaccine supply to countries around the world, which could go as high as 400 million doses per month available to eligible countries through COVAX by the end of the year. Nevertheless, the timing and predictability of supply become critical in that context, because it's not just about the number of doses received by countries, but also about additional capacity of health systems to deliver those vaccines – and if a country only receives vaccines when they become available, not knowing how many doses (and when) it is going to receive, it is impossible to plan. There was a call on all donors who are donating doses to establish a firm and urgent schedule. As COVID-19 is far from over, we really need to ensure the resources are available and are strategically invested to ensure that we're not just rolling out doses now, but we're building systems that roll them out for the longer term.

Alex também destacou os desafios específicos com que se defrontam os países mais frágeis na imunização. Nos últimos 5 anos, a cobertura vacinal nesses países estabilizou, enquanto aumentou significativamente em países não frágeis. O apoio internacional deve ser muito mais flexível e adaptável aos desafios únicos de ambientes de fragilidade, e a GAVI tem estado constantemente a adaptar-se e a aprender. Em 2017, a GAVI introduziu uma nova "Política de Fragilidade, Emergências e Refugiados", que foi concebida para permitir maior flexibilidade, processos adaptados e um apoio não prescritivo a estes países.

As lições aprendidas apontam para a possibilidade de progressos rápidos em ambientes onde confluem uma combinação de fatores, designadamente um forte envolvimento e liderança política, o enfoque em resultados mensuráveis e com metas determinadas, o alinhamento dos parceiros de desenvolvimento e, mais importante, o alinhamento do financiamento internacional segundo os planos e prioridades dos países. Assistiu-se a esta combinação de fatores, nomeadamente, na RDC em relação ao Plano Mashako, no qual se estabeleceu um enfoque em nove das províncias mais vulneráveis, para aumentar a cobertura total de imunização em 15%; com uma forte liderança do Ministério da Saúde da RDC e o apoio e alinhamento dos parceiros de desenvolvimento, incluindo um mecanismo conjunto de revisão do progresso e correção do processo, o país deverá conseguir aumentar a cobertura total de vacinação nessas províncias em 27%. No entanto, existem contextos em que os serviços governamentais não conseguem chegar às comunidades, como acontece por exemplo no Afeganistão, onde a GAVI trabalha com o governo no desenvolvimento de uma nova parceria com a Federação Internacional da Cruz

Alex also pointed out the particular challenges faced by fragile countries in immunisation. In the last 5 years, immunisation coverage in fragile countries plateaued, while it has increased significantly in nonfragile countries. International support must be much more flexible and adaptive to the unique challenges of fragile settings, and GAVI is constantly trying, adapting and learning. In 2017, GAVI introduced a new "Fragility, Emergencies and Refugees Policy", which was designed to allow for greater flexibility, adapted processes and non-prescriptive support to these countries.

Lessons learned point out that rapid progress is possible in settings with a certain combination of factors, including strong political engagement and leadership, a focus on time bound and measurable results, alignment of development partners and importantly, alignment of international funding to domestic plans and priorities. This combination was seen, for example, in DRC regarding the Mashako Plan, in which there was a focus on nine of the most vulnerable provinces to raise full immunisation coverage in these provinces by 15%; with strong leadership by the DRC Ministry of Health and the support and alignment of development partners, including a joint mechanism for reviewing progress and course correcting, the country could increase full immunisation coverage in those provinces by 27%. There are however contexts where government services cannot effectively reach communities, and for example, in Afghanistan, GAVI works with the government to develop a new partnership with the International Federation of the Red Cross and the Afghan Red Crescent to deliver services and engage communities in regions where government services are not able to operate; an additional 40.000 children have been reached with this adaptive approach.

Vermelha e o Crescente Vermelho Afegão para poder prestar serviços e envolver as comunidades em regiões onde os serviços governamentais não são capazes de operar, sendo que mais 40.000 crianças foram alcançadas com esta abordagem.

Noutros contextos, como em cenários de conflito transfronteiriço, verificam-se frequentemente grandes deslocamentos populacionais e não existe clareza sobre qual o governo responsável por imunizar as populações, pelo que pode ser útil identificar parceiros humanitários, que poderão não ser os principais atores em termos de imunização, mas que podem ajudar a aplicar abordagens inovadoras. Em suma, para trabalhar melhor em contextos frágeis, é importante compreender os desafios existentes em cada situação, identificando os atores que melhor podem alcançar as comunidades e os parceiros certos, apoiando-os.

Em relação ao que se espera da UE e dos líderes do G7 no apoio aos países mais frágeis, foram apresentadas várias perspetivas. CÉLINE MIAS manifestou deceção face aos resultados da Cimeira do G7 realizada em junho de 2021, na medida em que existiam grandes expectativas de que as economias mais ricas do mundo demonstrassem um sentido de urgência, decidissem levar o combate à COVID-19 para um novo patamar e acordassem um plano global abrangente nesta matéria. O comunicado final do G7 contém algumas palavras e compromissos relevantes para fortalecer a ação global, além de tomar outras medidas tangíveis para melhorar as defesas coletivas contra ameaças futuras e reforçar a saúde global, mas existe um receio fundado de que as promessas não se transformem em ações e financiamentos concretos, como aconteceu no passado.

In other contexts, such as in cross-border conflict settings, there are frequently large population flows and it becomes unclear which government is accountable for immunising populations, and therefore it may be useful to identify humanitarian partners who may not be currently major players in immunisation, but who can help scale up innovative approaches. In sum, to work better in fragile contexts, it is important to understand the existing challenges of each situation, identify the stakeholders that can best reach communities and the right partners, and support them.

Regarding what is expected from the EU and the G7 leaders in supporting the most fragile countries, several perspectives were also shared. CÉLINE MIAS manifested disappointment over the G7 Summit held in June 2021, because there were high expectations that the world's richest economies would show a sense of urgency, decide to take the fight against COVID-19 to another level, and agree on a comprehensive global plan. The G7 communiqué contains some relevant words and commitments to strengthen global urgent action to fight Covid, as well as taking further tangible steps to improve collective defences against future threats and bolster global health, but there's a fear that the pledges will not be turned into concrete action and financing, as in the past.

It was highlighted that COVAX is important but there are other initiatives and pillars related to diagnostics, testing and treatment, health systems capacity, etc. that would require much more attention and funding. Critical initiatives experience big funding gaps, such as the COVID-19 Tools (ACT) Accelerator that faces an estimated US 18.1 billion-

Foi salientado que a COVAX é importante, mas que outras iniciativas e pilares relacionados com diagnósticos, testagem e tratamento, capacidades dos sistemas de saúde, etc., exigem muito mais atenção e financiamento. Iniciativas muito relevantes apresentam grandes lacunas de financiamento, como é o caso do Acelerador COVID-19 Tools (ACT), que enfrenta uma disparidade de financiamento estimada em US$ 18,1 mil milhões. Simultaneamente, estimativas mais recentes concluíram que custaria apenas $50 a $66 mil milhões de USD para vacinar totalmente o mundo.

OLIVIER BAILLY salientou a existência de uma grande incerteza e complexidade, com muitas variáveis a terem de ser tomadas em consideração - que ultrapassam a questão da vontade política - e a importância da flexibilidade para uma constante adaptação a um contexto em rápida mudança. Afirmou ainda que "é preciso que o mundo vacine o mundo" e que só o multilateralismo e a cooperação, reconhecendo o contributo da UE, China, Rússia, Índia, EUA, COVAX, OMS, ACT A e outras iniciativas, será capaz de nos conduzir num rumo certo. O debate a nível global é fundamental e existem momentos importantes até ao final de 2021 – como a Assembleia Geral das Nações Unidas em setembro e a presidência italiana do G20 e a correspondente Cimeira em outubro – para garantir que avançamos nos esforços multilaterais e globais.

A questão da produção de vacinas, propriedade intelectual e partilha de patentes foi igualmente abordada. OLIVIER BAILLY reconheceu que a produção de vacinas está bastante concentrada em cinco países, mas apenas a UE e, mais recentemente, os EUA abriram a exportação de elevado número de vacinas (tendo a UE exportado cerca de 400

dollar funding gap. At the same time, recent estimates point out that it would only cost USD $50 to $66 billion to fully vaccinate the world.

OLIVIER BAILLY emphasised the high uncertainty and complexity, with many variables to be taken into account - that go beyond the issue of political will - and the importance of flexibility to constantly adapting to a rapidly changing context. He also stated that "it needs the world to vaccinate the world" and that only multilateralism and cooperation, by acknowledging the contribution of the EU, China, Russia, India, the US, COVAX, WHO, ACT A and other initiatives, will takes us in the right direction. The discussion at global level is crucial and there will be important moments until the end of 2021 – as the United Nations General Assembly in September and Italian presidency of the G20 and the Summit in October – to ensure that we move forward in these multilateral and global efforts.

The issue of vaccine production, intellectual property and patents' sharing was also addressed. OLIVIER BAILLY recognised that vaccines production is very concentrated in five countries, but only the EU and most recently the US opened the export of high number of vaccines (the EU has exported around 400 million doses to 47 countries), as well as China, which has donated only 20 million doses to the world but exported around 400 million. He considered that the debate on intellectual property is overly complex, that investments of companies in vaccine research need to be awarded and encouraged, and that some powers are playing a game that is not fair, by supporting India and South Africa

milhões de doses para 47 países), assim como a China, que doou apenas 20 milhões de doses para o mundo, mas exportou cerca de 400 milhões. O orador considerou que o debate sobre propriedade intelectual é bastante complexo, que os investimentos das empresas em investigação sobre as vacinas devem ser recompensados e incentivados, e que algumas potências estão a promover um jogo que não é justo, apoiando a proposta da Índia e da África do Sul na OMC sem exportar uma única dose da vacina. Argumentou ainda que os números de acumulação de vacinas por parte da UE não são reais, pois as empresas farmacêuticas contratadas não têm cumprido as entregas previstas. Apesar de CÉLINE MIAS entender a necessidade de preservar os incentivos para que a indústria farmacêutica continue a produzir e a investigar novas vacinas, considera que poderiam prosseguir-se outras abordagens para o desenvolvimento de medicamentos enquanto bens públicos globais.

Terminando o debate com os desafios e lições aprendidas mais prementes, os oradores apontaram o processo de adaptação e aprendizagem constantes, com a necessidade de dar resposta em simultâneo a vários desafios diretos e indiretos decorrentes da COVID-19. Esta foi a primeira vez que se tentou estabelecer um mecanismo global para comprar e distribuir vacinas para todo o mundo, pelo que é compreensível que algumas coisas não tenham corrido tão bem. Sabe-se atualmente que é epidemiologicamente certo que existirá outra pandemia e, portanto, é crucial aprender com esta e prepararmo-nos para outra, criando os mecanismos, o financiamento e os sistemas de resposta para poder agir rapidamente.

proposal at the WTO without exporting one single dose of the vaccine. He also argued that the numbers of vaccine accumulation in the EU are not real, as pharmaceutical companies are not complying with the expected contracted deliveries. While CÉLINE MIAS understands the need to preserve the incentive for pharma to keep producing and research on new vaccines, she also considered that there could potentially exist other approaches to addressing the development of medicines as global public goods.

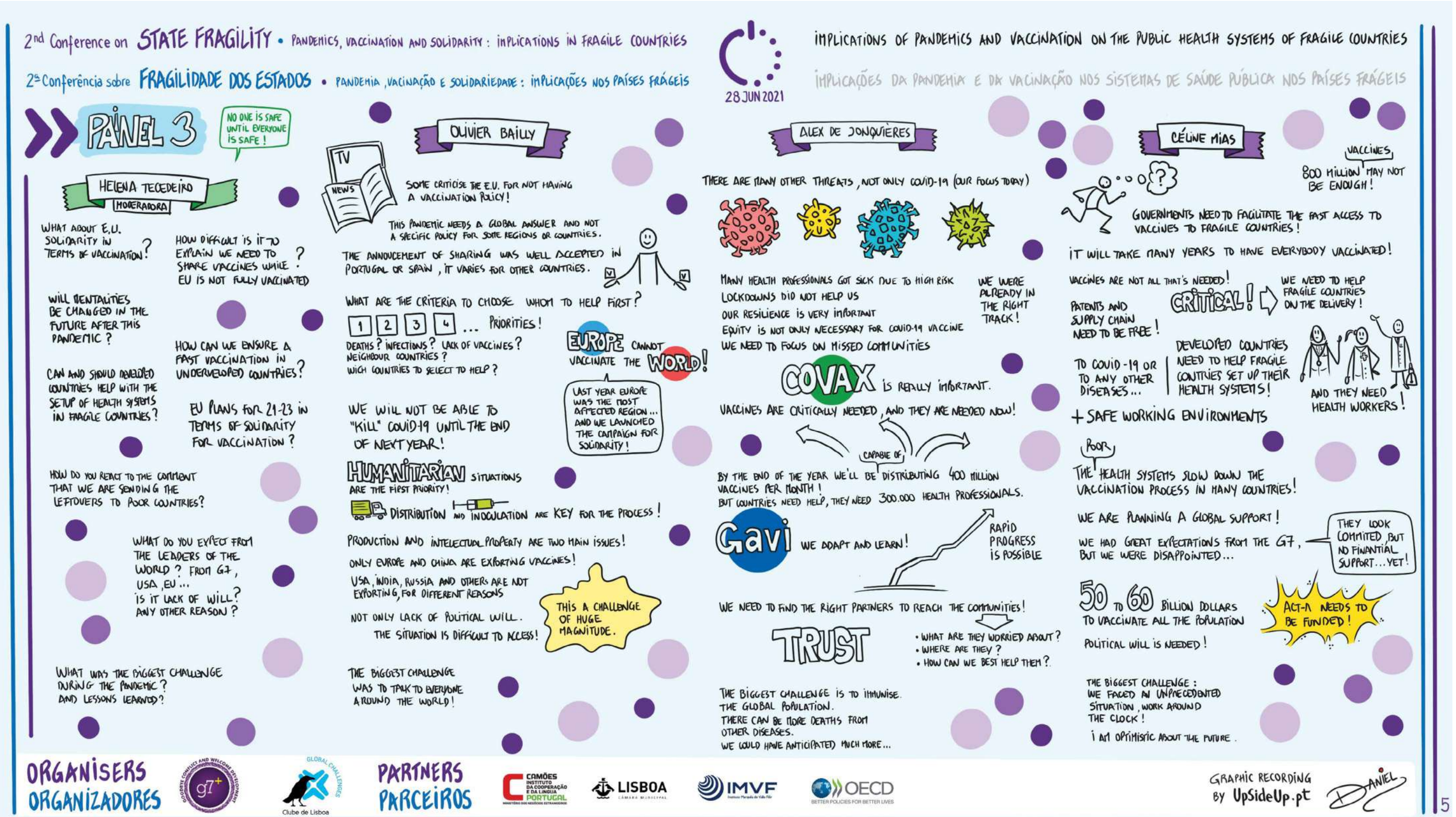
Ending with the most pressing challenges and lessons learned, speakers stressed the challenging process of adapting and learning while responding to multiple direct and indirect challenges arising from COVID-19. This the first time anyone has tried to set up a global mechanism to buy and deliver vaccines for the world, and therefore it is understandable that some things have not gone right. One thing certainly learned is that it is epidemiologically certain there will be another pandemic and therefore it is crucial to learn from this one and prepare for another, by having the mechanisms, the financing and the delivery systems in place to be able to respond rapidly.

Not losing sight of the big picture is also important, because there could be even more deaths from other diseases than from COVID-19, if we don't manage to maintain the services and focus on other health problems, while also making sure the pandemic is under control. The unprecedented global humanitarian situation caused by the pandemic is compounded by many other social and economic impacts that need to be properly addressed, including by supporting the most fragile countries in creating the necessary capacity to face the challenges ahead.

É igualmente importante ter em vista o cenário mais geral, uma vez que poderão existir ainda mais mortes por outras doenças do que pela COVID-19, se não conseguirmos manter os serviços e o enfoque noutros problemas de saúde, enquanto garantimos simultaneamente o controlo da doença. Esta pandemia causou uma situação humanitária global sem precedentes, a qual é agravada por muitos outros impactos sociais e económicos aos quais é preciso dar uma resposta adequada, nomeadamente através do apoio aos países mais frágeis na criação das capacidades necessária para enfrentarem os desafios futuros.

_VEJA O VÍDEO DESTE PAINEL

_WATCH THE VIDEO OF THIS PANEL


2nd Conference on STATE FRAGILITY • PANDEMICS, VACCINATION AND SOLIDARITY: IMPLICATIONS IN FRAGILE COUNTRIES
2ª Conferência sobre FRAGILIDADE DOS ESTADOS • PANDEMIA, VACINAÇÃO E SOLIDARIEDADE: IMPLICAÇÕES NOS PAÍSES FRÁGEIS
28 JUN 2021
IMPLICATIONS OF PANDEMICS AND VACCINATION ON THE PUBLIC HEALTH SYSTEMS OF FRAGILE COUNTRIES
IMPLICAÇÕES DA PANDEMIA E DA VACINAÇÃO NOS SISTEMAS DE SAÚDE PÚBLICA NOS PAÍSES FRÁGEIS
PAINEL 3
NO ONE IS SAFE UNTIL EVERYONE IS SAFE!
HELENA TECEDEIRO
MODERADORA
WHAT ABOUT E.U. SOLIDARITY IN TERMS OF VACCINATION?
WILL MENTALITIES BE CHANGED IN THE FUTURE AFTER THIS PANDEMIC?
CAN AND SHOULD DEVELOPED COUNTRIES HELP WITH THE SETUP OF HEALTH SYSTEMS IN FRAGILE COUNTRIES?
HOW DIFFICULT IS IT TO EXPLAIN WE NEED TO SHARE VACCINES WHILE EU IS NOT FULLY VACCINATED?
HOW CAN WE ENSURE A FAST VACCINATION IN UNDERDEVELOPED COUNTRIES?
EU PLANS FOR 21-23 IN TERMS OF SOLIDARITY FOR VACCINATION?
HOW DO YOU REACT TO THE COMMENT THAT WE ARE SENDING THE LEFTOVERS TO POOR COUNTRIES?
WHAT DO YOU EXPECT FROM THE LEADERS OF THE WORLD? FROM G7, USA, EU... IS IT LACK OF WILL? ANY OTHER REASON?
WHAT WAS THE BIGGEST CHALLENGE DURING THE PANDEMIC? AND LESSONS LEARNED?
OLIVIER BAILLY
TV
NEWS
SOME CRITICISE THE E.U. FOR NOT HAVING A VACCINATION POLICY!
THIS PANDEMIC NEEDS A GLOBAL ANSWER AND NOT A SPECIFIC POLICY FOR SOME REGIONS OR COUNTRIES.
THE ANNOUCEMENT OF SHARING WAS WELL ACCEPTED IN PORTUGAL OR SPAIN, IT VARIES FOR OTHER COUNTRIES.
WHAT ARE THE CRITERIA TO CHOOSE WHOM TO HELP FIRST?
1 2 3 4 ... PRIORITIES!
DEATHS? INFECTIONS? LACK OF VACCINES? NEIGHBOUR COUNTRIES? WICH COUNTRIES TO SELECT TO HELP?
EUROPE CANNOT VACCINATE THE WORLD!
LAST YEAR EUROPE WAS THE MOST AFFECTED REGION... AND WE LAUNCHED THE CAMPAIGN FOR SOLIDARITY!
WE WILL NOT BE ABLE TO "KILL" COVID-19 UNTIL THE END OF NEXT YEAR!
HUMANITARIAN SITUATIONS ARE THE FIRST PRIORITY!
DISTRIBUTION AND INOCULATION ARE KEY FOR THE PROCESS!
PRODUCTION AND INTELECTUAL PROPERTY ARE TWO MAIN ISSUES!
ONLY EUROPE AND CHINA ARE EXPORTING VACCINES!
USA, INDIA, RUSSIA AND OTHERS ARE NOT EXPORTING, FOR DIFFERENT REASONS
NOT ONLY LACK OF POLITICAL WILL. THE SITUATION IS DIFFICULT TO ACCESS!
THIS A CHALLENGE OF HUGE MAGNITUDE.
THE BIGGEST CHALLENGE WAS TO TALK TO EVERYONE AROUND THE WORLD!
ALEX DE JONQUIÈRES
THERE ARE MANY OTHER THREATS, NOT ONLY COVID-19 (OUR FOCUS TODAY)
MANY HEALTH PROFESSIONALS GOT SICK DUE TO HIGH RISK
LOCKDOWNS DID NOT HELP US
OUR RESILIENCE IS VERY IMPORTANT
EQUITY IS NOT ONLY NECESSARY FOR COVID-19 VACCINE
WE NEED TO FOCUS ON MISSED COMMUNITIES
WE WERE ALREADY IN THE RIGHT TRACK!
COVAX IS REALLY IMPORTANT.
VACCINES ARE CRITICALLY NEEDED, AND THEY ARE NEEDED NOW!
CAPABLE OF
BY THE END OF THE YEAR WE'LL BE DISTRIBUTING 400 MILLION VACCINES PER MONTH!
BUT COUNTRIES NEED HELP, THEY NEED 300.000 HEALTH PROFESSIONALS.
Gavi
WE ADAPT AND LEARN!
RAPID PROGRESS IS POSSIBLE
WE NEED TO FIND THE RIGHT PARTNERS TO REACH THE COMMUNITIES!
TRUST
• WHAT ARE THEY WORRIED ABOUT?
• WHERE ARE THEY?
• HOW CAN WE BEST HELP THEM?
THE BIGGEST CHALLENGE IS TO IMMUNISE THE GLOBAL POPULATION.
THERE CAN BE MORE DEATHS FROM OTHER DISEASES.
WE COULD HAVE ANTICIPATED MUCH MORE...
CÉLINE MIAS
VACCINES
800 MILLION MAY NOT BE ENOUGH!
GOVERNMENTS NEED TO FACILITATE THE FAST ACCESS TO VACCINES TO FRAGILE COUNTRIES!
IT WILL TAKE MANY YEARS TO HAVE EVERYBODY VACCINATED!
VACCINES ARE NOT ALL THAT'S NEEDED!
PATENTS AND SUPPLY CHAIN NEED TO BE FREE!
CRITICAL!
WE NEED TO HELP FRAGILE COUNTRIES ON THE DELIVERY!
TO COVID-19 OR TO ANY OTHER DISEASES...
DEVELOPED COUNTRIES NEED TO HELP FRAGILE COUNTRIES SET UP THEIR HEALTH SYSTEMS!
AND THEY NEED HEALTH WORKERS!
+ SAFE WORKING ENVIRONMENTS
POOR
THE HEALTH SYSTEMS SLOW DOWN THE VACCINATION PROCESS IN MANY COUNTRIES!
WE ARE PLANNING A GLOBAL SUPPORT!
WE HAD GREAT EXPECTATIONS FROM THE G7, BUT WE WERE DISAPPOINTED...
THEY LOOK COMMITED, BUT NO FINANTIAL SUPPORT... YET!
50 TO 60 BILLION DOLLARS TO VACCINATE ALL THE POPULATION
ACT-A NEEDS TO BE FUNDED!
POLITICAL WILL IS NEEDED!
THE BIGGEST CHALLENGE: WE FACED AN UNPRECEDENTED SITUATION, WORK AROUND THE CLOCK!
I AM OPTIMISTIC ABOUT THE FUTURE.
ORGANISERS
ORGANIZADORES
PARTNERS
PARCEIROS
GRAPHIC RECORDING BY UpSideUp.pt
DANIEL

ENCERRAMENTO CLOSING

_ FRANCISCO SEIXAS **DA COSTA**

_ HELDER **DA COSTA**

_ AUGUSTO **SANTOS SILVA**

FRANCISCO SEIXAS DA COSTA referiu que a pandemia da COVID-19 não poupou nenhuma zona do mundo, mas que a conferência demonstrou ser um imenso equívoco concluir de que estamos todos no mesmo barco. Nas sociedades nacionais houve uma clara assimetria social nas consequências desta crise, com o aumento das desigualdades e um efeito negativo sobre os mais pobres e com menos recursos, com impactos muito diversos nas condições de vida das famílias e até no acesso ao trabalho. Mas também na sociedade internacional, o modo como a pandemia se expandiu marcou de uma forma muito diferenciada os países.

FRANCISCO SEIXAS DA COSTA mentioned that the COVID-19 pandemic did not spare any area of the world, but that the conference proved to be a huge mistake to conclude that we are all in the same boat. In national societies there was a clear social asymmetry in the consequences of this crisis, with increasing inequalities and a negative effect on the poorest and least resourced, with very different impacts on the living conditions of families and even on access to work. But also in international society, the way in which the pandemic spread marked the countries in a very different way.

A COVID-19 é uma realidade nova, mas para alguns dos países frágeis, com condições sanitárias e de saúde precárias, dispondo de recursos escassos, quer materiais quer humanos, não é novidade o surgimento agudo de pandemias, seja de doenças que no mundo mais desenvolvido já foram controladas, seja de epidemias como o ébola ou outras cuja difusão é facilitada pela precariedade de condições sociais. Esta crise pandémica trouxe ainda à evidência aquilo que podemos designar como nacionalismo das vacinas, com o rápido surgimento de uma atitude de retração para proteção prioritária dos países produtores, que nesse instante logo esqueceram as vantagens que, em tempos normais, desfrutam do acesso a mercados terceiros ou beneficiam das oportunidades do comércio livre.

A grande lição de momentos como este, como já o havia sido o tempo da crise financeira de 2008, é a constatação de que o mundo não está equipado em termos institucionais e políticos para ter soluções rápidas para problemas prementes. Toma-se nota da boa vontade manifestada pelo G7 face à questão das vacinas que pecou por tardia. Quanto tempo irá demorar até serem implementadas essas mesmas decisões? Quantas pessoas morrerão de COVID-19 até lá? Houve um esforço do G7, em 2008, aquando da crise financeira, para reavivar o G20. Mas quando a generalidade dos países emergentes pediu que essa cooptação fosse consagrada, por exemplo, na alteração da relação de força no âmbito das instituições de Bretton Woods ou mesmo no equilíbrio obsoleto no Conselho de Segurança da ONU, a vontade de abertura foi muito mais limitada.

COVID-19 is a new reality, but for some of the fragile countries, with precarious sanitary and health conditions, with scarce resources, both material and human, the acute emergence of pandemics is not new, either from diseases that in the more developed world have already been controlled, or from epidemics such as Ebola or others whose spread is facilitated by the precariousness of social conditions. This pandemic crisis also brought to the fore what we can call vaccine nationalism, with the rapid emergence of an attitude of retraction for the priority protection of producing countries, which at that moment soon forgot the advantages that, in normal times, they enjoy from access to third markets or benefit from free trade opportunities.

The great lesson of moments like these, as was the case with the 2008 financial crisis, is the realisation that the world is not institutionally and politically equipped to have quick solutions to pressing problems. We took note of the goodwill shown by the G7 towards vaccines, but that was late: how long will it take for these same decisions to be implemented and how many people will die from COVID-19 by then? There was an effort by the G7 in 2008, during the financial crisis, to revive the G20, but when most emerging countries asked for the recognition of this relevance, for example, by changing the balance of power within the Bretton Woods institutions or even in the obsolete balance in the UN Security Council, the willingness to open up was much more limited.

Esta pandemia veio sublinhar ainda mais a necessidade de dar força e instrumentos às estruturas de natureza multilateral que têm por vocação tratar de situações de catástrofe e gerir estruturas de early warning para crises sanitárias à escala global. No plano europeu, existe vontade de não ficar para trás neste domínio e de se afirmar como ator mundial. É um terreno em que há dificuldades dentro da União Europeia, a qual tem esquecido a sua natureza de soft power e de promotor de relações à escala internacional em matéria de desenvolvimento.

AUGUSTO SANTOS SILVA também relembrou que o multilateralismo é um imperativo, pois a complexidade da situação contemporânea exige concertação coletiva e ação cooperativa. Nesse quadro, o apoio aos países em situação de fragilidade é prioritário, não apenas do ponto de vista político, mas também da cooperação concreta em projetos com resultados visíveis. É, pelo menos, isso que pensa Portugal e que pratica a cooperação portuguesa seja na sua ação a nível bilateral, designadamente com os nossos países parceiros, seja na sua ação multilateral.

No quadro bilateral, o apoio às instituições nacionais dos Estados em situação de fragilidade é central. Portugal apoia os atores nacionais relevantes a procurar evoluir dessa situação de fragilidade para o desenvolvimento de sociedades resilientes, o que implica um trabalho de robustecimento das instituições, de fortalecimento do Estado, de melhoria da capacidade de o Estado prestar serviços às respetivas

This pandemic has further underlined the need to give strength and instruments to multilateral structures focused on responding to disaster situations and managing early warning structures for health crises on a global scale. At the European level, there is willingness not to be left behind in this matter and to assert itself as a global player. It is an area where difficulties are revealed within the European Union, which has forgotten its nature as a soft power and as a promoter of international development relations.

AUGUSTO SANTOS SILVA also recalled that multilateralism is imperative, as the complexity of the contemporary situation requires collective concertation and cooperative action. Within this framework, support for countries in situations of fragility is a priority, not only from a political point of view, but also in terms of concrete cooperation in projects with visible results. This is, at least, what Portugal thinks and what Portuguese cooperation practices, whether in its bilateral action, namely with our partner countries, or in its multilateral action.

At the bilateral level, support to the national institutions of fragile States is central. Portugal supports the relevant national actors to evolve from this situation of fragility to the development of resilient societies, which implies a work of strengthening institutions, strengthening the State, improving the capacity of the State to provide services to the respective populations, ensuring human security and also, to the extent of its powers, the importance of the

populações, cuidar da segurança humana e também, na medida das suas competências, a importância do Estado contribuir para a redução de desigualdades sociais e económicas e para a proteção dos mais desfavorecidos ou daqueles que se encontram em condições de maior vulnerabilidade.

No quadro multilateral, desde sempre Portugal tem defendido uma atenção especial aos contextos geradores de fragilidade. Essa atenção deve fazer-se através de abordagens integradas, dirigindo-se às várias dimensões que geram esses contextos de fragilidade, bem como de abordagens adequadas a cada situação, porque cada contexto é específico e deve ser abordado com instrumentos próprios.

Portugal defendeu a integração do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 16, que diz respeito à paz, justiça, e instituições eficazes, na Agenda 2030, juntamente com os países do g7+ que partilham a convicção de que não pode haver desenvolvimento sustentável sem paz e estabilidade e que, por sua vez, sem esse desenvolvimento sustentável e sem a correlativa erradicação da pobreza não existe uma paz duradoura.

Esta crise pandémica veio, mais uma vez, lembrar da importância da ação coletiva, eficiente e concertada, bem a necessidade de cultivar um espírito de solidariedade e entreajuda. Esta é, verdadeiramente, a única forma de dar resposta a crises e emergências globais, que não conhecem fronteiras e que têm consequências humanitárias, sanitárias e socioeconómicas que nos afetam todos, embora de forma diferenciada – com consequências mais negativas sobre os países em situação de maior fragilidade e sobre as populações com maior vulnerabilidade.

State to contribute to the reduction of social and economic inequalities and to the protection of the most disadvantaged or those who are in conditions of greater vulnerability.

At a multilateral level, Portugal has always defended special attention to contexts that generate fragility. This must be pursued through integrated approaches, addressing the various dimensions that generate these contexts of fragility, as well as adapted approaches to each situation, because each context is specific and must be addressed with adequate instruments.

Portugal defended the integration of Sustainable Development Goal 16, which concerns peace, justice and effective institutions, in the 2030 Agenda, together with the g7+ countries that share the conviction that there can be no sustainable development without peace and stability and that, in turn, without sustainable development and the related poverty eradication, there is no lasting peace.

This pandemic crisis has once again reminded us of the importance of collective, efficient and concerted action, as well as the need to cultivate a spirit of solidarity and mutual help. This is truly the only way to respond to global crises and emergencies, which know no borders and which have humanitarian, health and socio-economic consequences that affect us all, albeit in a different way – with more negative consequences for countries in fragile situations and for the most vulnerable populations.

O desenvolvimento de vacinas contra a COVID-19 foi o mais rápido, do ponto de vista da sua descoberta, produção e distribuição, da história da vacinação universal. Com efeito, foi graças à união de esforços ao mais alto nível e à escala global, e à mobilização rápida de recursos que foi possível dar um salto qualitativo sem precedentes com a disponibilização de vacinas seguras contra a COVID-19 em menos de um ano. Neste contexto, Portugal privilegia uma resposta multilateral, coordenada e concertada, no combate à pandemia, liderada pela União Europeia, mas assumiu também um compromisso próprio a nível bilateral: doar aos países africanos de língua portuguesa e a Timor-Leste, pelo menos, 5% do total de vacinas do processo de aquisição europeu. A distribuição equitativa e rápida de vacinas é um dos principais problemas com que o mundo se defronta e uma das principais responsabilidades da comunidade internacional. As vacinas são bens públicos globais que devem ser acessíveis para todos e essa distribuição equitativa universal das vacinas tem de ter especial atenção à situação dos países em contexto de maior fragilidade.

É também preciso ter em conta que os contextos de fragilidade exigem uma atuação mais eficaz em vários domínios. Na União Europeia, fala-se cada vez mais na abordagem do triplo nexo - ajuda humanitária, desenvolvimento e paz – devendo a ligação entre as questões destas três dimensões, quando necessária, estar sempre presentes nas ações prosseguidas.

The development of vaccines against COVID-19 was the fastest, from the point of view of their discovery, production and distribution, in the history of universal vaccination. Indeed, it was thanks to the union of efforts at the highest level and on a global scale, and the rapid mobilisation of resources, that it was possible to make an unprecedented qualitative leap with the availability of safe vaccines against COVID-19 in less than a year. In this context, Portugal favours a multilateral, coordinated and concerted response in the fight against the pandemic, led by the European Union, but has also made its own commitment at a bilateral level: to donate to Portuguese-speaking African countries and Timor-Leste at least 5 % of total vaccines in the European procurement process. The equitable and rapid distribution of vaccines is one of the main problems facing the world and one of the main responsibilities of the international community. Vaccines are global public goods that must be accessible to all, and this universal equitable distribution of vaccines must pay special attention to the situation of fragile countries.

It is also necessary to consider that contexts of fragility require more effective action in several areas. In the European Union, there is increasing focus on the triple nexus approach - humanitarian aid, development and peace -, and the linkages between these three dimensions, whenever necessary, must always be present in the actions pursued.

HELDER DA COSTA salientou as principais conclusões da conferência, as quais foram enviadas pelo Clube de Lisboa e o g7+ às instâncias da União Europeia, particularmente à Presidência Portuguesa do Conselho, salientando algumas das questões mais relevantes:

_ Reconhecendo o impacto adverso desproporcional da pandemia em países afetados por conflitos, como os do grupo g7+, os participantes sublinharam a necessidade de a comunidade internacional dar prioridade a esse apoio.

_ Referindo o crescente nível de violência nos contextos já afetados por conflitos, foi salientado um forte apelo para a prossecução de um cessar-fogo. Os participantes apelaram à comunidade internacional, em particular às Nações Unidas, às potências e organizações regionais, para não pouparem esforços no fim dos conflitos violentos. O desafio comum - derrotar a pandemia - só pode ser abordado se os países estiverem em paz.

_ Elogiando iniciativas como a COVAX, foram suscitadas preocupações sobre a desigualdade na distribuição da vacinação contra a Covid-19. Reconhecendo que "ninguém está seguro até que todos estejam seguros", sublinhou-se que os países desenvolvidos e as organizações internacionais devem garantir que os países e populações pobres do mundo não sejam deixados para trás.

HELDER DA COSTA highlighted the main conference's conclusions, which were sent by the Lisbon Club and the g7+ to the European Union, particularly to the Portuguese Presidency of the Council, in which some of the most relevant issues were stressed:

_ Recognising the disproportionate adverse impact of the pandemic in conflict-affected countries such as those in the g7+ group, participants underscored prioritising support to be provided by the international community.

_ Realising the increasing level of violence in the already conflict-affected settings, a strong plea was made for pursuing a ceasefire. Participants called upon the international community, in particular the United Nations, regional powers and organisations, to spare no effort to help stop wars. The common challenge - to defeat the pandemic - can only be addressed if countries are in peace.

_ Commending initiatives such as COVAX, concerns were raised on the inequality in the distribution of Covid-19 vaccination. Recognising that "no one is safe until everyone is safe", it was underlined that developed countries and international organisations should ensure that the world's poor countries and populations are not left behind.

_ À medida que a Covid-19 desencadeia uma fragilidade acrescida nos sistemas globais e nacionais, os participantes enfatizaram a necessidade de investimento nas instituições dos países frágeis e afetados por conflitos, para torná-las mais eficazes e com capacidade de resposta.

_ Os participantes enfatizaram a necessidade de acelerar a produção e distribuição de vacinas. A sua concentração em alguns países desenvolvidos tem prejudicado o ritmo de vacinação de toda a população do globo. Várias possibilidades foram propostas, incluindo o levantamento de patentes, a remoção de proibições de exportação de componentes de vacinas, bem como a necessidade de criar e financiar instalações de produção de vacinas em países em desenvolvimento, inclusive naqueles com instituições e economias frágeis.

_ Os participantes sublinharam a necessidade de solidariedade e cooperação global como única forma de mitigar os impactos negativos e duradouros da Covid-19, incluindo um sentido de urgência relativamente aos países mais pobres.

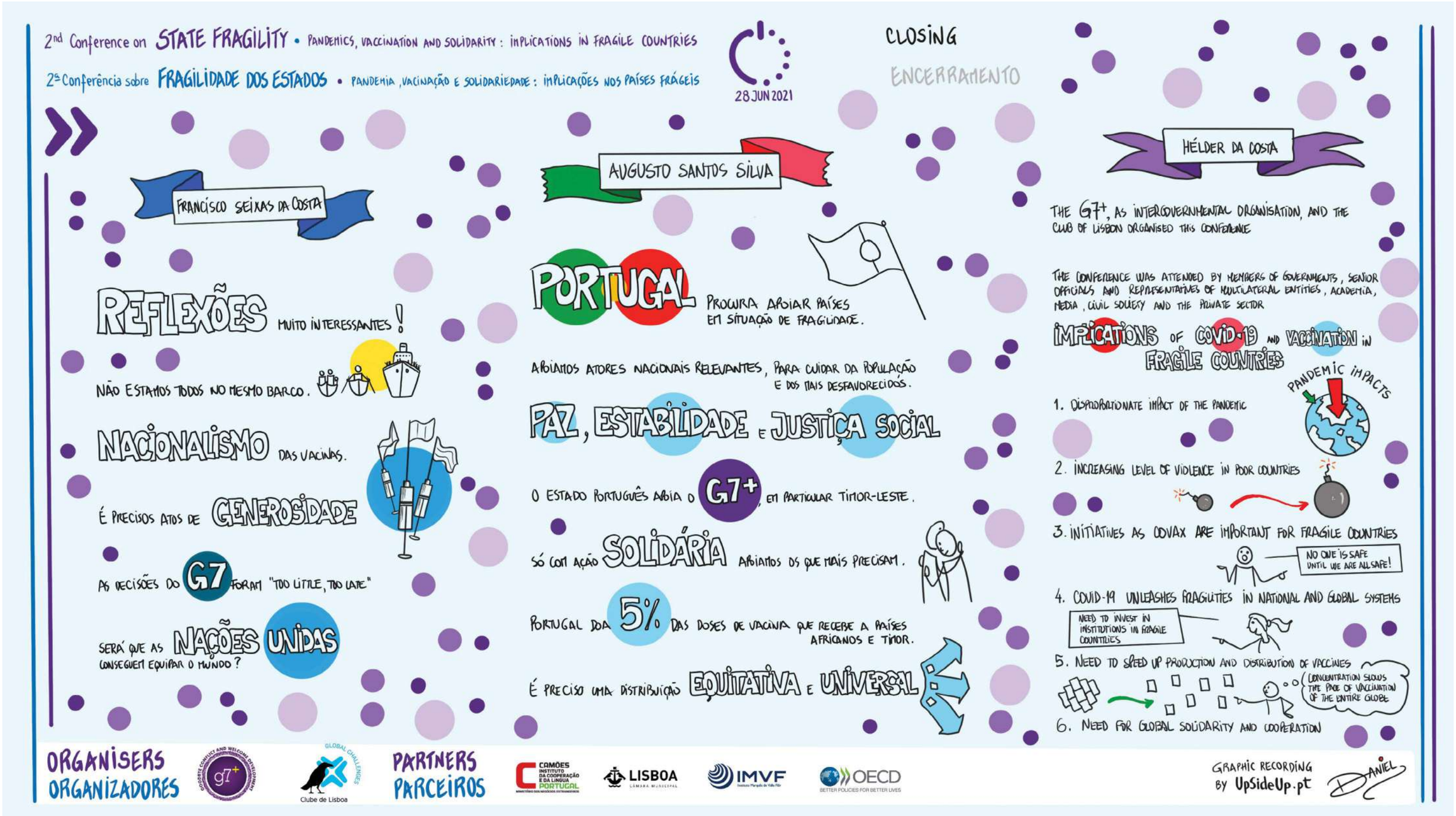
_ As Covid-19 unleashes fragility in the global and national systems, participants emphasised the need to invest in institutions in fragile and conflict-affected countries, to make them more effective and responsive.

_ Participants emphasised the need to speed up production and distribution of vaccines. Its concentration in a few developed countries is slowing the pace of vaccination of the entire population of the globe. Various possibilities were proposed, including the waiver of patents, the removal of export bans of vaccine components as well as the need to create and finance vaccine production facilities in developing countries, including in those with fragile institutions and economies.

_ Participants underscored the need for global solidarity and cooperation as the only way to mitigate the grim and long-lasting impact of Covid-19, with a sense of acting urgently in poor countries.

_VEJA O VÍDEO DA SESSÃO DE ENCERRAMENTO

_WATCH THE VIDEO OF THE CLOSING SESSION


2nd Conference on STATE FRAGILITY • PANDEMICS, VACCINATION AND SOLIDARITY: IMPLICATIONS IN FRAGILE COUNTRIES
2ª Conferência sobre FRAGILIDADE DOS ESTADOS • PANDEMIA, VACINAÇÃO E SOLIDARIEDADE: IMPLICAÇÕES NOS PAÍSES FRÁGEIS
28 JUN 2021
CLOSING
ENCERRAMENTO
FRANCISCO SEIXAS DA COSTA
REFLEXÕES MUITO INTERESSANTES!
NÃO ESTAMOS TODOS NO MESMO BARCO.
NACIONALISMO DAS VACINAS.
É PRECISOS ATOS DE GENEROSIDADE
AS DECISÕES DO G7 FORAM "TOO LITTLE, TOO LATE"
SERÁ QUE AS NAÇÕES UNIDAS CONSEGUEM EQUIPAR O MUNDO?
AUGUSTO SANTOS SILVA
PORTUGAL
PROCURA APOIAR PAÍSES EM SITUAÇÃO DE FRAGILIDADE.
APOIAMOS ATORES NACIONAIS RELEVANTES, PARA CUIDAR DA POPULAÇÃO E DOS MAIS DESFAVORECIDOS.
PAZ, ESTABILIDADE E JUSTIÇA SOCIAL
O ESTADO PORTUGUÊS APOIA O G7+, EM PARTICULAR TIMOR-LESTE.
SÓ COM AÇÃO SOLIDÁRIA APOIAMOS OS QUE MAIS PRECISAM.
PORTUGAL DOA 5% DAS DOSES DE VACINA QUE RECEBE A PAÍSES AFRICANOS E TIMOR.
É PRECISO UMA DISTRIBUIÇÃO EQUITATIVA E UNIVERSAL
HÉLDER DA COSTA
THE G7+, AS INTERGOVERNMENTAL ORGANISATION, AND THE CLUB OF LISBON ORGANISED THIS CONFERENCE
THE CONFERENCE WAS ATTENDED BY MEMBERS OF GOVERNMENTS, SENIOR OFFICIALS AND REPRESENTATIVES OF MULTILATERAL ENTITIES, ACADEMIA, MEDIA, CIVIL SOCIETY AND THE PRIVATE SECTOR
IMPLICATIONS OF COVID-19 AND VACCINATION IN FRAGILE COUNTRIES
PANDEMIC IMPACTS
1. DISPROPORTIONATE IMPACT OF THE PANDEMIC
2. INCREASING LEVEL OF VIOLENCE IN POOR COUNTRIES
3. INITIATIVES AS COVAX ARE IMPORTANT FOR FRAGILE COUNTRIES
NO ONE IS SAFE UNTIL WE ARE ALL SAFE!
4. COVID-19 UNLEASHES FRAGILITIES IN NATIONAL AND GLOBAL SYSTEMS
NEED TO INVEST IN INSTITUTIONS IN FRAGILE COUNTRIES
5. NEED TO SPEED UP PRODUCTION AND DISTRIBUTION OF VACCINES
CONCENTRATION SLOWS THE PACE OF VACCINATION OF THE ENTIRE GLOBE
6. NEED FOR GLOBAL SOLIDARITY AND COOPERATION
ORGANISERS
ORGANIZADORES
Clube de Lisboa
PARTNERS
PARCEIROS
CAMÕES INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA PORTUGAL
LISBOA
IMVF
OECD
BETTER POLICIES FOR BETTER LIVES
GRAPHIC RECORDING BY UpSideUp.pt
DANIEL

Conferences on

_STATE FRAGILITY

_PROGRAMA

_PROGRAMME

28 DE JUNHO 2021/ ***28TH JUNE 2021***

EVENTO ONLINE - ***ONLINE EVENT*** - *FROM LISBON TO THE WORLD*

#statefragility

_PROGRAMA

09H00-09H30

_ ABERTURA

_ PEKKA HAAVISTO
_ MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS DA FINLÂNDIA, HELSÍNQUIA

_ JOÃO RIBEIRO DE ALMEIDA
_ PRESIDENTE DO CAMÕES I.P., LISBOA

09H45-10H30

_ SESSÃO ESPECIAL: SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL PARA COM OS PAÍSES FRÁGEIS

QUAL É O PAPEL DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PARA ERRADICAR A PANDEMIA E PARA GARANTIR A VACINAÇÃO RÁPIDA E GRATUITA NOS PAÍSES FRÁGEIS E NAS COMUNIDADES VULNERÁVEIS?

_ DAVID CAMERON
_ COPRESIDENTE DO CONSELHO SOBRE FRAGILIDADE DOS ESTADOS, ANTIGO PRIMEIRO-MINISTRO DO REINO UNIDO, LONDRES

MODERADORA:

_ LUÍSA MEIRELES
_ DIRETORA DE INFORMAÇÃO DA LUSA, AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DE PORTUGAL, LISBOA

10H45-12H15

_ GEOPOLÍTICA E DIPLOMACIA DA PANDEMIA

QUAIS SÃO AS IMPLICAÇÕES GEOPOLÍTICAS E DIPLOMÁTICAS DA PANDEMIA E DA VACINAÇÃO? NOS PAÍSES FRÁGEIS, OS CONFLITOS VIOLENTOS FORAM SUSPENSOS, OU BAIXARAM DE INTENSIDADE?

_ XANANA GUSMÃO
_ PERSONALIDADE EMINENTE DO G7+, ANTIGO PRESIDENTE E PRIMEIRO-MINISTRO DE TIMOR-LESTE, DÍLI

_ JORGE MOREIRA DA SILVA
_ DIRETOR DO DIRETORADO PARA O DESENVOLVIMENTO, OCDE, ANTIGO MINISTRO DO AMBIENTE, PLANEAMENTO DO TERRITÓRIO E ENERGIA DE PORTUGAL, PARIS

_ WAHIDULLAH WAISSI
_ EMBAIXADOR DO AFEGANISTÃO NA AUSTRÁLIA, NOVA ZELÂNDIA E FIJI

MODERADORA:

_ BÁRBARA REIS
_ REDATORA PRINCIPAL DO PÚBLICO, LISBOA

14H00-15H30

_ IMPACTOS ECONÓMICOS DA PANDEMIA NOS PAÍSES FRÁGEIS

QUAL É O IMPACTO DA PANDEMIA NAS ECONOMIAS DOS PAÍSES FRÁGEIS? PODERÁ ORIGINAR MUDANÇAS NOS MODELOS DE CRESCIMENTO? QUAL O PAPEL DAS INICIATIVAS PÚBLICAS, PRIVADAS E DOS DOADORES?

_ JORGE THOMPSON ARAÚJO
_ PRACTICE MANAGER, MACROECONOMIA (AMÉRICA LATINA E CARAÍBAS), BANCO MUNDIAL, WASHINGTON

_ CLARA BRANDI
_ CHEFE DO PROGRAMA SOBRE TRANSFORMAÇÃO DOS SISTEMAS ECONÓMICOS E SOCIAIS, INSTITUTO ALEMÃO PARA O DESENVOLVIMENTO (DIE), BERLIM

_ PAULO GOMES
_ COPRESIDENTE DO AFROCHAMPIONS, PRESIDENTE DA ORANGO INVESTMENT CORPORATION, DAKAR

MODERADOR:

_ RICARDO ALEXANDRE
_ DIRETOR ADJUNTO E EDITOR DE POLÍTICA INTERNACIONAL DA TSF, LISBOA

15H45-17H15

_ IMPLICAÇÕES DA PANDEMIA E DA VACINAÇÃO NOS SISTEMAS DE SAÚDE PÚBLICA NOS PAÍSES FRÁGEIS

A VACINAÇÃO GLOBAL E GRATUITA ESTÁ GARANTIDA? COMO REFORÇAR OS SISTEMAS DE SAÚDE PÚBLICA NOS PAÍSES FRÁGEIS? É VIÁVEL AUMENTAR A PRODUÇÃO DE VACINAS SEM A RENÚNCIA A PATENTES?

_ OLIVIER BAILLY
_ COORDENADOR DA TASK FORCE DA UE SOBRE A ESTRATÉGIA DE VACINAÇÃO, BRUXELAS

_ ALEX DE JONQUIÈRES
_ DIRETOR DE SISTEMAS DE SAÚDE & REFORÇO IMUNITÁRIO DA GAVI – VACCINE ALLIANCE, GENEBRA

_ CÉLINE MIAS
_ VICE-PRESIDENTE DA CONCORD, DIRETORA DO GABINETE DA CARE INTERNATIONAL NA UE, BRUXELAS

MODERATOR:

_ HELENA TECEDEIRO
_ EDITORA EXECUTIVA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS, LISBOA

17H30-18H00

_ ENCERRAMENTO

_ FRANCISCO SEIXAS DA COSTA
_ PRESIDENTE DO CLUBE DE LISBOA

_ HÉLDER DA COSTA
_ SECRETÁRIO-GERAL DO G7+

_ AUGUSTO SANTOS SILVA
_ MINISTRO DE ESTADO E DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS DE PORTUGAL

_PROGRAMME

09H00-09H30

_ OPENING

_ PEKKA HAAVISTO
_ MINISTER OF FOREIGN AFFAIRS OF FINLAND, HELSINKI

_ JOÃO RIBEIRO DE ALMEIDA
_ PRESIDENT OF CAMÕES I.P., LISBON

09H45-10H30

_ SPECIAL SESSION: INTERNATIONAL SOLIDARITY TOWARDS FRAGILE COUNTRIES

WHAT IS THE ROLE FOR INTERNATIONAL COOPERATION IN DEFEATING PANDEMICS AND GUARANTEEING A FREE AND QUICK VACCINATION IN FRAGILE COUNTRIES AND VULNERABLE COMMUNITIES?

_ DAVID CAMERON
_ CO-CHAIR OF THE COUNCIL ON STATE FRAGILITY, FORMER PRIME-MINISTER OF THE UNITED KINGDOM, LONDON

MODERATOR:

_ LUÍSA MEIRELES
_ EDITOR IN CHIEF OF LUSA, THE PORTUGUESE NEWS AGENCY, LISBON

10H45-12H15

_ GEOPOLITICS AND DIPLOMACY OF THE PANDEMIC

HOW DO THE PANDEMIC AND THE GLOBAL VACCINATION IMPACT ON GEOPOLITICS AND DIPLOMACY? WERE VIOLENT CONFLICTS CONTAINED, OR DID THEY DIMINISH IN FRAGILE COUNTRIES?

_ XANANA GUSMÃO
_ EMINENT PERSON OF THE G7+, FORMER PRESIDENT AND PRIME-MINISTER OF EAST-TIMOR, DILI

_ JORGE MOREIRA DA SILVA
_ DIRECTOR OF THE DEVELOPMENT DIRECTORATE, OECD, FORMER MINISTER OF ENVIRONMENT, SPATIAL PLANNING AND ENERGY OF PORTUGAL, PARIS

_ WAHIDULLAH WAISSI
_ AMBASSADOR OF AFGHANISTAN ACCREDITED TO AUSTRALIA, NEW ZEALAND AND FIJI

MODERATOR:

_ BÁRBARA REIS
_ EDITOR-AT-LARGE, PÚBLICO NEWSPAPER LISBON

14H00-15H30

_ ECONOMIC IMPACTS OF THE PANDEMIC IN FRAGILE COUNTRIES

HOW ARE FRAGILE COUNTRIES' ECONOMIES BEING DISRUPTED BY THE PANDEMIC? IS THIS A WINDOW FOR CHANGE IN ECONOMIC GROWTH? WHAT IS THE ROLE FOR PUBLIC, PRIVATE AND DONORS' INITIATIVES?

_ JORGE THOMPSON ARAÚJO
_ PRACTICE MANAGER FOR MACROECONOMICS (LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN), WORLD BANK, WASHINGTON

_ CLARA BRANDI
_ HEAD OF PROGRAMME TRANSFORMATION OF ECONOMIC AND SOCIAL SYSTEMS, GERMAN DEVELOPMENT INSTITUTE, BERLIN

_ PAULO GOMES
_ AFROCHAMPIONS CO-CHAIR, CHAIRMAN OF ORANGO INVESTMENT CORPORATION, DAKAR

MODERATOR:

_ RICARDO ALEXANDRE
_ DEPUTY DIRECTOR AND INTERNATIONAL AFFAIRS EDITOR, TSF RADIO, LISBON

15H45-17H15

_ IMPLICATIONS OF PANDEMICS AND VACCINATION ON THE PUBLIC HEALTH SYSTEMS OF FRAGILE COUNTRIES

IS FREE, GLOBAL VACCINATION GUARANTEED? HOW TO REINFORCE PUBLIC HEALTH SYSTEMS IN FRAGILE COUNTRIES? IS IT POSSIBLE TO INCREASE VACCINE PRODUCTION WITHOUT A PATENTS' WAIVER?

_ OLIVIER BAILLY
_ HEAD OF THE EU TASK FORCE ON VACCINE STRATEGY, BRUSSELS

_ ALEX DE JONQUIÈRES
_ DIRECTOR OF HEALTH SYSTEMS & IMMUNISATION STRENGTHENING AT GAVI – THE VACCINE ALLIANCE, GENEVA

_ CÉLINE MIAS
_ VICE-PRESIDENT OF CONCORD, DIRECTOR OF CARE INTERNATIONAL'S EU OFFICE, BRUSSELS

MODERATOR:

_ HELENA TECEDEIRO
_ EXECUTIVE EDITOR, DIÁRIO DE NOTÍCIAS NEWSPAPER, LISBON

17H30-18H00

_ CLOSING

_ FRANCISCO SEIXAS DA COSTA
_ CHAIRMAN OF THE CLUB OF LISBON

_ HÉLDER DA COSTA
_ GENERAL SECRETARY OF THE G7+

_ AUGUSTO SANTOS SILVA
_ MINISTER OF STATE AND FOREIGN AFFAIRS OF PORTUGAL

OS NÚMEROS DA CONFERÊNCIA
THE CONFERENCE IN NUMBERS

19
ORADORES/SPEAKERS

DE/FROM
13
PAÍSES / COUNTRIES

345
PARTICIPANTES / PARTICIPANTS

64%
DOS PARTICIPANTES
/OF PARTICIPANTS:

36-65
ANOS DE IDADE / YEARS

40,8%
MULHERES / FEMALE PARTICIPANTS

53,4%
HOMENS / MALE PARTICIPANTS

A DIVULGAÇÃO DO EVENTO ONLINE
ABRANGEU / THE DISSEMINATION
OF THE EVENT REACHED OUT
57483
PESSOAS/PEOPLE

_VEJA OS VÍDEOS
DAS SESSÕES
_WATCH THE VIDEOS

_MAIS
INFORMAÇÃO SOBRE
AS CONFERÊNCIAS
_MORE INFORMATION
ON THE CONFERENCES

Disclaimer:

O conteúdo desta publicação corresponde a um relatório síntese temático da conferência, seguido de um resumo das intervenções e debates, organizados por cada painel. As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos autores e intervenientes e não comprometem qualquer instituição.

Os cargos dos oradores apresentados no texto e no programa correspondem à realidade aquando da realização da conferência, não contemplando quaisquer alterações desde então.

Pode copiar ou imprimir o conteúdo desta publicação, bem como citar ou reproduzir trechos dos textos desde que mencione a fonte. Esta publicação deve ser citada como "Conferências sobre Fragilidade dos Estados 2021; Pandemia, Vacinação e Solidariedade: Implicações nos Países Frágeis. Clube de Lisboa".

The contents of this publication corresponds to a thematic synthesis report of the conference, followed by a summary of the speeches and debates held in each panel. The views expressed are those of the authors and speakers only and should not be attributed to any other person or institution.

The speakers' positions presented in the text and programme correspond to the reality at the time of the conference and do not include any changes since then.

You may copy and print this publication, as well as quoting or using its contents, provided that the source is mentioned. This publication should be cited as "Conferences on State Fragility 2021; Pandemics, Vaccination and Solidarity: Implications in Fragile Countries. Club of Lisbon".

Data de publicação | Date of publication:

Lisboa, Novembro de 2022 |
Lisbon, November 2022

Edição de conteúdos | Contents & Text Editing

Jéssica Bruno
Mariana Álvares
Marília Ferreira da Cunha
Patrícia Magalhães Ferreira
Pedro Cruz

Autoria do Relatório Síntese | Author of the Synthesis Report

Patrícia Magalhães Ferreira

Coordenação | Coordination

Fernando Jorge Cardoso

Edição | Edited by

Clube de Lisboa

ISBN

978-989-53057-3-5

Apoio | Support

Camões - Instituto da Cooperação e da LÍngua, I.P.

Impressão | Printing:

Imprensa Municipal.

Depósito Legal | Legal Deposit:

514550/23

Design e Paginação | Design and Layout

A COR Laranja – Projetos Gráficos

ACOR LARANJA
PROJETOS GRÁFICOS

Conferences on

_STATE FRAGILITY

#statefragility

_ ORGANISERS

GLOBAL CHALLENGES

Clube de Lisboa

GOODBYE CONFLICT, WELCOME DEVELOPMENT

g7+

_PARTNERS

CAMÕES INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA PORTUGAL

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

OECD

BETTER POLICIES FOR BETTER LIVES

LISBOA

CÂMARA MUNICIPAL

IMVF

Instituto Marquês de Valle Flôr